

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ÁREA: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

**DIALOGISMO E FONOAUDIOLOGIA:  
a intersubjetividade na clínica**

JEFFERSON LOPES CARDOSO

ORIENTADOR: PROF. DR. VALDIR DO NASCIMENTO FLORES

Dissertação apresentada como  
requisito parcial para obtenção  
do título de mestre em Estudos  
da Linguagem

Porto Alegre, outubro de 2002

O tempo é indivisível. Dize,  
Qual o sentido do calendário?  
Tombam as folhas e fica a árvore,  
Contra o vento incerto e vário.

A vida é indivisível. Mesmo  
A que se julga mais dispersa  
E pertence a um eterno diálogo  
A mais inseqüente conversa.

Todos os poemas são um mesmo poema,  
Todos os porres são o mesmo porre,  
Não é de uma vez que se morre...  
Todas as horas são horas extremas!

Mário Quintana

(Pequeno poema didático)

## AGRADECIMENTOS

À Daniele, por dividir comigo todos os momentos dessa trajetória, ajudando muito mais do que imagina. Sua presença constante tornou tudo mais fácil e mais bonito.

Um reconhecimento especial ao professor Valdir, cuja dedicação aos estudos é realmente empolgante. A seriedade com que conduz o trabalho, a capacidade de dialogar com diferentes campos do saber, a humildade que lhe permite negar a onipotência e a sensibilidade de perceber a singularidade do aluno são algumas de suas virtudes. O professor Valdir, ou o Valdir, é um desses mestres, difíceis de se encontrar e fácil de se admirar. Por essas razões, me sinto privilegiado por ter recebido sua orientação.

Aos meus afilhados, familiares e amigos, por compreenderem a minha ausência.

Às amigas e colegas Fabiana, Luiza e Liziane, co-responsáveis pelo meu ingresso no mestrado e com quem pude discutir questões relacionadas à fonoaudiologia. Antes de tê-las como interlocutoras, as tenho como grandes amigas.

À Denise e à Maribel, pela grande ajuda no acesso à bibliografia utilizada no processo de análise.

À Heloísa, pela disponibilidade e qualidade na realização da tradução.

Aos coordenadores dos cursos de fonoaudiologia do R.G.S., pela receptividade e fornecimento de documentos necessários para a pesquisa.

À UFRGS e às pessoas que fazem parte desta universidade. É muito bom saber que temos uma universidade pública de excelente qualidade, que pesem as dificuldades que a área da educação enfrenta em nosso país.

Ao CNPq, cujo auxílio foi fundamental para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	13
RÉSUMÉ.....	14
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. FONOAUDIOLOGIA:</b>	
reflexões sobre as origens da construção de um campo.....	22
<b>2. M. BAKHTIN E O DIALOGISMO.....</b>	<b>51</b>
2.1. O Estudo da Enunciação.....	51
2.2. O Percurso de M. Bakhtin.....	63
2.3. O Dialogismo e o Diálogo: uma introdução.....	72
2.4. Linguagem, língua e a palavra.....	81
2.5. O Enunciado e as Relações Dialógicas.....	100
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>117</b>
3.1. Do corpus.....	117
3.1.1. Dos critérios de seleção do corpus.....	117
3.2. Dos pontos norteadores de análise.....	123
3.3. Das unidades de análise.....	124
<b>4. ANÁLISE DO CORPUS.....</b>	<b>127</b>
4.1. Apresentação e descrição dos enunciados.....	127
4.1.1. Grupo 1: alterações fonológicas/fala.....	127
4.1.2. Grupo 2: disfluência/gagueira.....	133
4.1.3. Grupo 3: linguagem.....	137
4.1.4. Grupo 4: afasia.....	146
4.1.5. Grupo 5: surdez.....	152
4.1.6. Grupo 6: paralisia cerebral.....	153
4.2. Considerações parciais.....	156
4.2.1. Ponto norteador “A”.....	156
4.2.2. Ponto norteador “B”.....	164
4.2.3. Ponto norteador “C”.....	168

<b>5. FONOAUDIOLOGIA E BAKHTIN – Um diálogo e “outras” reflexões.....</b>	<b>173</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>194</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>196</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>204</b>

## RESUMO

Esta pesquisa visa refletir e debater aspectos concernentes ao campo da fonoaudiologia. Entre esses aspectos destaca-se o processo de construção da área, que determinou o perfil profissional e o campo de atuação do fonoaudiólogo. O objetivo principal é a discussão de tópicos relacionados à clínica da linguagem na fonoaudiologia, sendo que as reflexões propostas são norteadas pela teoria do *dialogismo* estudada por Mikhail Mikhailovitch Bakhtin.

Inicia-se abordando a história da fonoaudiologia no Brasil, com o propósito de identificar os reflexos dessa história na sua formação enquanto área do conhecimento e na sua prática clínica. Em seguida é apresentado um panorama dos principais pontos que caracterizam as teorias da enunciação, assim como é demonstrado o percurso teórico de Bakhtin. Nessa direção, são encaminhadas as considerações sobre a filosofia da linguagem proposta pelo autor, para mais adiante, através de critérios específicos, proceder-se a seleção do corpus a ser analisado. O referido corpus é formado por livros indicados na bibliografia existente nos programas de determinadas disciplinas, ministradas nos cursos de graduação de fonoaudiologia do Rio Grande do Sul. A partir da seleção do corpus são efetuadas as análises, cujo objetivo é confrontar o referencial teórico utilizado na terapia de linguagem da fonoaudiologia com a teoria do *dialogismo*.

No capítulo final articula-se a matéria produzida ao longo do trabalho, discutindo a possibilidade de interlocução entre o *dialogismo* e a fonoaudiologia. Nessa seção, além de se discutir a concepção dialógica bakhtiniana e relacioná-la ao conteúdo encontrado no corpus da pesquisa, reflete-se sobre outros temas, como o trabalho clínico com a linguagem, a função terapêutica e as relações entre o “teórico” e o “clínico”.

## RÉSUMÉ

Cette recherche se propose à réfléchir et à discuter des aspects concernant le domaine de l'orthophonie. Parmi ces aspects-là, on détache le processus de construction de ce champ d'étude qui a déterminé non seulement le profil professionnel, mais aussi le champ de travail de l'orthophoniste. On se consacre surtout à la discussion de topiques liés à la clinique du langage dans l'orthophonie, étant donné que les réflexions proposées se fondent sur la théorie du dialogisme étudiée par Mikhaïl Mikhaïlovitch Bakhtin.

On commence racontant l'histoire de l'orthophonie au Brésil, dans le but d'identifier les reflets de cette histoire dans sa formation comme champ de savoir et dans sa pratique clinique. Ensuite un panorama de principales points qui caractérisent les théories de l'énonciation est présenté, ainsi qu'est exposé le parcours théorique de Bakhtin. Dans ce sens, on développe des considérations sur la philosophie du langage proposée par l'auteur pour plus en avant, suivant des critères spécifiques, faire la sélection du corpus qui sera analysé. Ce corpus est formé par des livres indiqués dans la bibliographie des programmes de certaines disciplines qui font partie des cours universitaires d'orthophonie du Rio Grande do Sul. À partir de la sélection du corpus, sont effectués des analyses dont le but est celui de confronter le référentiel théorique employé dans la thérapeutique de langage de l'orthophonie avec la théorie du dialogisme.

Finalement, le dernier chapitre articule les connaissances produites tout au long du travail, en discutant la possibilité d'interlocution entre le dialogisme et l'orthophonie. Dans cette partie, en plus de se discuter la conception dialogique bakhtinienne et de la rapporter au contenu trouvé dans le corpus étudié, on reflète sur d'autres thèmes, comme le travail clinique avec le langage, la fonction thérapeutique et les rapports entre le "théorique" et le "clinique".

## INTRODUÇÃO

Iniciamos fazendo uma constatação. Constatação óbvia, mas que não deixa de ter sua importância. Estamos nos referindo ao processo pelo qual geralmente é formulada a *introdução* de uma pesquisa. É fato comum que a formulação desse item seja realizada na fase final, no fechamento do trabalho. Sendo assim, após todo o desenvolvimento escrito, hipóteses confirmadas, outras rejeitadas, confrontos e articulações teóricas, chega o momento de elaborarmos a *introdução*. Essa parte apresenta um paradoxo, plenamente justificável, pois, embora contenha as primeiras linhas do trabalho, onde os leitores terão o primeiro acesso às idéias do autor, é construída posteriormente aos demais segmentos.

Mas por que dissemos que a obviedade dessa constatação é importante e o paradoxo, inerente à *introdução*, plenamente justificável? Ora, porque o processo de construção de pesquisa é caracterizado por reformulações e deslocamentos de hipóteses levantadas no projeto inicial. Desse modo, por mais que tentemos empregar uma linearidade, seguindo um caminho traçado e definido previamente, nos deparamos com descobertas. Pelo menos em nosso caso, foi assim que aconteceu. Diante de tais descobertas, delineamos novos caminhos, e somos, assim, conduzidos a pensar sobre aspectos não antes percebidos. Ocorre então que, por vezes, nos empenhamos em tarefas nas quais os objetivos existem, mas, o acesso à clareza desses objetivos só ocorre após termos percorrido um certo tempo de produção e reflexão acerca do tema que nos propomos a estudar. Em nosso estudo



verificamos esse fato no desenvolver da pesquisa, como também nesse exato instante em que nos encontramos. Ao escrevermos a *introdução*, ficaram mais transparentes os motivos pelos quais nos incumbimos de realizar tal empreitada.

Foi dessa maneira que ficou evidente a origem da realização deste estudo, que se desenvolveu a partir de dois fatores complementares: uma necessidade e uma inquietação. A necessidade diz respeito à fonoaudiologia, que, como qualquer outra área do conhecimento, amplia e desenvolve seus estudos através da pesquisa. Havia, portanto, a necessidade de pesquisar. Juntamente com o primeiro fator, nos víamos sujeitos a inquietações na nossa atuação profissional de fonoaudiólogo. Essas inquietações são fruto de questionamentos pessoais desde o período de graduação, no curso de fonoaudiologia. Com o aprofundamento dos estudos e com a experiência clínica, esses questionamentos ganharam amplitude e somaram-se a outros. Em virtude desses dois fatores decidimos adentrar no campo da pesquisa. Foi assim que teve início nosso percurso de pesquisador, que pôde ser efetivado através do ingresso no *Curso de Estudos da Linguagem* do Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de *Teorias do Texto e do Discurso*.

A participação no *Curso de Estudos da Linguagem* não foi por acaso. A linguagem sempre nos despertou fascinação e curiosidade. Nos interessamos pelas suas formas de manifestação, seja lingüística ou artística, pelo seu funcionamento, por suas relações com a comunicação, com a língua, com a fala e principalmente com o sujeito, visto que, como diz Jerusalinsky: *a linguagem é um sistema que pré-existe ao nascimento da criança, isto quer dizer que a criança nasce e se encontra com a linguagem feita, e a essa linguagem tem de responder* (Jerusalinsky, 1987, p.11).

Pelo fato de a linguagem atrair nossa atenção e por ser intrínseca ao trabalho do fonoaudiólogo é que o objetivo principal dessa pesquisa a ela está relacionado. Esse trabalho trata da relação entre o fonoaudiólogo e o “sujeito em tratamento”, tendo como pano de fundo a linguagem. A partir dessa problemática é que destacamos a importância do processo de intersubjetividade na clínica, enfocando a interação EU-TU sob uma perspectiva enunciativa.

Abordamos a intersubjetividade na clínica pelo viés do *dialogismo* estudado por Mikhail Bakhtin. O estudo que desenvolvemos se originou da hipótese de que os pressupostos do *dialogismo* são relevantes para a clínica fonoaudiológica.

Quanto aos objetivos da pesquisa, podemos dividi-los em iniciais e final. Entre os objetivos iniciais partimos de um geral, que é o de refletir e debater aspectos concernentes ao campo da fonoaudiologia. Entre esses aspectos, derivamos um, que é o nosso objetivo central: pensar e discutir sobre tópicos relacionados à “clínica da linguagem”<sup>1</sup> na fonoaudiologia. Com base nesses dois objetivos iniciais, formulamos um terceiro, que chamamos acima de final, onde avaliamos a possibilidade de diálogo<sup>2</sup> entre a fonoaudiologia e a teoria do *dialogismo*.

Face aos propósitos almejados, dividimos o trabalho de forma que contribuíssem para o melhor encaminhamento das discussões acerca dos mesmos. Dessa forma, no primeiro capítulo referimos alguns trabalhos que abordam o começo da fonoaudiologia no Brasil. Esses trabalhos procuram elucidar o processo

---

<sup>1</sup> Entendemos por “clínica da linguagem” na fonoaudiologia o complexo teórico e prático que sustenta a atuação terapêutica, nos casos de transtornos de linguagem. Nesse sentido, a “clínica da linguagem” está relacionada à terapia fonoaudiológica nos casos em que o sujeito apresente um transtorno de linguagem, que inclui: desvios fonológicos, alterações da fala, alterações da fluência, transtornos de linguagem sem causa definida, transtornos de linguagem por alterações neurológicas, por alterações psíquicas, por deficiência mental e auditiva.

<sup>2</sup> O termo *diálogo* aqui empregado é utilizado sob o ponto de vista bakhtiniano. Este conceito será desenvolvido no capítulo 2 da dissertação.

de constituição profissional do fonoaudiólogo e a relação que sua área estabelece com as demais, tais como a psicologia, a lingüística e a educação. Os referidos estudos mostram o percurso anterior à oficialização da profissão de fonoaudiólogo e da nomeação da área, até a discussão dos primeiros documentos legais voltados para a regulamentação dos cursos de graduação. Ao nos reportarmos à história da fonoaudiologia no Brasil, procuramos identificar os reflexos dessa história na sua formação enquanto área do conhecimento, e na sua prática clínica. A partir dessa identificação comentamos o processo de construção da fonoaudiologia, o perfil profissional do fonoaudiólogo e o seu campo de atuação, assim como a polêmica estabelecida em torno do objeto de estudo desse campo do conhecimento.

O segundo capítulo foi dedicado à teoria de Bakhtin. Antes de escrevermos sobre a teoria propriamente dita, incluímos duas seções introdutórias sobre o autor e sua obra. Na seção intitulada *Enunciação* nos empenhamos em esclarecer o que vem a ser uma teoria dita enunciativa. Através das perspectivas de autores da área, destacamos os principais pontos que caracterizam as *teorias da enunciação*. Por intermédio desses autores, traçamos um panorama dos principais teóricos que têm seus estudos voltados para a enunciação, buscando, assim, identificar o pensamento de Bakhtin, cuja teoria é nosso alvo principal de estudo.

A teoria bakhtiniana se apresenta como um conjunto diversificado de formulações que não obedecem a uma linha de raciocínio linear. É uma obra que, pela diversidade de estudos, interessa a várias áreas do conhecimento, como à literatura, à antropologia, à sociologia e à lingüística. Outra característica da obra bakhtiniana é a discrepância entre as datas de criação e as de edição da maioria dos textos, assim como a polêmica em torno da autoria de alguns trabalhos. Em vista disso, julgamos importante fazer uma sucinta apresentação do autor, demonstrando o seu percurso teórico e as fases de sua produção intelectual. Outro motivo, é o fato

de Bakhtin estar inserido em uma área de conhecimento distinta da fonoaudiologia, o que também justifica situarmos o autor e sua obra aos leitores deste trabalho. Com esse propósito, desenvolvemos a parte que denominamos de *O percurso de M. Bakhtin*.

A partir da trajetória de estudos de Bakhtin, encaminhamos as considerações sobre a filosofia da linguagem proposta pelo autor, que tem o *dialogismo* como núcleo, através de tópicos ordenados e articulados de forma a auxiliar os objetivos da pesquisa. Nessa direção, no item 2.3 realizamos uma síntese sobre a teoria do *dialogismo*, indicando suas origens, princípios e bases de construção, assim como buscamos elucidar o conceito de *diálogo* em Bakhtin. Com a introdução sobre o *dialogismo* e o *diálogo*, desenvolvemos os tópicos referentes à *linguagem*, à *língua* e à *palavra* (item 2.4), para subseqüentemente tratar dos estudos do mestre russo relacionados ao *enunciado* e às *relações dialógicas* (item 2.5). Os conceitos que são discutidos no transcorrer do segundo capítulo, além de estarem relacionados teoricamente no conjunto da obra de Bakhtin, servem de referencial para a análise comparativa, desenvolvida na seção 4.2, entre o *dialogismo* e as concepções teóricas utilizadas pelo fonoaudiólogo na terapia de linguagem/fala.

No capítulo 3, visando a fidedignidade da pesquisa, explicitamos a metodologia empregada na análise do corpus. Diante dos propósitos formulados e para facilitar a compreensão da análise comparativa efetivada na seção 4.2, a metodologia obedeceu à divisão em subcapítulos: critérios de seleção do corpus (3.1.1), pontos norteadores da análise (3.2) e unidades de análise (3.3).

Com base na metodologia utilizada passamos ao capítulo 4, referente à análise. A análise se divide em dois momentos. No primeiro, os *enunciados*<sup>3</sup> são apresentados e descritos (4.1), conforme o *ponto norteador*<sup>4</sup> correspondente. No segundo momento, os *enunciados* são submetidos a uma análise comparativa (4.2) entre o referencial teórico que embasa a terapia de linguagem/fala e o *dialogismo* proposto por Bakhtin. A análise comparativa que realizamos não é concludente, mas visa ilustrar uma possibilidade de diálogo da fonoaudiologia com a teoria bakhtiniana, que será descrita no capítulo 5.

Finalmente, chegamos ao capítulo em que estudamos a possibilidade de interlocução entre o *dialogismo* e a fonoaudiologia. Em *Dialogismo e fonoaudiologia: um diálogo e “outras” reflexões*, além de tratarmos do *dialogismo* e relacioná-lo ao conteúdo encontrado no corpus da pesquisa, refletimos sobre outros temas, como o trabalho clínico com a linguagem, a função terapêutica e as relações entre o “teórico” e o “clínico”. Deixamos para esta parte as articulações da matéria produzida ao longo do trabalho, onde retomamos questões anteriormente discutidas e debatemos outras, associadas às primeiras e referentes à fonoaudiologia. No capítulo final, fazemos as últimas considerações.

Vale lembrar, que esse trabalho não objetiva aderir uma teoria a uma área de atuação. Não pretendemos utilizar o *dialogismo* como instrumento terapêutico da fonoaudiologia. O que propomos são reflexões de aspectos envolvidos na clínica fonoaudiológica. Para essas reflexões dialogamos com Bakhtin. Parece que “reflexão” é nossa palavra de ordem, sendo que dela derivamos outras, como “alteridade” e “debate”. Desde já, é importante adiantarmos que não pensamos no

---

<sup>3</sup> Os *enunciados* representam as unidades de análise, definidas no subitem 3.3, sendo extraídos da bibliografia identificada como corpus da pesquisa.

<sup>4</sup> Os *pontos norteadores da análise* são descritos no subitem 3.2, e representam determinados aspectos inclusos na teoria do *dialogismo*.

*dialogismo* como teoria completa e inquestionável. Entendemos o *dialogismo* como um referencial teórico que pode acrescentar idéias para o entendimento e discussão de questões pertinentes à fonoaudiologia.

Nestas últimas linhas, pedimos licença ao leitor para tecermos um sucinto comentário a respeito da experiência que passamos. Estamos falando de um desafio, que foi o de nos propormos a escrever este estudo. Se falamos desafio é porque escrever significa se expor ao olhar do outro, estar sujeito a críticas e suportar a falta. Queremos dizer que aceitamos essas condições, inerentes a um trabalho dessa natureza.

Creemos que as dificuldades em realizar uma pesquisa são superadas pelos ganhos que obtemos quando participamos de tal projeto. A pesquisa nos coloca em movimento, nos fazendo abrir mão de certezas e ampliando nossas dúvidas. Com isso, aprendemos e repensamos nosso trabalho, que para nós é a clínica fonoaudiológica. Construir esse estudo foi, sem dúvida, uma experiência fascinante.

Concluimos enfatizando que esse trabalho está situado junto aos estudos que refletem sobre a prática de seus campos. Esperamos contribuir para o desenvolvimento da fonoaudiologia e para o estudo de pesquisadores que se interessam pelo tema linguagem. Mas isso é realmente uma dúvida, que só poderá ser respondida pelo leitor. Desejamos boa leitura!

## **1. FONOAUDIOLOGIA: reflexões sobre as origens de construção de um campo.**

Entre as propostas deste trabalho está a de conduzir o leitor a uma reflexão e ao debate sobre algumas questões pertencentes ao campo da fonoaudiologia. Entre essas questões, nos dirigiremos especialmente para a “clínica da linguagem” na fonoaudiologia, enfocando alguns aspectos dessa clínica e relacionando-os ao referencial teórico desenvolvido por Mikhail Bakhtin. Entretanto, para chegarmos à discussão sobre a “clínica da linguagem” necessitamos percorrer, mesmo que de forma sucinta, um caminho que mostra os reflexos da história da fonoaudiologia na sua formação enquanto área do conhecimento, e na sua prática clínica. Nesse sentido, os pontos que elegemos para abordar nessa parte do trabalho são relativos à caracterização da fonoaudiologia, ao perfil do profissional fonoaudiólogo e ao seu campo de atuação, assim como à definição, ou indefinição, do objeto de estudo desse campo do saber.

Nosso estudo enfoca a fonoaudiologia que foi fundada e é exercida no Brasil, portanto, julgamos fundamental fazer referência às origens desse campo profissional. Para mostrar os determinantes da fonoaudiologia no Brasil optamos pela inclusão de alguns autores que trataram do tema. Gostaríamos de dizer que não é nossa intenção fazer um estudo aprofundado da história da fonoaudiologia no Brasil, pois essa tarefa já foi desenvolvida e muito bem fundamentada por outros pesquisadores, alguns dos quais aparecem citados nesse capítulo. Da mesma forma também já existem pesquisas que tratam dos efeitos dessa história na prática clínica do fonoaudiólogo e na definição, ou não, do objeto de estudo da fonoaudiologia. Entretanto, quando falamos em fonoaudiologia, não podemos deixar de destacar algumas questões que incidem sobre essa disciplina, sob pena de reduzirmos ou ignorarmos um debate polêmico que existe e interfere em nosso trabalho de

fonoaudiólogo. Assim, a partir das considerações que faremos acerca da história da fonoaudiologia no Brasil, do campo de atuação, da caracterização e do objeto da fonoaudiologia buscaremos desde já uma reflexão teórica alicerçada na teoria do dialogismo proposta por Bakhtin.

Iniciaremos o debate pela pesquisa realizada por Neto (1988), que trata do início da prática fonoaudiológica na cidade de São Paulo, procurando desvendar o processo de constituição da profissão de fonoaudiólogo a partir do momento sócio-político-econômico do país e da relação com outras áreas como a medicina, a psicologia e a educação. Embora o trabalho de Neto (op. cit.) tenha focado a história do surgimento da fonoaudiologia na cidade de São Paulo, acreditamos que o mesmo é representativo para o entendimento da origem da fonoaudiologia no Brasil, visto que, além de ser um dos principais centros de desenvolvimento do país, foi nesse estado que surgiram os primeiros cursos de fonoaudiologia.

A história oficial dos primeiros cursos de graduação de fonoaudiologia no Brasil teve início nos anos de 1961 e 1962, respectivamente. O primeiro curso foi instituído na Universidade de São Paulo - USP, estando vinculado à clínica de otorrinolaringologia do Hospital de Clínicas da faculdade de medicina da USP. O segundo se originou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, junto ao instituto de psicologia dessa universidade. Entretanto, Neto (op. cit.) aponta para o fato de que antes mesmo da história oficial da fundação dos primeiros cursos de fonoaudiologia no Brasil, já se evidenciava uma prática fonoaudiológica ainda não institucionalizada na cidade de São Paulo.

Segundo Neto (op. cit.), a configuração do profissional fonoaudiólogo começa a se estruturar na década de 30 do século XX, a partir dos ideais de



uniformização da língua proposta pelo Movimento Nacionalista<sup>5</sup> e das concepções da Saúde Escolar<sup>6</sup> e da Escola Nova<sup>7</sup>. A autora destaca como um dos marcos da origem da fonoaudiologia no Brasil o *I Congresso da Língua Nacional Cantada*<sup>8</sup> realizado na cidade de São Paulo em 1937, que tinha como objetivo principal discutir a adoção de uma língua-padrão para ser usada na pronúncia artística da língua nacional, combatendo as “impurezas” na utilização da língua ocasionadas pelas diferentes pronúncias existentes no país<sup>9</sup>. Mas não somente no plano estético se justificava a busca de uma língua-padrão, pois também havia a meta de se alcançar uma unidade nacional através da uniformização da língua.

Os trabalhos apresentados no congresso refletiam uma concepção de língua vigente no Brasil na época de sua realização. O estudo da língua era baseado em análises dos sons produzidos pelos órgãos da fonação e captados pelo ouvido,

---

<sup>5</sup> O Movimento Nacionalista surgiu no ano de 1916 com a fundação da Liga de Defesa Nacional, como consequência das repercussões da primeira guerra mundial. Nessa época a possibilidade de invasão do país era um perigo iminente. Internamente o país vivia um clima de instabilidade, gerado pelo descontentamento de intelectuais e da classe média com o domínio da oligarquia do café. Nesse período o militarismo foi visto como o alicerce da defesa nacional. As idéias de ordem, disciplina e patriotismo são defendidas, assim como o aprimoramento moral e pessoal através da educação e do combate ao analfabetismo.

<sup>6</sup> A “saúde escolar”, na época denominada de “higiene escolar”, foi um movimento que iniciou no final do século XIX, determinando normas que previam desde a construção de edifícios escolares, passando pelo direcionamento do processo de ensino-aprendizagem, até o controle de doenças entre os escolares. A “saúde escolar” proporcionou a inclusão da ginástica nas escolas públicas, assim como pretendeu resolver os problemas nutricionais dos escolares e fazer um levantamento da problemática da escolarização dos alunos com debilidade mental com deficiência física. Ao atuar dentro da educação, a “saúde escolar” contribuiu para a consolidação da educação especial e do indivíduo com problemas de fala no quadro da excepcionalidade.

<sup>7</sup> A “escola nova” se caracterizou como um novo modelo educacional, oposto à escola tradicional, surgindo em meados da década de 20 do século XX. Com o objetivo de promover a biopsicologização da escola, esse modelo vinculou a medicina e a psicologia à educação. Apesar de ter como ideal a democratização do ensino, almejando tornar a escola uma instituição pública e gratuita, poucos foram os resultados concretos nesse sentido. Enquanto concepção teórica a “escola nova” dominou o meio educacional brasileiro até o final dos anos 50 do século XX.

<sup>8</sup> Esse congresso foi realizado no período de 7 a 14 de julho de 1937, no Teatro Municipal de São Paulo sob a coordenação do escritor Mário de Andrade.

excluindo, portanto, a questão do significado. Nesse período, o sistema da língua era tratado como algo imutável e único, sendo a não conformidade à norma considerada como um desvio, um erro que fugia ao sistema.

Entre os trabalhos apresentados no congresso, Neto destaca o de *Vícios e defeitos na fala das crianças dos parques infantis*<sup>10</sup>, que objetivava esclarecer e documentar todos os “vícios” e “defeitos” encontrados na fala e na voz das crianças que freqüentavam esses parques. Os autores do trabalho chamaram a atenção para o grande número de crianças com distúrbios na articulação da fala e na voz, sugerindo um processo reeducativo em busca de um modelo ideal de língua, estabelecendo medidas profiláticas, terapêuticas e pedagógicas que deveriam ser executadas por médicos e educadores. O avanço científico na medicina e as idéias higienistas da “saúde escolar” vão se juntar na elaboração do diagnóstico e classificação das anomalias orgânicas e funcionais da fala e da voz, apontando o perfil do “portador” de determinada patologia e do profissional responsável pela sua reabilitação, no caso um professor especializado. É a partir dessa concepção de professor especialista que o campo da fonoaudiologia começa a ser construído.

No entanto, o perfil do profissional fonoaudiólogo começa a se delinear de forma mais concreta com a criação do *Laboratório de Fonética e Acústica*<sup>11</sup> no ano de 1947 na cidade de São Paulo. O *Laboratório de Fonética e Acústica* era

---

<sup>9</sup> As diferentes pronúncias eram decorrentes dos sotaques estrangeiros e dos brasileiros provindos das diversas regiões do país. Lembramos que a cidade de São Paulo ainda hoje é uma cidade que recebe muitos imigrantes, portanto, é um local propício para esse tipo de manifestação.

<sup>10</sup> Os parques infantis foram criados na cidade de São Paulo em 1935 pelo *Serviço Municipal de jogos e recreios*. Os parques tinham o propósito de assistir crianças carentes na área da saúde e educação, prevendo recursos para a realização de atividades pedagógicas e para o atendimento médico e dentário.

<sup>11</sup> A criação do *Laboratório de Fonética e Acústica* esteve diretamente relacionada a realização do *I Congresso da Língua Nacional Cantada*, mais especificamente como consequência do trabalho sobre *Vícios e defeitos na fala das crianças dos parques infantis*. O laboratório também surgiu da

vinculado à Secretaria de Educação de São Paulo, tendo como objetivo o estudo nas áreas de lingüística, acústica da fala e ambiente, assim como atuar no tratamento de problemas de voz e de fala principalmente dos alunos da rede escolar, e participar no controle de ruídos urbanos. O tratamento de problemas de fala e voz dos escolares tinha um enfoque corretivo, sendo a atividade de correção realizada por educadores. Assim, professores com formação e atuação em magistério recebiam uma formação básica para atuarem como “educadores foneticistas<sup>12</sup>” ou “educadores ortofonistas<sup>13</sup>”. Com isso, tem início o esboço do perfil clínico desse profissional, afastando-o de uma atividade que antes tinha cunho mais pedagógico para aproximá-lo de um exercício clínico voltado para a atuação técnica, baseada nos fundamentos da fonética, que visava a correção dos desvios da fala e da voz de crianças.

É somente com o surgimento dos primeiros cursos de graduação – em 1961 na faculdade de medicina da USP e em 1962 na PUC de São Paulo - que o profissional é denominado de fonoaudiólogo<sup>14</sup>. Nesse momento, o fonoaudiólogo é identificado como profissional da área paramédica<sup>15</sup>, sendo responsável pelo tratamento de distúrbios da comunicação ou patologias da comunicação.

---

necessidade de organizar um material sobre fonética e lingüística para subsidiar a organização do *II Congresso da Língua Nacional Cantada*.

<sup>12</sup> O termo foneticista foi empregado por se tratar de educadores que trabalhavam com um enfoque fonético nos problemas de fala e de voz.

<sup>13</sup> A designação de ortofonista se originou da junção de ”orto” significando perfeição, com “fonia” significando fala, ou seja, “perfeição da fala”.

<sup>14</sup> A designação de *fonoaudiologia* teve influência argentina, através do Dr. Júlio Quirós. O nome *fonoaudiologia* foi pensado para designar uma profissão que trabalhava com a comunicação, abrangendo tanto a fala, a palavra, como a audição. No Rio de Janeiro eram utilizados os nomes de *logopedia* e *terapia da palavra*. O Dr. Quirós era médico foniatra e foi um dos grandes responsáveis pela criação e estruturação dos cursos de fonoaudiologia em São Paulo.

<sup>15</sup> A área paramédica caracteriza-se por estar ligada a reabilitação, estando associada à figura do médico.

Ao analisar a estruturação e o funcionamento dos cursos, Neto (1988) chama a atenção para o fato de a sustentação teórica dos mesmos estar fundamentada nas áreas de biologia e psicologia, estando as questões sobre a linguagem quase que ausentes. O profissional a ser formado teria uma especialização técnica, estando apto a exercer as funções de reabilitação dos distúrbios de comunicação e a executar testes de audição. Com essas características os cursos tinham mais um caráter de especialização do que de graduação<sup>16</sup>. A atividade do fonoaudiólogo seria complementar à do médico ou à do psicólogo, auxiliando no diagnóstico da doença e tratando da patologia detectada por esses profissionais. Ainda quanto à análise dos cursos é importante atentarmos o que Neto diz sobre o objeto da fonoaudiologia:

Analisando-se os conteúdos dos cursos não se esclarece qual é o objeto de estudo da fonoaudiologia. O que se explicita é o campo de trabalho, definindo um profissional que lidará com reabilitação ou reeducação de distúrbios da comunicação e com avaliação de audição, agora totalmente afastado de preocupações mais globais com a linguagem. (Neto, 1988, p.169)

Oliveira (2002), ao pesquisar os efeitos do discurso médico e do discurso pedagógico na constituição do discurso fonoaudiológico<sup>17</sup>, se reporta à história da fonoaudiologia<sup>18</sup> para elucidar a proposta de seu trabalho. Segundo Oliveira (op. cit.), a fonoaudiologia começa a adquirir uma especificidade quando o profissional, ainda não reconhecido como fonoaudiólogo, é desvinculado da escola, intervindo nos casos de crianças que apresentavam “vícios e defeitos na fala e na voz”. A autora destaca a aproximação da fonoaudiologia com outros campos de saber como

---

<sup>16</sup> Destacamos que a duração dos cursos era de 2 anos na USP e de 1 ano na PUC-SP.

<sup>17</sup> Trata-se de uma dissertação de mestrado realizada a partir dos pressupostos teóricos da teoria da *Análise do Discurso* de linha francesa. Portanto, a palavra *discurso* tem o significado de “efeito de sentido entre interlocutores”. O *discurso* nessa teoria é compreendido como o espaço onde emergem as significações e onde estão em jogo as questões ideológicas.

<sup>18</sup> Em seu trabalho, Oliveira (2001) constata a existência de práticas fonoaudiológicas anteriores à história oficial de formação dos cursos superiores de fonoaudiologia. É importante dizer que Oliveira utilizou como uma das principais fontes de sua pesquisa o trabalho de Neto (1988), mencionado por nós anteriormente.

a pedagogia, a medicina e a psicologia. Mesmo se aproximando a outras áreas do conhecimento, a autora defende que a terapêutica da fonoaudiologia foi e ainda é sustentada por um referencial pedagógico, que tem como objetivo principal a correção dos vícios e defeitos da fala.

No desenvolvimento de seu trabalho, Oliveira (op. cit.) discute a passagem de “práticas” de correção dos vícios e defeitos da fala na fonoaudiologia, para uma prática especializada voltada para a cura de distúrbios da comunicação. Essa prática aos poucos vai se afastando do espaço escolar para se transformar em intervenção clínico-terapêutica<sup>19</sup>, estando inicialmente muito mais voltada para uma prática a serviço do saber médico. Ao concluir suas análises<sup>20</sup> a autora chama a atenção para o fato de que a clínica fonoaudiológica oscila entre o modelo médico, no processo de avaliação, para o modelo pedagógico no fazer terapêutico. Nessa direção, ressalta que a terapêutica fonoaudiológica se efetiva através de uma intervenção técnica de cunho pedagógico, onde há a incidência de um processo de ensino-aprendizagem sobre a linguagem que “não funciona” bem.

Surreaux (2000), retrocedendo na história da fonoaudiologia faz um estudo da designação desta disciplina no Brasil. Segundo a autora, as diversas nomeações que antecederam o profissional fonoaudiólogo e sua área são o resultado de influências que a fonoaudiologia sofreu, e ainda sofre, de outras disciplinas, bem como dizem respeito aos diferentes percursos traçados pelos fonoaudiólogos antes da regulamentação profissional. Através dessas constatações a autora discute o tipo de

---

<sup>19</sup> Ao fazer a junção das palavras “clínica” e “terapêutica”, a autora propõe um sentido de aproximação entre ambas. Para ela o clínico fonoaudiólogo é um clínico terapeuta, pois o fonoaudiólogo é o profissional que irá ajudar o paciente na busca da cura. Assim, com a aproximação das concepções de clínica e de terapêutica deixa-se de ter uma relação de contiguidade tal como ocorre na medicina, onde o clínico médico, após o diagnóstico da doença, prescreve a terapêutica, acompanhando o processo à distância.

<sup>20</sup> As análises realizadas por Oliveira (2002) partiram de um *corpus* composto por seqüências discursivas que tratam do processo terapêutico fonoaudiológico.

relação existente entre a fonoaudiologia e outras áreas do conhecimento, como a medicina, a pedagogia, a psicologia e a lingüística.

Surreaux (op. cit.) lembra que o termo *fonoaudiologia* foi instituído oficialmente em 1976, através do parecer n. 54/76 emitido pelo Conselho Federal de Educação. Porém, antes desse termo várias outras designações eram utilizadas para fazer referência ao profissional fonoaudiólogo, como *reeducador da fala*, *logopedista*, *ortofonista*, *terapeuta da linguagem*, *terapeuta da palavra* ou *da fala*, *audiologista* e *foniatra*.

Os termos *reeducador da fala*, *da linguagem* ou *da voz*, remetem à influência de cunho pedagógico na fonoaudiologia, onde estão presentes o reeducar e o ensinar aspectos relacionados à fala, linguagem e voz. Outro termo utilizado foi *logopedista*, oriundo da Espanha, que etimologicamente significa o estudo da linguagem da criança. Nesse caso, Surreaux (op. cit.) ressalta o caráter restritivo do termo, pois este remete a um campo teórico ligado somente à linguagem na infância.

A designação *ortofonista* é de origem francesa, significando “dizer corretamente” ou “bem dizer”. A utilização do termo *ortofonista* reporta ao profissional que se dedica a corrigir as alterações da fala e da voz. Outro termo utilizado no Brasil foi *terapeuta da linguagem*, que foi, e ainda é, utilizado na Argentina para definir o profissional que trabalha com indivíduos que apresentam alterações da linguagem. As designações *terapeuta da palavra* ou *da fala* foram traduzidas literalmente do inglês “speech therapist”. *Audiologista* é o termo que se refere ao profissional que trabalha no campo da audição, atuando na realização de exames de audiometria, na seleção, teste e adaptação de aparelhos auditivos. Novamente, assim como no caso do *logopedista*, atentamos para a limitação desse termo, pois o fonoaudiólogo não atua somente no campo da audiologia. O nome

*foniatra* se origina da medicina, pois trata-se da especialidade médica relacionada ao estudo e tratamento de perturbações da fonação, resultantes de anomalias fisiológicas do aparelho fonador. Portanto, o termo *foniatra* mostra a forte influência da medicina na história da fonoaudiologia.

Finalmente chegamos ao nome *fonoaudiologia*, cuja escolha foi uma tentativa de unificação de profissionais que provinham de diversos campos de atuação, com distintas formações e experiências de trabalho. Surreaux (op. cit.) assinala que etmologicamente o nome *fonoaudiologia* é o conjunto dos termos: fono=som, fonação; audio=audição; logia=estudo. Porém, é sabido que a atuação do fonoaudiólogo não se limita ao estudo da fonação e da audição. Mais uma vez concluímos que houve uma redução no conjunto de funções desempenhadas pelo profissional fonoaudiólogo, ou seja, a tentativa de dar uma unidade à prática da fonoaudiologia através de uma designação foi frustrada. Como diz Surreaux (op. cit.): *a pretensa unificação na realidade se mostra como uma montagem “forçada” de fazeres distintos* (p. 13).

Cappelletti (1985) em *A fonoaudiologia no Brasil – reflexões sobre os seus fundamentos*, através da pergunta que norteia o seu trabalho “Que é isto, a fonoaudiologia?”, tem como proposta principal discutir a essência da fonoaudiologia no Brasil, sua especificidade, assim como o que faz e quem é o fonoaudiólogo<sup>21</sup>. Para isso, a autora centra sua pesquisa em documentos oficiais<sup>22</sup> que tratam dos

---

<sup>21</sup> É importante lembrar que o trabalho de Cappelletti data do ano de 1985, sendo suas reflexões acerca da fonoaudiologia baseadas em constatações que vão até esse período da história da profissão. Julgamos importante a referência a essa pesquisa, pois, além de ter um caráter histórico, trata de aspectos que ainda permeiam a prática e o discurso fonoaudiológico.

<sup>22</sup> Os documentos oficiais foram retirados da *Coletânea de Legislação Documenta*, órgão oficial do Ministério da Educação e Cultura que contém Resoluções e Pareceres do Conselho Federal de Educação. Entre esses documentos a autora analisou o *parecer* 2.013/74, que versa sobre o “plano de curso” dos cursos de fonoaudiologia, a Resolução 54/76, que estabelece o currículo mínimo

cursos de graduação para a formação de fonoaudiólogos no Brasil, em publicações brasileiras pertencentes ao campo da fonoaudiologia e em depoimentos de fonoaudiólogos e de pessoas ligadas a área.

Cappelletti (op. cit.) destaca o *parecer* 2.013/74, visto ser o primeiro documento oficial que fala no Brasil sobre a fonoaudiologia e sobre o papel do fonoaudiólogo. O referido Parecer foi formulado a partir do envio de “planos de curso”, para aprovação do Conselho Federal de Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pela Escola Paulista de Medicina, ambas com cursos de fonoaudiologia em funcionamento. Segundo Cappelletti (op. cit.), esse primeiro discurso oficial da fonoaudiologia é confuso e contraditório, o que levou o relator do *parecer* a formular críticas e a indicar alterações no seu texto. Entre as críticas está a programação curricular proposta pelas duas entidades que, segundo o relator, foge à metodologia da formação de tecnólogo pretendida. A crítica se justifica pelo conceito dado ao fonoaudiólogo nos respectivos projetos apresentados, como um técnico exercendo atividade paramédica, ou seja, o fonoaudiólogo se caracterizaria como um indivíduo que aplicaria determinada técnica e que estaria vinculado ao trabalho do médico. O relator critica o fato de os projetos pretenderem a formação de técnicos que, estando vinculados ao trabalho do médico, se separam deste profissional para atuarem isoladamente em seus consultórios, desenvolvendo atividades diagnósticas e terapêuticas fora dos limites profissionais para que foram preparados. Cappelletti (op. cit.) ainda aponta a diferença entre os vocábulos *técnico* e *tecnólogo*<sup>23</sup>, que segundo ela são utilizados no texto dos projetos de forma

---

proposto para os cursos de graduação de tecnólogos em fonoaudiologia e o *parecer* 20/83, que estabelece o currículo mínimo de graduação em fonoaudiologia.

<sup>23</sup> As palavras: *técnico* e *tecnólogo* se originam da palavra “técnica” do grego, significando arte manual, indústria, ofício. No entanto na palavra *tecnólogo* acrescenta-se um constituinte que desloca o significado para: expressão, pensamento, discurso. Assim, o *técnico* é o indivíduo que aplica determinada técnica, enquanto o *tecnólogo* é a pessoa versada em conhecimentos científicos



indiscriminada, confundindo e não deixando claro o verdadeiro papel do fonoaudiólogo.

É importante referir o que o relator do *parecer* 2.013/74 afirma sobre a fonoaudiologia e o seu campo de atuação:

A fonoaudiologia é parte integrante da Foniatria, a sua finalidade sendo limitada à avaliação e reabilitação técnicas dos sistemas de comunicação do ser humano, ou sejam, audição, voz, fala e linguagem. (...). O trabalho desse técnico deve desenvolver-se em ambiente médico, tal como ocorre com o radiólogo, a ortóptica e outros tecnólogos paramédicos cujas atividades foram reclamadas pelo desenvolvimento tecnológico das ciências médicas<sup>24</sup>.

Percebemos que o *parecer*, através do que é dito pelo relator, tenta esclarecer o que é a fonoaudiologia, o que além de ser um ato autoritário e de total desmerecimento dos projetos enviados, não especifica e, muito pelo contrário, dispersa ainda mais o que seria o papel do fonoaudiólogo. No *parecer* a fonoaudiologia é classificada como parte integrante da foniatria, estando limitada à avaliação e reabilitação dos sistemas de comunicação do ser humano, sendo esses sistemas representados pela audição, voz, fala e linguagem. A partir dessa classificação poderíamos perguntar: qual é a parte da foniatria que a fonoaudiologia se ocupa? De que comunicação estamos falando? A comunicação de que trata a fonoaudiologia é o conjunto dos aspectos audição, voz, fala e linguagem? O que significa cada um desses aspectos se tomados isoladamente? Constatamos então que tanto o texto contido nos projetos apresentados para aprovação dos “planos de cursos” nos cursos de fonoaudiologia, assim como o que foi formulado no *parecer* do Conselho Federal de Educação são incertos quanto ao perfil e ao objeto de estudo do fonoaudiólogo.

---

que produz o discurso sobre a técnica, ou seja, a profissão de *tecnólogo* é muito mais abrangente, não estando voltada somente para atividades práticas.

<sup>24</sup> Parecer 2.013/74, aprovado em 04 de julho de 1974 pelo Conselho Federal de Educação.

Quanto às publicações no campo da fonoaudiologia produzidas no Brasil, Cappelletti (op. cit.) elabora suas observações com base na análise da bibliografia disponível e mais difundida na época de seus estudos. Porém, a autora faz uma ressalva ao dizer que os livros utilizados no trabalho não esgotavam o universo das publicações brasileiras em torno da fonoaudiologia, mas indicavam uma certa regularidade do que se falava sobre a fonoaudiologia nesse período. Segundo Cappelletti (op. cit.), as publicações, em linhas gerais, abordavam aspectos relativos à avaliação e terapia dos distúrbios da comunicação humana, definindo e delimitando quadros clínicos, assim como propondo técnicas de terapia com detalhes prescritivos. Observa ainda que embora alguns livros apresentassem um bom material informativo, esclarecendo sobre as manifestações, etiologia e tratamento de “patologias”, limitavam a fonoaudiologia a uma prática voltada para as perturbações dos sistemas da comunicação.

A autora se posiciona criticamente em relação à forma de abordagem dos livros, pois na sua opinião a bibliografia apresenta uma visão segmentada da fonoaudiologia. A proposta de etapas para o processo de terapia, de formas de avaliação, de categorização dos distúrbios de comunicação e de técnicas de reabilitação sem critérios definidos, é a evidência dessa segmentação. Para a autora, a forma fragmentada de apresentação dos livros de fonoaudiologia não elucida e deixa vago o real papel do fonoaudiólogo. Portanto, não responde à pergunta que norteou a sua pesquisa: “O que é isto, a fonoaudiologia?”. Da mesma maneira, Cappelletti (op. cit.) conclui que os depoimentos de fonoaudiólogos e de pessoas ligadas à área não responderam a sua principal questão.

Ao final de sua pesquisa, Cappelletti (op. cit.) conclui que nem os documentos oficiais que tratam dos cursos de graduação de fonoaudiologia no Brasil, nem as publicações brasileiras pertencentes ao campo, nem os depoimentos

de fonoaudiólogos e de pessoas ligadas à área esclarecem o que é a fonoaudiologia, qual o seu campo de atuação e qual o perfil do fonoaudiólogo. A autora indica a importância da fonoaudiologia se questionar sobre a sua especificidade, e de buscar um discurso próprio e original acerca da profissão. Como em suas palavras:

Mas só essa impotência, a certeza de não haver alcançado a compreensão total do pensado no falar deste discurso, pode acelerar o surgimento de novas questões. Só essa crença poderá estimular o pensar dos fonoaudiólogos para a coisa mesma – A Fonoaudiologia-, escolhendo um caminho próprio em busca das suas verdades, numa relação original, pensando profundamente para poder correr o risco de errar profundamente. (Cappelletti, 1985, p.89)

A autora também destaca a “presentidade<sup>25</sup>” educativa na relação do fonoaudiólogo com o “paciente<sup>26</sup>”. Para ela, um trabalho conjunto de construção e discussão de sua prática junto a educadores é um dos caminhos possíveis para a fonoaudiologia. Trata-se de uma “fonoaudiologia educacional” que, segundo a autora, contempla não somente o exercício profissional do fonoaudiólogo junto a educadores, como a situação específica de terapia fonoaudiológica. Para Cappelletti (op. cit.) a fonoaudiologia é sempre educacional, seja na relação fonoaudiólogo-educador, seja na relação fonoaudiólogo-paciente. Ela argumenta que:

O trabalho do fonoaudiólogo em direção à profilaxia e ao desenvolvimento de um optimum em linguagem provavelmente poderá ser concretizado com profissionais da Educação. Abre-se assim a oportunidade do fonoaudiólogo desenvolver atividades profissionais com educadores, não se restringindo dessa forma a uma atividade paramédica, como preconiza o Parecer 2.013/74. (Cappelletti, 1985, p.88)

---

<sup>25</sup> Cremos que o termo “presentidade” utilizado pela autora remete ao sentido de “presença”, ou “estar presente”.

<sup>26</sup> Utilizamos a designação “paciente” por ser amplamente utilizada não só na fonoaudiologia, mas em outras áreas que tratam do sujeito. Entretanto, gostaríamos de dizer que não temos simpatia ao termo, visto que outorga ao sujeito um “lugar” passivo no processo terapêutico. Preferimos falar “sujeito em tratamento”, mas, por considerar o “senso comum” utilizaremos “paciente”, porém, a partir de agora sem aspas.

Percebemos que as críticas feitas por Cappelletti (op. cit.) quanto às indefinições, confusões e contradições encontradas em sua pesquisa sobre a história da fonoaudiologia no Brasil, aparecem nas conclusões do seu próprio trabalho. A autora, ao mesmo tempo em que defende que a fonoaudiologia deve buscar um discurso original e uma caracterização profissional diferenciada da de outras áreas, propõe uma “fonoaudiologia educacional”, onde os fonoaudiólogos e os educadores trabalhariam juntos na discussão e resolução de problemas relativos a alterações de linguagem em crianças. Suas contradições aparecem também quando diz que a fonoaudiologia não deve se restringir a uma atividade paramédica, mas desenvolver atividades profissionais com educadores em direção à prevenção e ao bom desenvolvimento da linguagem de crianças. Com isso, o que percebemos é somente uma sugestão de mudança do trabalho vinculado à medicina, por parte da fonoaudiologia, para outro junto à pedagogia<sup>27</sup>. Ou seja, a proposta da autora não contribui para um “caminhar próprio”, segundo suas próprias palavras, na fonoaudiologia, o que mostra um paradoxo no seu discurso.

Até aqui nos referimos a alguns trabalhos que abordam a história da fonoaudiologia no Brasil e os reflexos dessa história no campo fonoaudiológico, delineando desde um percurso anterior à oficialização da profissão de fonoaudiólogo e da nomeação da área, até a discussão dos primeiros documentos legais voltados para a regulamentação dos cursos de fonoaudiologia. Com base no que foi exposto até esse momento podemos tirar algumas conclusões e iniciar um breve debate acerca do campo de atuação, do objeto e da clínica da fonoaudiologia. Para tratarmos dessas questões nos remeteremos, na medida em que os temas se

---

<sup>27</sup> Lembramos aqui do trabalho de Oliveira (2002) citado inicialmente, que entre as conclusões aponta o fato de que a clínica fonoaudiológica oscila entre o modelo médico e o modelo pedagógico.

apresentem, a alguns aspectos preconizados pela teoria do *dialogismo* de M. Bakhtin<sup>28</sup>.

Ao nos reportarmos à história da fonoaudiologia pesquisada por Neto (1988), constatamos um percurso importante na constituição do profissional fonoaudiólogo, anterior à fundação dos primeiros cursos de graduação oficializados no Brasil. Inicialmente, o profissional assume o modelo de um professor especializado, que através de recursos pedagógicos estaria incumbido de corrigir os vícios e defeitos da língua e de perturbações orgânicas. Nesse período, o profissional tem sua atuação vinculada ao espaço físico educacional, atuando nos problemas de fala e de voz dos escolares. Mais adiante, com a criação do *Laboratório de Fonética e Acústica* o profissional passa a ser intitulado como “educador foneticista” ou “educador ortofonista”. A partir desse instante, o profissional tem o exercício de sua atividade desvinculado do ambiente escolar, tendo especialização nas patologias da linguagem, através de um enfoque clínico voltado para uma atuação técnica. Nesse momento, embora ainda sejam professores que recebem uma especialização para atuarem junto às crianças com “imperfeições” na fala e na voz, há uma aproximação com os campos da medicina e da lingüística. A aproximação com a medicina ocorre pelo caráter clínico de atendimento, e com a lingüística pelos estudos fonéticos e lingüísticos desenvolvidos no *Laboratório de Fonética e Acústica*.

Vimos, então, que a fonoaudiologia se origina sob marcadas influências do campo da pedagogia, da medicina e da lingüística. Essas influências continuam a existir com a criação dos primeiros cursos de fonoaudiologia no Brasil, na USP em 1961 e na PUC-SP em 1962. Nesse período, o fonoaudiólogo é considerado um profissional da área paramédica, com especialização técnica para exercer a função

---

<sup>28</sup> Embora a teoria do *dialogismo* seja apresentada e aprofundada no capítulo 2, adiantaremos alguns pontos do conteúdo geral que acreditamos ser pertinentes na reflexão desenvolvida nesta parte do

de reabilitação dos distúrbios da comunicação. Destaca-se nessa fase, o fato de os cursos estarem centrados teoricamente nos estudos do campo da biologia e da psicologia, e o trabalho complementar do fonoaudiólogo em relação ao médico e ao psicólogo. Notemos a entrada da área da psicologia na formação do fonoaudiólogo, somando-se aos já mencionados campos da pedagogia, da medicina e da lingüística.

Ainda com relação ao trabalho de Neto (op. cit.), retomemos suas observações na análise dos conteúdos dos cursos, em que salienta que o objeto de estudo da fonoaudiologia não ficou esclarecido. Com a criação dos cursos, somente a função do fonoaudiólogo é explicitada nos cursos, sendo o profissional responsável pela reabilitação ou reeducação de distúrbios da comunicação e avaliação da audição.

Sobre as influências de outras disciplinas, vimos que essas também aparecem na denominação da fonoaudiologia, assim como na utilização das denominações anteriores de *reeducador da fala*, *logopedista*, *ortofonista*, *terapeuta da linguagem*, *audiologista* e *foniatra*. A oficialização do nome *fonoaudiologia* foi uma tentativa de unificação da profissão, caracterizada por um leque variado de atuação e formada pela adesão de outras disciplinas.

A pesquisa de Cappelletti(1985) é um outro indicador dos atravessamentos que a fonoaudiologia teve na sua formação. Nesse trabalho destacamos o *parecer* 2.013/74, formulado a partir do envio dos “planos de curso” para aprovação do Conselho Federal de Educação, pela PUC-SP e Escola Paulista de Medicina, dos cursos de fonoaudiologia criados. Nos “planos de curso” o fonoaudiólogo é reconhecido como um técnico que exerce uma atividade paramédica, ou seja, é um profissional que trabalha junto ao médico e que aplica determinada técnica para a

---

trabalho.

solução de problemas relacionados aos sistemas da comunicação. Ao examinar os “planos de curso”, o relator do *parecer* qualifica a fonoaudiologia como parte integrante da foniatria, estabelecendo assim, um vínculo bem próximo entre a fonoaudiologia e a medicina, não só na prática como no texto oficial que determina o espaço de atuação do fonoaudiólogo.

A partir do resgate da história, concluímos que a fonoaudiologia é uma área de conhecimento que se construiu sob os determinantes de outras disciplinas. A influência de disciplinas como a medicina, a pedagogia, a psicologia e a lingüística na fonoaudiologia não somente é visível nas práticas que antecederam a instituição da profissão e no processo de nomeação da área, como é um tema discutido por fonoaudiólogos<sup>29</sup> preocupados com os efeitos dessas influências no trabalho clínico e na definição do objeto da fonoaudiologia.

Mas, então, como pensar as relações entre as competências do fonoaudiólogo, seu campo de atuação e o objeto de estudo da fonoaudiologia? Quais as conseqüências da interferência de outras áreas do conhecimento na constituição da fonoaudiologia? O que diferencia a fonoaudiologia das outras disciplinas?

Julgamos adequado iniciar essa discussão pela regulamentação da profissão de fonoaudiólogo, que ocorreu através da lei federal nº 6.965 de 09 de dezembro de 1981 e do decreto nº 87.218 de 31 de maio de 1982, que estabelecem:

Fonoaudiólogo é o profissional, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área da comunicação oral e escrita, voz

---

<sup>29</sup> É importante dizer que esse tema não é uma preocupação de todos os fonoaudiólogos. Na fonoaudiologia ainda são poucos os trabalhos de pesquisa que discutem a formação do profissional e o seu objeto de estudo, o que leva a um distanciamento da maioria dos fonoaudiólogos dessa discussão.

e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz<sup>30</sup>.

A lei referida acima determina o exercício profissional do fonoaudiólogo, bem como o seu campo de atuação. É conveniente dizer que, quando a profissão foi regulamentada, não havia nenhum tipo de especialização no que se refere aos campos de atuação do fonoaudiólogo. Todavia, com a expansão nas áreas de atuação da fonoaudiologia, o profissional passou a exercer e a aprofundar seus conhecimentos em outros setores. Assim, a partir de 1995, através do *X Encontro Internacional de Audiologia* realizado em Bauru – SP, iniciam algumas propostas para a concessão de título de especialista no âmbito do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa). A proposta inicial resultou nas resoluções nº 268/01 e 269/01 que definiram as seguintes especialidades<sup>31</sup> na fonoaudiologia: *audiologia, voz, motricidade oral e linguagem*<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> Código de ética profissional - publicação do Conselho Regional de Fonoaudiologia – 3ª região, p.9,22.

<sup>31</sup> As resoluções nº 268/01 e 269/01 datam de 03 de março de 2001. Através das respectivas resoluções o *especialista deve ser entendido como o profissional que, com atuação específica, exercita sua atividade lastreado por conhecimentos científicos mais aprofundados, que lhe permitem diagnóstico, tratamento e prevenção adequada, conferindo-lhe, assim, melhores condições para uma melhor e mais completa atuação profissional e assistência aos que lhe procuram*. Ressaltamos que o título de especialista não é pré-requisito para que o fonoaudiólogo exerça a profissão em um campo específico, ou seja, o fonoaudiólogo é capacitado legalmente para atuar em qualquer área abrangida pela profissão, independente do título de especialista em determinada área de conhecimento.

<sup>32</sup> Nas especialidades definidas pelo CFFa, o profissional deve exercer o seu trabalho objetivando a prevenção, avaliação, diagnóstico funcional e o tratamento de problemas relacionados a sua área de atuação. Conforme a área de atuação, o fonoaudiólogo tem competências específicas. *AUDIOLOGIA*: elaboração de programas de prevenção de problemas auditivos; diagnóstico audiológico (funcional); seleção e indicação de aparelhos de amplificação sonora individuais; habilitação e reabilitação de indivíduo portador de deficiência auditiva; reabilitação do indivíduo por implante coclear – *MOTRICIDADE ORAL*: avaliação das funções realizadas pelo *sistema estomatognático* (Conjunto de estruturas interligadas que formam um sistema que tem uma unidade morfofuncional localizada na cavidade oral. Fazem parte desse sistema diferentes tecidos e órgãos como músculos, ossos, dentes, articulação, glândulas e suporte neurovascular correspondente. O *sistema estomatognático* é responsável pelas funções de: mastigação, sucção, deglutição, fonação, articulação e respiração.); habilitação e reabilitação do *sistema estomatognático* – *VOZ*: avaliação clínica, perceptual, instrumental (funcional) das estruturas do trato vocal e objetiva (laboratório da voz); habilitação e reabilitação vocal – *LINGUAGEM*: avaliação dos processos comunicativos não



A partir da definição das especialidades na fonoaudiologia podemos nos indagar: existindo diversas áreas de atuação da fonoaudiologia como fica a questão do objeto? Será que podemos ter um único objeto de estudo em um campo que se caracteriza por uma gama tão variada de práticas? Segundo Palladino (1996), *uma disciplina tem sua existência legitimada pela especificidade de um objeto que a ela se oferece como próprio e em torno do qual um discurso é elaborado* (p. 46).

Na fonoaudiologia a questão do objeto ainda não foi definida. Essa questão ou é ignorada por alguns profissionais, ou se encontra em ponto de debate e de divergências conceituais para outros. Para muitos fonoaudiólogos o objeto é a *comunicação*, para outros é o *sujeito comunicante*, outros ainda tem a *linguagem* como objeto, assim como há os que argumentam que é a *linguagem patológica* o foco de estudo da fonoaudiologia.

Como diz Palladino, *a tradição em fonoaudiologia é a “comunicação” ser tomada como objeto* (op. cit., p.47). Rubino (1997) também destaca a tendência da fonoaudiologia em apresentar o *seu campo de atuação como aquele dos distúrbios da comunicação* (p.69-70). Concordamos com as autoras, pois a *comunicação* está presente no discurso da fonoaudiologia desde as origens de sua formação. Os primeiros cursos de fonoaudiologia criados no Brasil definem o fonoaudiólogo como o *profissional que lidará com reabilitação ou reeducação de distúrbios da comunicação*<sup>33</sup> e com *avaliação de audição* (Neto, 1988, p.169). No parecer 2.013/74, primeiro documento oficial que trata da fonoaudiologia e do papel do fonoaudiólogo, *a fonoaudiologia é parte integrante da foniatria, a sua finalidade sendo limitada à avaliação e reabilitação técnicas dos sistemas de comunicação do*

---

verbais, da linguagem oral e da linguagem escrita; habilitação e reabilitação de indivíduos que apresentem patologias que afetem o desenvolvimento ou uso da linguagem oral e escrita; elaboração de programas para um melhor desenvolvimento da linguagem oral e/ou escrita.

<sup>33</sup> Grifo nosso.

*ser humano, ou sejam, audição, voz, fala e linguagem.* Nessa mesma direção recordemos a própria lei 6.965/81, que regulamenta a profissão, na qual o fonoaudiólogo é *o profissional que atua na área da comunicação oral, escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz.* Da mesma forma, é percebida essa tradição em campanhas para a divulgação da fonoaudiologia. Entre essas campanhas, citamos algumas que foram difundidas pelos conselhos regionais de fonoaudiologia e que, através de cartazes, adesivos e outros meios de divulgação, trazem os seguintes slogans: *“Você não precisa ser um artista para se expressar bem - Nossos aplausos para quem faz da arte de se comunicar, uma ciência - 09 de dezembro – Dia do fonoaudiólogo”*; *“Cuide de sua comunicação - Consulte um fonoaudiólogo”*; *“Cuidar da saúde comunicativa é o nosso papel social e profissional”*; *“Para aperfeiçoar o falar e ouvir - Fale com um fonoaudiólogo”*; *“FONOAUDIÓLOGO – só confie em quem sabe o que fala”*.

Barbosa (2002), ao analisar as relações entre comunicação e linguagem na fonoaudiologia, conclui que a linguagem freqüentemente é tomada como uma forma de comunicação na fonoaudiologia. Segundo a autora, persiste a idéia de uma comunicação plena que está baseada na crença de um sujeito uno e consciente, assim como na existência de uma linguagem transparente, onde o sentido é único. *A perspectiva da transparência da linguagem alia-se também a uma noção de língua como código, regularidade que possibilita a comunicação entre indivíduos* (Barbosa, 2002, p.101). Para Barbosa (op. cit.), na fonoaudiologia existe o *imperativo da comunicação*, onde o que importa é a *transmissão da mensagem*.

Quando se observa uma sinonímia entre *comunicação* e *linguagem*, tal como constatou Barbosa (op. cit.), a linguagem é tomada como um conhecimento que pode ser aprendido e transmitido por um indivíduo. Nessa visão de linguagem, o indivíduo, que é dotado de um organismo em condições de desempenhar as funções

necessárias para uma boa comunicação com o seu interlocutor, deve apresentar capacidades perceptuais e cognitivas para a compreensão e expressão da linguagem. Porém, quando o indivíduo é acometido por problemas de ordem orgânica, perceptual ou cognitiva encontramos a “condição patológica da linguagem”<sup>34</sup>. Se a linguagem é patológica, significa que o indivíduo está encontrando dificuldades para internalizar regras e categorias lingüísticas que possibilitariam a função de comunicar. Quando isso ocorre, o sintoma da comunicação aparece na fala, necessitando de uma intervenção fonoaudiológica para a eliminação, ou correção da patologia. A fala, nessa perspectiva, é um dos meios que possibilita a comunicação, ou seja, é um segmento dessa última.

Prosseguindo nos diferentes pontos de vista quanto ao objeto da fonoaudiologia, Severino (1996) ao abordar a questão do estatuto de cientificidade da fonoaudiologia, apoia-se na premissa de que todo conhecimento científico traz embutido em si uma determinada concepção da relação sujeito/objeto, o que resulta na escolha de uma orientação epistemológica. Para o autor a fonoaudiologia se situa no campo das ciências humanas, na medida em que está procurando conhecer o homem enquanto *sujeito comunicante*. Para Severino (op. cit.) o objeto de estudo da fonoaudiologia é o homem enquanto sujeito que se comunica. *Sujeito que fala, ouve e escreve para se comunicar. (...) para a fonoaudiologia não interessa a linguagem em si mesma, já que em si mesma ela será estudada pelos cientistas da linguagem. Mas a linguagem vinculada, comprometida com o homem que está falando* (p.24). Em nossa opinião, a perspectiva do *sujeito comunicante* como objeto da fonoaudiologia não difere muito da anterior, onde a *comunicação* é o objeto. Mesmo

---

<sup>34</sup> Essa é uma expressão encontrada no meio fonoaudiológico. Não concordamos com sua utilização, pois reflete o sentido de doença na linguagem. Como pesquisado em Bueno (1964): patologia = estudo, tratado das doenças como distúrbios funcionais. Gr. *pathos*, doença; logos, estudo, tratado. Doença = enfermidade, sofrimento. Lat. *dolentia*, doer. Todavia, “patológico” é aqui empregado para identificar uma concepção de linguagem vigente na fonoaudiologia.

acrescentando o homem, o sujeito como alvo de estudo da fonoaudiologia, esse enfoque sobre o objeto restringe o sujeito a sua possibilidade de comunicar, assim como se refere à linguagem enquanto um instrumento de comunicação do homem.

Atualmente, com o avanço das discussões sobre qual é o verdadeiro objeto da fonoaudiologia, outros pontos de vista são defendidos. É o caso dos pesquisadores que entendem que a linguagem é o objeto da fonoaudiologia. A noção de linguagem para esses estudiosos deve ser revertida de um sinônimo de comunicação, com papel meramente expressivo, para uma perspectiva de linguagem com um papel constitutivo. Nessa visão o sujeito se constitui e é constituído na linguagem, estando sujeito aos equívocos e aos efeitos de sentidos que dela advêm. Segundo Lier – De Vitto (1997):

Assumir tal posição implica dizer , antes de mais nada, que não há conhecimento anterior ou fora da linguagem e que se há um plano interno é aquele constituído no e pelo movimento discursivo. Como discriminar, então, o interno do externo? Interno e externo acabam sendo dois *contrários integrais*, não exclusivos. (Lier – De Vitto, 1997, p. 136)

Todavia, existe um questionamento sobre a linguagem ser o objeto da fonoaudiologia. Pesquisadores, que estimulam o debate sobre a questão do objeto na fonoaudiologia, fazem a seguinte pergunta: como pode o “objeto linguagem” dar conta de áreas de atuação aparentemente tão díspares como a *audiologia*, *voz*, *motricidade oral*, e *linguagem*? Para os estudiosos que fazem esse questionamento, a linguagem como objeto da fonoaudiologia tem um caráter redutor, pois parece ser improvável a sustentação de que tal objeto poderia contemplar o leque de atuação variado que existe na fonoaudiologia. Ainda sobre a linguagem enquanto objeto, é lembrado o fato de que a linguagem é o objeto de estudo da lingüística. Sendo assim, onde estaria a singularidade da fonoaudiologia enquanto campo de saber?

Outro ponto que merece atenção é o de que a “linguagem” é um termo genérico, sendo necessário estar claro de que linguagem se está falando. A sustentação de um objeto de estudo que remete à linguagem está atrelado a um conceito de linguagem assumido. O conceito de linguagem vai depender da postura e linha de pesquisa que o profissional, nesse caso o fonoaudiólogo, se identifica. A “linguagem” é uma palavra polissêmica, que mesmo na lingüística adquire diversos significados e é estudada sob diferentes aspectos. Portanto, ao falarmos de “linguagem”, no âmbito da fonoaudiologia, temos que considerar os possíveis sentidos agrupados em torno dessa palavra.

Encontramos também autores que concordam que o objeto da fonoaudiologia é a “linguagem patológica”, ou ainda, como Surreaux (2000), a “linguagem com alterações”<sup>35</sup>, visto que, na clínica, o fonoaudiólogo se depara com a linguagem em sua dimensão patológica, com o imprevisível, com a face da linguagem que escapa à regra. Ao definirmos a “linguagem patológica” como objeto, poderemos também advertir que há teóricos do campo da lingüística<sup>36</sup> que se dedicam ao estudo da “linguagem com problemas”. Dessa forma, a “linguagem patológica” não é, assim como a própria linguagem, uma exclusividade da fonoaudiologia.

Notemos então que a questão do objeto na fonoaudiologia ainda não foi resolvida. Pela diversidade de campos de atuação, seria o caso de a fonoaudiologia ter mais de um objeto de estudo? Ou será que a fonoaudiologia deve assumir que o seu objeto é multiforme, multifacetado, e que esse fato está relacionado com a

---

<sup>35</sup> É necessário dizer que “linguagem com alterações” não é sinônimo de “linguagem patológica”. A autora utiliza a expressão “linguagem com alterações” para se referir à linguagem que não corresponde aos padrões considerados normais. É uma linguagem singular, mas não uma linguagem doente, como pode significar a expressão “linguagem patológica”.

<sup>36</sup> Citamos o exemplo do lingüista Roman Jakobson que diz: *A lingüística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.* (Jakobson, 1969, p.34).

história de sua construção como área de conhecimento? Para nós, essas são duas perguntas fundamentais na reflexão e discussão sobre a polêmica do objeto na fonoaudiologia.

Podemos agora encaminhar algumas considerações a respeito das questões, que referimos anteriormente, sobre as relações existentes entre o campo de atuação, o objeto de estudo, a especificidade da fonoaudiologia e o processo de construção da área sob os efeitos teóricos e práticos de outras disciplinas.

A fonoaudiologia no Brasil surge como uma área direcionada para a prática. Inicialmente caracterizada como uma especialidade técnica, a fonoaudiologia ocupa um lugar deixado por outras ciências, que não comportavam em seus objetivos a atuação em problemas relacionados ao campo da fala e da voz. Para tratar das alterações nesses campos era exigido uma especialização técnica, um profissional que, com conhecimentos advindos de outras áreas pudesse habilitar, ou reabilitar, os sistemas responsáveis pela comunicação das pessoas. É nesse cenário que a fonoaudiologia se desenvolve, atuando tecnicamente nos desvios de fala e de voz e estando vinculada a outras disciplinas.

No seu percurso de construção, a fonoaudiologia foi um apêndice de áreas como a medicina e a psicologia, assim como buscou nessas e em outras, como a lingüística e a pedagogia, um suporte para o exercício de sua atividade. Uma das conseqüências desse ecletismo na sua formação foi uma constituição facetada, evidenciando na fonoaudiologia uma raiz multidisciplinar.

Acreditamos que o fato de a fonoaudiologia se constituir como uma área heterogênea não representa exatamente um ponto negativo. Pensamos, como Bakhtin em sua teoria do *dialogismo*, que o heterogêneo é positivo em qualquer

campo de saber. O *dialogismo* é um princípio teórico cujos pontos fundamentais são as relações que o homem mantém com o mundo através da linguagem e a comunicação<sup>37</sup> enquanto relação de alteridade. Bakhtin sustenta que a comunicação tem um caráter intersubjetivo e dialógico, constituindo-se pela diferença estabelecida entre pessoas, textos e grupos sociais. Portanto, no *dialogismo* a diferença é constitutiva de um todo, ou seja, a heterogeneidade está presente na unidade.

Dessa forma, sustentamos que a interação com outros campos do conhecimento é produtiva para uma disciplina que trabalha com segmentos tão diversos e específicos. Se assim não fosse, como o fonoaudiólogo poderia, por exemplo, atuar no campo da voz e da audição sem conhecer os processos fisiológicos e os aspectos anatômicos envolvidos na produção vocal e relacionados ao sistema auditivo? Como seria possível a atuação no campo da linguagem sem o estudo dos componentes lingüísticos e as relações entre esses e os fatores relacionados à língua, à fala e ao sujeito? Será que ao trabalhar no campo da escrita, o fonoaudiólogo não deveria conhecer o processo de construção da escrita pela criança? Por que evitar o estudo da constituição psíquica do sujeito, na medida que a clínica fonoaudiológica abrange o atendimento de pessoas com transtornos de linguagem associados aos de estruturação psíquica? As perguntas nesse sentido poderiam ser várias outras.

Entendemos que o que pode ser problemático é a forma como os conhecimentos de outras disciplinas são, por vezes, encampados pela fonoaudiologia, assim como o uso que o fonoaudiólogo faz desses estudos em sua

---

<sup>37</sup> Para Bakhtin a comunicação não se resume a uma transmissão de mensagens. Esse conceito será desenvolvido no capítulo 2, item 2.3.

prática clínica. Estamos nos referindo a uma “clínica de empréstimos”<sup>38</sup>, em que “toma-se emprestado” partes de um conjunto teórico de determinada disciplina para serem aplicadas, ou incorporadas em outro campo, de forma reducionista e sem reflexões mais aprofundadas. Achamos que a fonoaudiologia, ao contrário de fazer uma “clínica de empréstimos”, deve dialogar com outras áreas do conhecimento. Falamos aqui de *diálogo* do ponto de vista bakhtiniano<sup>39</sup>.

O hibridismo da fonoaudiologia, causado pela sua origem multidisciplinar, vai se refletir também na questão dos campos de atuação e do objeto da fonoaudiologia. A fonoaudiologia se desenvolveu sob práticas tão diversas que se tornou difícil demarcar a sua especificidade. Podemos perceber no transcorrer de sua história algumas tentativas de unificação dessas práticas, como, por exemplo, o processo de oficialização do nome *fonoaudiologia*, que relatamos em páginas anteriores. O mesmo ocorreu com o discurso que expressava a *comunicação* como o provável objeto de estudo da fonoaudiologia, embora não tenha sido literalmente oficializado. A clínica fonoaudiológica foi construída sob a roupagem de uma heterogeneidade de práticas, que foram recobertas por uma ilusão de homogeneidade. Heterogeneidade de práticas e homogeneidade no objetivo.

Em nossa opinião, uma das causas desses embates encontrados na fonoaudiologia é a falta de *diálogo* apontada anteriormente. Para nós, além do

---

<sup>38</sup> Citamos como exemplo a utilização do modelo dos traços distintivos para ser aplicado aos casos de desvios fonológicos, ou seja, através da descrição fonética e da análise fonológica, baseadas na lingüística, são criados procedimentos para avaliação e intervenção clínica. Outro exemplo é a utilização de testes psicológicos para avaliar o desenvolvimento cognitivo da criança, afim de estabelecer quais as habilidades que a mesma apresenta para a aprendizagem da leitura e escrita. Também citamos a utilização de testes psicomotores, que indicam a presença de lesão neurológica e as funções motoras presentes na fase de desenvolvimento global da criança.

<sup>39</sup> Um dos conceitos, e talvez o mais importante, na obra bakhtiniana, é o de *diálogo*. O *diálogo*, para Bakhtin, é entendido como qualquer tipo de comunicação verbal. É concebido como um encontro de posições, argumentações e pontos de vista diferentes, significando comunicação entre diferenças numa simultaneidade.



*diálogo* com outras disciplinas<sup>40</sup>, a fonoaudiologia necessita de um *diálogo* consigo mesma. Percebemos que desde o início de sua formação não houve, ou talvez não o suficiente, uma alteridade interna na própria fonoaudiologia. Talvez isso se justifique pelo terreno de caráter prático em que ela se desenvolveu. Sempre houve uma preocupação em legitimar a fonoaudiologia, mas não em debater criticamente a sua especificidade.

A fonoaudiologia careceu de uma produção teórica continuada, e isso trouxe conseqüências para o seu campo. Uma delas foi a tendência de fazer recortes dos pressupostos de outras áreas para subsidiar a sua clínica, impedindo que pudesse criar um texto próprio que lhe possibilitaria um reconhecimento singular. Pensar em texto na fonoaudiologia nos conduz às reflexões sobre o *texto* que Bakhtin formulou. Para Bakhtin a especificidade do homem é o fato de poder expressar-se, de falar, ou seja, de criar um *texto*. No seu ponto de vista, quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o *texto*.

Mas o *texto* em Bakhtin não é entendido como um sistema de signos, como uma língua no sentido restrito do termo. O *texto* está associado às condições concretas de vida, é uma unidade discursiva que nunca pode ser traduzida até o fim, pois está relacionado a outros textos da cadeia verbal. Nesse sentido, a fonoaudiologia ainda é carente de produção de textos que reflitam sobre a sua formação clínica. Para nós, a produção de *texto* na fonoaudiologia pode ganhar relevo através do aumento no número e na divulgação de pesquisas, assim como através da abertura de espaços para debates em todos os níveis implicados: nas universidades, nas salas de aula, nos conselhos regionais, nos congressos e cursos

---

<sup>40</sup> Surreaux (2000), ao falar da constituição heterogênea da fonoaudiologia, propõe que a fonoaudiologia seja pensada sob três perspectivas. Uma delas, e que tem relação ao que estamos discutindo, é a perspectiva da fonoaudiologia como uma *Disciplina de Entremeio*, onde não há o mero acúmulo de conhecimentos e onde ocorre a interlocução com outras disciplinas.

promovidos pela área, etc. Defendemos a necessidade de um avanço no *diálogo* em torno da especificidade da fonoaudiologia, da delimitação de suas áreas de trabalho, de sua relação com outras disciplinas, da sua clínica e do objeto sob o qual deve teorizar. Através do *diálogo* o fonoaudiólogo pode ocupar o lugar de autor, de criador de *texto*, reivindicando assim, um *texto* próprio para a fonoaudiologia. Segundo Bakhtin, o *autor* é o responsável pela criação do *texto*, e representa uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente.

Embora as questões que apontamos como merecedoras de uma problematização na fonoaudiologia já estejam sendo debatidas atualmente, ainda há a necessidade de mais reflexões nesse sentido. Em nossa opinião, a fonoaudiologia que, como já falamos, se constituiu como uma prática, poderia discutir mais a respeito de sua identidade enquanto área do conhecimento. E isso pode ser feito através de uma relação de alteridade interna. Entendemos que o caminho para a fonoaudiologia ter um discurso próprio é a prática sim, mas a prática da alteridade.

Ao chegarmos no final desse capítulo relembramos o que foi falado nas linhas iniciais do mesmo. Como dissemos, um dos objetivos do nosso trabalho é a reflexão e o debate acerca de aspectos relacionados ao campo da fonoaudiologia. Entre esses aspectos, uma ênfase recairá sobre alguns pontos referentes à “clínica da linguagem” na fonoaudiologia. Todavia, não poderíamos deixar de mostrar particularidades no percurso de atuação prática e algumas indefinições encontradas no arcabouço teórico da fonoaudiologia, visto que interferem na clínica fonoaudiológica. Assim, procuramos mostrar que atualmente existe um movimento de discussão em torno das questões do objeto e da especificidade da fonoaudiologia, e que um dos caminhos possíveis para o avanço dessa discussão é a fonoaudiologia se colocar em um lugar de alteridade, tanto com outras disciplinas, como com ela

mesma. Sugerimos então uma reflexão dessas questões a partir das concepções de *diálogo* e de *texto*, encontradas na teoria do *dialogismo* de Bakhtin.

No próximo capítulo aprofundaremos melhor o princípio do *dialogismo*, assim como situaremos essa teoria nos trabalhos voltados para a enunciação e traçaremos um panorama do percurso de estudos relativos à linguagem do filósofo Mikhail Bakhtin. A parte dedicada à obra de Bakhtin servirá de alicerce teórico para o conjunto de nossa pesquisa, mas, principalmente, será de grande importância no capítulo 4, em que analisaremos o corpus referente à “clínica da linguagem” na fonoaudiologia, e no capítulo 5, onde discutiremos a possibilidade de interlocução entre o *dialogismo* e a fonoaudiologia.

## 2. M. BAKHTIN E O DIALOGISMO.

### 2.1. O ESTUDO DA ENUNCIÇÃO.

A elaboração deste item é consequência da necessidade de podermos situar o que vem a ser uma teoria que tem a *enunção* como objeto de estudo. Isso se justifica pelo fato de termos como eixo teórico o *dialogismo* de Mikhail Bakhtin, autor que, ao considerar a linguagem sob a perspectiva da intersubjetividade, pode ser situado no interior dos estudos enunciativos. Por essa razão, julgamos adequado traçar um panorama, mesmo que de forma resumida, dos principais pontos que caracterizam uma teoria designada como enunciativa. Assim, a seguir, propomos algumas reflexões sobre as *teorias da enunção* e suas aproximações, como também citamos alguns autores que se destacam nesse campo<sup>41</sup>.

Como agrupar um número variado de teorias, classificadas como enunciativas, na medida em que as mesmas guardam as suas especificidades com relação à temática? Como dar unidade ao que é, em certa medida, heterogêneo? Enfatizamos que não temos a intenção de formular um conceito sobre o que vem a ser uma *teoria da enunção*, pois, como veremos mais adiante, a enunção não é definida e estudada exatamente sob o mesmo prisma pelos diferentes autores que dela se ocupam. O que pretendemos é focalizar alguns aspectos que determinam a denominação de uma teoria como sendo enunciativa, e para essa tarefa, nos remeteremos, sempre que necessário, a alguns autores que se dedicam ao estudo da *enunção*. A partir dessa exposição, buscaremos identificar o trabalho de Bakhtin.

---

<sup>41</sup> Cabe esclarecer que não pretendemos fazer uma simplificação dos autores que trabalham no terreno da *enunção*, todavia, o espaço que temos nesse trabalho não comporta uma apresentação mais completa e adequada desses autores. Também não é nossa proposta nos estendermos em tais teorias. Por essas razões assumimos os riscos da síntese e incompletude das obras, mas julgamos necessário apontar algumas das diretrizes que permitem agrupá-las em torno de um mesmo tema.

O estudo da *enunciação* se caracteriza como uma tentativa de ultrapassar os limites de uma “lingüística da língua”, buscando, como ressalta Flores (2001), *evidenciar as relações da língua não apenas como o sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito* (p.11).

Por essa razão, as teorias chamadas de enunciativas não estão preocupadas somente com os fenômenos relativos ao uso da língua, mas também com quem dela faz uso. Assim, o sujeito ganha relevância, visto que na *Enunciação*<sup>42</sup> todo o fenômeno lingüístico depende da existência do sujeito que o enuncia. O sujeito é visto através de um quadro intersubjetivo da linguagem, constituindo-se como sujeito falante pelo fenômeno da alteridade. Mas um alerta se faz necessário: as *teorias da enunciação* estudam as marcas do sujeito no enunciado e não o próprio sujeito, visto que o seu interesse principal é com relação ao sentido. Como lembra Flores:

*A lingüística da enunciação* toma para si não apenas o estudo das marcas formais no enunciado, mas refere-as ao processo de sua produção: ao sujeito, tempo e espaço. *A lingüística da enunciação* deve centrar-se no estudo das representações do sujeito que enuncia e não no próprio sujeito, objeto de outras áreas (Flores, 2001, p. 59).

Nessa citação, Flores se reporta a uma *lingüística da enunciação*. Para este autor, embora haja uma diversidade que permite falar em mais de uma teoria da enunciação, existem elementos em comum que fornecem uma certa unicidade a essas teorias. *A lingüística da enunciação* concebe uma constituição heterogênea do objeto da lingüística, incluindo temas como subjetividade, referência, dêixis,

---

<sup>42</sup> Utilizamos aqui “Enunciação”, em maiúscula, para diferenciar de *enunciação*. “Enunciação” nos remete a um campo de estudo, o campo que abrange as teorias enunciativas, sendo esse termo usado na forma coloquial e com sentido genérico. De outra maneira, a *enunciação*, em itálico, está relacionada a um conceito mais específico do termo, como o produto da interação de indivíduos,

contexto, etc. Vejamos o que o autor tem a dizer sobre o objeto da lingüística da enunciação:

O objeto da *lingüística da enunciação* é todo o mecanismo lingüístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se auto-referencia no uso. A enunciação é, pois, o que constitui esse processo (Flores, 2001, p. 57).

Além do estudo das representações do sujeito que enuncia, as *teorias da enunciação* convergem em outros pontos. Entre esses está a situação do fenômeno lingüístico num tempo e num espaço. Mas não se trata de afirmar que o tempo e o espaço são tratados da mesma forma pelos diferentes estudos da enunciação, nem tampouco dizer que, nas *teorias da enunciação*, é do mesmo sujeito que se fala. Trata-se de considerar a *enunciação* como centro de referência do sentido nos fenômenos lingüísticos, estando os sujeitos, o espaço e o tempo articulados na cena enunciativa. Outro aspecto em comum é a determinação semântica dos fenômenos lingüísticos, sejam eles sintáticos, morfológicos, ou de qualquer outra natureza.

Dessa forma, a Enunciação privilegia o estudo dos fenômenos pertencentes à língua e à fala conjuntamente, visto que é na fala e pela fala que a língua tem sua existência. Isso significa que para os estudiosos que se dedicam à esse campo teórico, não há uma dicotomia entre língua e fala, onde um dos blocos teria um papel preponderante, e sim uma relação de complementaridade entre essas duas ordens.

Ao fazer apontamentos acerca do objeto da lingüística, Fiorin (1996) considera que o estudo da *enunciação* teve uma maior penetração no cenário lingüístico a partir das observações feitas por Benveniste e Jakobson. Para Fiorin,

---

determinado pela situação e pelos participantes do ato de fala, ato que conduz ao funcionamento da língua.

antes desses lingüistas, a *enunciação* era vista como um acontecimento único, realizado por sujeitos particulares numa situação particular, ficando, por essa razão, fora dos quadros do sistema da língua. O autor ressalta a importância do estudo da *enunciação* para a constituição do discurso, e que através dela inicia o que se poderia chamar de uma *lingüística do discurso*, sendo o seu objeto o “uso lingüístico”. Fiorin (op. cit) se inclui no grupo dos que entendem a *enunciação* como ato singular, impossível de ser reproduzida duas vezes de forma idêntica. Isso faz com que o lingüista, impossibilitado de estudar diretamente o ato de enunciação, busque identificar e descrever os traços da *enunciação* no enunciado, ou seja, os traços do ato no produto<sup>43</sup>.

Para Cervoni (1989), um ponto em comum que as *teorias da enunciação* apresentam é o de considerar o conceito de língua proposto por Saussure<sup>44</sup>, e a competência lingüística de um falante /ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade lingüisticamente homogênea, enfocada por Chomsky<sup>45</sup>, como definições redutoras do objeto da lingüística, assim como a ausência de um estudo do sentido na obra desses teóricos. Cervoni, assim como Flores, faz referência a uma *lingüística da enunciação*, onde estariam reunidos os estudos relativos à *enunciação*, com traços comuns significativos para a sua aproximação e constituição em um conjunto distinto. Para o autor a *lingüística da enunciação* comporta toda lingüística que,

---

<sup>43</sup> Assim como Fiorin, Flores (2001) diz que a enunciação é o processo que indica simultaneamente o produto, ou seja, o enunciado. De nossa parte, entendemos que as relações feitas acerca da díade enunciado/enunciação podem ir mais adiante, desde que se pense a fala como um processo ininterrupto. Se tomarmos a materialização do enunciado em um determinado tempo e espaço, teremos que a enunciação é constitutiva do enunciado, com este mostrando as marcas da primeira, ou seja, o enunciado é o produto. Mas, ao mesmo tempo em que é produto, o enunciado também faz parte do processo que originará uma nova enunciação. Através desse encadeamento, que ocorre no diálogo, enunciado e enunciação alternam-se ora como processo e ora como produto.

<sup>44</sup> Trata-se do conceito de língua presente no *Curso de lingüística geral* como sendo um sistema de signos de natureza homogênea, um conjunto de convenções necessárias para o exercício da atividade da linguagem.

<sup>45</sup> Ver em: *Aspectos de la teoría de la sintaxis*. Madrid, Aguilar, 1971.

preocupada em não mutilar demais a análise do sentido, não situa de saída o conjunto da problemática enunciativa à margem de seu próprio objeto.

Sob um outro enfoque, Guimarães (1995) sustenta que a *enunciação* deve ser tratada como *acontecimento histórico*. O autor define *enunciação* como *um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso* (p.65). Do ponto de vista de Guimarães, o funcionamento da língua ocorre pela posição de sujeito que o indivíduo ocupa no discurso, o que faz com que a língua seja afetada pelo interdiscurso. Ao ser tratada como acontecimento histórico e afetada pelo interdiscurso, a enunciação não diz respeito à situação e não é homogênea. Ela se caracteriza como uma dispersão que a relação com o interdiscurso produz.

O mesmo autor, ao propor a constituição de um modo de tratamento enunciativo do sentido, e de uma *semântica histórica da enunciação* concebe que *a linguagem funciona olhando para fora de si, mas este fora só se alcança porque é simbolizado, porque a linguagem não se confunde com a situação em que seus segmentos ocorrem. Nada é signo se fica colado como etiqueta à situação ou a pessoa da situação* (Guimarães, 1995, p.85). Notamos que no conceito de enunciação formulado por Guimarães transparece a influência que o seu trabalho sofre dos estudos da *análise do discurso*<sup>46</sup>, posição que ele mesmo assume ao dizer: *Mas para nós o tratamento da presença do fora não pode abandonar a especificidade da interioridade lingüística. Por isso nossa filiação a Bréal, Bally, Benveniste, Ducrot e nosso diálogo direto com a análise de discurso (Pêcheux, Authier, Henry, Orlandi)* (p. 85). Não é nossa intenção aprofundar a concepção de

---

<sup>46</sup> Estamos nos referindo a teoria de *análise do discurso* de escola francesa, com início nos anos 60 do séc. XX, e que tem como um de seus fundadores o filósofo Michael Pêcheux.



*enunciação* de que trata Guimarães, visto que para isso teríamos que desenvolver alguns conceitos provindos da *análise do discurso* como: acontecimento histórico, interdiscurso, memória, etc. O que pretendemos é somente mostrar que o estudo da *enunciação* tem abordagens variadas, assim como o atravessamento de outras teorias.

Segundo os referenciais acerca dos estudos sobre a *enunciação*, Flores (2001) destaca alguns autores que, segundo ele, pertencem ao grupo nomeado de *teorias da enunciação*. Para eleger os referidos autores, Flores utiliza como critério teórico os estudos que tematizam a *enunciação* e que formulam um modelo de análise da *enunciação*. Os autores citados receberam a influência de Ferdinand de Saussure e, em casos específicos, de Michel Bréal. O ponto de partida, mesmo que de forma implícita, dos teóricos apresentados é a conhecida dicotomia língua/fala operada por Saussure. Assim, esses autores têm em comum o fato de refletirem sobre o estruturalismo lingüístico, e de contribuírem para o estabelecimento de um pensamento sobre a *enunciação* na linguagem. Pelos motivos já mencionados anteriormente, não abordaremos o estudo de todos os teóricos da Enunciação, nem nos alongaremos no esboço das idéias dos mesmos.

Segundo Flores (op. cit), Charles Bally foi o primeiro lingüista a formular um raciocínio voltado à *enunciação*. Bally dedicou-se ao estudo da estilística, buscando o caráter coletivo da expressividade lingüística através da investigação dos processos lingüísticos pelos quais o falante se expressa. Ao partir do princípio de que a linguagem é apta a expressar sentimentos e pensamentos, e que estudar a expressão dos sentimentos é o objeto da estilística, Bally sustenta que a estilística deve se preocupar não somente com o enunciado, mas com a presença da *enunciação* no enunciado. Ao assumir as dicotomias língua/fala, sincronia/diacronia,

paradigma/sintagma propostas por Saussure, com uma abordagem da língua no seu uso cotidiano e oral, Bally acaba por desenvolver uma lingüística da fala.

Roman Jakobson é outro autor que, na opinião de Flores (op. cit), pode ser considerado como um dos primeiros lingüistas a pensar sobre as questões da *enunciação*. Jakobson destacou-se na divulgação de trabalhos que buscavam a intersecção da lingüística com a poética. Os seus trabalhos sobre os *shifters*<sup>47</sup> e sobre as *funções da linguagem*<sup>48</sup> versam, de forma sistemática, sobre o lugar do sujeito na língua. Mesmo que a teoria das funções da linguagem e o trabalho sobre os *shifters* evidenciem as marcas de uma “teoria da comunicação” e de uma idéia de língua enquanto código, Jakobson sistematiza um modelo que inclui a atividade da fala.

Ressaltamos a observação feita por Flores (op. cit.) quando lembra que Jakobson, ao mesmo tempo em que incorpora a noção de *estrutura* de Saussure, discorda do mesmo no que tange ao funcionamento da língua. Jakobson diverge de Saussure quando este estabelece uma distinção entre os conceitos de *diacronia* e *sincronia*, onde o primeiro trata do desenvolvimento histórico da língua, e o segundo trata da língua de um ponto de vista estático<sup>49</sup>. A crítica de Jakobson<sup>50</sup> é no sentido de que a dicotomia operada por Saussure mostra uma ruptura equivocada entre o passado e o presente da língua nos processos lingüísticos. Para Jakobson a oposição estático/dinâmico exclui a função do tempo no momento presente da língua. Esse nos parece ser outro ponto importante, para que Jakobson seja considerado um lingüista voltado para questões relativas à *enunciação*.

---

<sup>47</sup> Ver em “Les embrayeurs et le verbe russe”. In: *Essais de linguistique générale*. Paris. Minuit, 1963.

<sup>48</sup> Ver em: “Lingüística e poética”. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.

<sup>49</sup> Para ilustrar a relação entre a realidade histórica e um estado de língua, Saussure estabelece sua brilhante metáfora - do jogo da língua e do jogo de xadrez. Ver em: Saussure, F. *Curso de lingüística geral*, 1997, p.104.

<sup>50</sup> Ver em: El signo y el sistema de la lengua: una reafirmación de la doctrina de Saussure. In: *Arte verbal, signo verbal, tiempo verbal*. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

Um nome que merece destaque especial é o de Émile Benveniste, considerado como o primeiro lingüista a questionar a distinção língua/fala que predominava na lingüística estruturalista, fazendo um resgate do sujeito e da significação nos estudos lingüísticos. Este resgate surge num momento de forte influência das teorias estruturalistas<sup>51</sup> que estudavam a língua como um sistema abstrato, fechado em si mesmo. Benveniste evidencia uma preocupação antropológica de explicitar o processo de construção do sujeito, abordando-o como um evento social que se realiza pela linguagem<sup>52</sup>. Para Benveniste um “ato de enunciação” é um ato de co-referência, de atribuição conjunta, dos interlocutores, de sentido às palavras. É somente a partir do “ato de enunciação” que se pode pensar no sentido. Isso implica em dizer que os significados são constituídos a cada relação enunciativa pela referenciação aos interlocutores e ao contexto da *enunciação*, e que a intersubjetividade viabiliza o uso da língua.

Benveniste desenvolve sua teoria a partir de alguns conceitos elementares como subjetividade/intersubjetividade, pessoa e língua. Para o estudo da subjetividade em Benveniste vale lembrar sua pesquisa acerca do sistema pronominal pessoal<sup>53</sup> e sobre a *enunciação*. Em seu último texto publicado *O aparelho formal da enunciação* (1970)<sup>54</sup>, Benveniste define *enunciação* como o ato de por a língua em funcionamento, ato este individual, em que a língua se torna

---

<sup>51</sup> Os primeiros trabalhos de Benveniste foram desenvolvidos na década de 50, época do apogeu do estruturalismo moderno.

<sup>52</sup> Por ser um estruturalista, Benveniste não deixa de conceber a língua como uma estrutura, porém acredita que a língua não pode estar alheia àquilo que a fundamenta, o homem. Sua concepção de língua está atrelada à de linguagem como constitutiva do homem. Conforme suas próprias palavras: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito: porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (Benveniste, 1995, p.286).

<sup>53</sup> Esses estudos encontram-se, sobretudo, nos textos: Estruturas das relações de pessoa no verbo (1946) e A natureza dos pronomes (1956) que fazem parte do livro: *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, Pontes, 1995.

<sup>54</sup> Este texto é integrante do livro *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, Pontes, 1989.

discurso. A *enunciação* é definida no quadro formal de sua realização, ocorrendo um processo de apropriação da língua pelo locutor através do aparelho formal da enunciação. Para ele, antes da enunciação, a língua é somente uma possibilidade. O autor desenvolve um modelo de análise da língua voltado para a enunciação e para suas formas de marcação no enunciado.

De um outro prisma, Oswald Ducrot concebe a *enunciação* como um acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado. Entre os seus trabalhos destacamos, conforme os propósitos mencionados no início desse item, o *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*<sup>55</sup>, no qual Ducrot reflete sobre questões relacionadas à enunciação e à subjetividade. Ao buscar uma teoria polifônica da *enunciação*, o autor empenha-se para confirmar a possibilidade de verificação de diferentes representações do sujeito da *enunciação* no sentido do enunciado<sup>56</sup>, e a tese que sustenta a existência de um único autor na base de um enunciado.

O sujeito da teoria polifônica da *enunciação* não é um produtor de fala, mas de representações no sentido do enunciado. “(...) a idéia de que o sentido do enunciado, na representação que ele dá da enunciação, pode fazer surgir aí vozes que não são a de um locutor” (Ducrot, 1987, 192). Isso leva ao fato de que a *enunciação* pode ser atribuída a um ou mais sujeitos, com a diferenciação entre *locutor* e *enunciador* no enunciado. O *locutor* é o responsável pela produção da *enunciação*, sendo a ele remetidas as marcas de primeira pessoa contidas no enunciado. Já o *enunciador* é uma perspectiva expressa através da *enunciação*, tendo o seu ponto de vista expresso mesmo sem “falar”. Para Ducrot, o *enunciador* está para o *locutor* assim como, na literatura, o personagem está para o autor. Quanto ao sentido dos enunciados, Ducrot o entende como pragmaticamente

---

<sup>55</sup> Ver em: *O dizer e o dito*. Campinas, Pontes, 1987.

constituído a partir da *enunciação*, o que o leva a argumentar que o sentido de um enunciado é a representação de sua *enunciação*. Martins (1990), ao se referir a esse ponto da teoria de Ducrot diz que : *as circunstâncias do uso das palavras estão inscritas no enunciado, constituindo seu sentido* (p.52).

Também considerada como uma teoria da enunciação, está o estudo desenvolvido por Jaqueline Authier-Revuz. Para a ancoragem de sua teoria, Authier busca apoio nos estudos classificados como não-lingüísticos, enfocando a heterogeneidade constitutiva da fala e do discurso, através dos postulados de Bakhtin e da psicanálise, tal como Lacan interpreta o texto de Freud. O interesse pela teoria bakhtiniana está no princípio do *dialogismo* que, entre outras questões, aborda o discurso como o produto de outros discursos. Ao se reportar à psicanálise lacaniana, busca a forma como esta estuda as relações do sujeito com a linguagem. Através de um olhar exterior à lingüística, a psicanálise não admite a imagem de um sujeito “pleno”, responsável pela “palavra homogênea”. Com efeito, concebe o sujeito como dividido, clivado, com uma fala heterogênea. Um sujeito como “efeito de linguagem”. Assim, tanto a teoria de Bakhtin, como a psicanálise abordam, sob paradigmas diferentes, a presença do outro na linguagem.

Authier-Revuz estuda a heterogeneidade como constitutiva do discurso, postulando a existência de duas formas de heterogeneidade: mostrada e constitutiva<sup>57</sup>. Trata-se de uma heterogeneidade constitutiva, que algumas vezes é mostrada e em outras não. Através das formas de heterogeneidade, a autora ressalta a presença do outro no discurso, assim como introduz nos seus estudos lingüísticos

---

<sup>56</sup> Essa postura de Ducrot, contraria o princípio da unicidade do sujeito mantido pela lingüística moderna.

<sup>57</sup> A autora desenvolve esse tema no texto: *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*.

as concepções de sujeito e de sua relação com a linguagem, ou seja, concebe o exterior como pertencente ao campo da lingüística.

Finalmente chegamos às investigações teóricas de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, cujo centro de investigação está centrado no *dialogismo*<sup>58</sup>. No início de suas investigações, Bakhtin concebe o diálogo como integrante do gênero literário, mas, posteriormente, não mais o restringe à literatura, considerando-o como subjacente a todas as manifestações de linguagem. Na teoria do *dialogismo* a linguagem é abordada pelo viés da *enunciação*, que considera todo o contexto enunciativo e extrapola o campo do verbal. É nos estudos sobre a filosofia da linguagem que Bakhtin aborda com maior ênfase a questão da enunciação. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1999) Bakhtin (Voloschinov) apresenta as bases para uma filosofia marxista da linguagem, fazendo uma análise geral e crítica sobre as duas linhas mestras do pensamento filosófico lingüístico da época, denominadas de *subjetivismo idealista* e *objetivismo abstrato*. A partir dessa crítica é que Bakhtin formula o seu conceito de *enunciação*, propondo a realização da interação verbal através da *enunciação*.

Para Bakhtin as enunciações são a essência da linguagem comunicativa, assim como o enunciado é a unidade pela qual se obtém uma análise da linguagem. Para dar conta dos elementos implicados na enunciação e, conseqüentemente no enunciado, como aqueles externos a língua e não-verbais<sup>59</sup>, Bakhtin se coloca na perspectiva da metalingüística, que é avessa ao descritivismo formal da língua. A *enunciação* é apenas uma parte da corrente da comunicação verbal, que está associada à noção de enunciado. Diferentemente da oração, que é de natureza gramatical, o enunciado contempla o sentido que, segundo Bakhtin, é preciso ser

---

<sup>58</sup> Lembramos que a teoria do *dialogismo* de Bakhtin será aprofundada no item 2.3, bem como as suas reflexões sobre a enunciação.

tratado a partir da situação de enunciação. Para ele não é possível tratar a questão do sentido nos limites da língua, sendo necessário a consideração de elementos externos ao enunciado como atuantes na significação. Assim, a análise do contexto da enunciação deve considerar o horizonte comum aos locutores, o conhecimento e a compreensão comum da situação, a relação do enunciado com o locutor, do locutor com o ouvinte e as relações que um determinado enunciado tem com outros produzidos anteriormente.

Após o esboço de algumas teorias da enunciação, podemos concluir que a Enunciação instaura um olhar para o momento em que o enunciado é produzido, buscando as relações entre língua e linguagem. Isso parte de um entendimento de língua em funcionamento, em uso concreto pelo sujeito e não apenas um sistema fechado de signos abstratos. Na Enunciação a língua é estudada sob uma perspectiva semântica, em situações concretas de uso. Para as *teorias da enunciação* a língua, enquanto objeto, está relacionada à singularidade da ocorrência contextual, com o estudo dos mecanismos de enunciação no quadro de sua realização.

Finalizamos essa parte com o conceito de Teixeira & Flores (1996) sobre as teorias da enunciação. Conceito que, em nossa opinião, sintetiza adequadamente o conjunto de trabalhos norteados pela enunciação:

Teorias da Enunciação é como se conhece o conjunto de trabalhos que estuda os fatores e atos que provocam a produção de um enunciado. Refletindo sobre questões de interlocução, intersubjetividade, tempo e lugar, essas teorias buscam preencher as lacunas da lingüística pelo argumento de que o estudo semântico dos enunciados é insuficiente quando não se leva em conta a enunciação, ou seja, este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização (Benveniste, 1989:82). As Teorias da Enunciação preocupam-se com: o locutor (quem é o sujeito da enunciação e como se caracteriza sua emergência no discurso); o interlocutor (para quem o discurso é produzido e como sua presença

---

<sup>59</sup> Como por exemplo, a *entonação*.

se materializa na enunciação); a situação em que a enunciação é produzida (marcas espaço-temporais de produção do discurso); o referente do discurso (sobre o que o discurso trata). (Teixeira e Flores, 1996, p.20).

## 2.2. O PERCURSO DE M. BAKHTIN.

O objetivo de nosso trabalho é estabelecer uma interlocução entre a fonoaudiologia e Bakhtin, ou seja, buscamos uma reflexão sobre a clínica fonoaudiológica a partir da abordagem filosófico-lingüística acerca da linguagem, desenvolvida por este “pensador”, através de sua teoria sobre o *dialogismo*. Assim, utilizaremos como âncora teórica os pressupostos da teoria de Mikhail Bakhtin que por situar-se no campo das *teorias da enunciação*, postula a subjetividade e a presença do outro como constitutivos da linguagem. Para Bakhtin, o sujeito, o sentido, o contexto e a interação estão presentes no funcionamento da língua. Nesse sentido, julgamos importante fazer uma sucinta apresentação do autor, já que o mesmo está inserido em uma área de conhecimento distinta da fonoaudiologia, assim como ilustrar as fases de sua produção intelectual, pois assim podemos ter um entendimento do conjunto da obra, como também justificar a opção por determinados conceitos e períodos de seu desenvolvimento teórico.

Bakhtin, filólogo de formação e filósofo por natureza. Talvez esta seja a melhor forma para iniciarmos uma tentativa de especificar quem foi Mikhail Mikhailovitch Bakhtin. Boukharaeva (1997) diz que o próprio Bakhtin, ao ser perguntado sobre se seria mais filólogo, ou mais filósofo, respondeu ser um filósofo, um pensador. Falamos de uma tentativa, na medida em que os estudos de Bakhtin



englobam temas que vão do existencialismo à crítica literária, passando pela lingüística, psicanálise, marxismo, entre outros. Para Clark & Holquist (1998), Bakhtin é considerado acima de tudo um “pensador”, ou um filósofo assistemático, que publicou livros e artigos que remetem a um espectro variado de assuntos. Poderia ser visto como um teórico ou historiador da literatura, visto que dedicou grande parte de sua vida ao estudo do romance. Porém, não se considerava um teórico da literatura em primeiro lugar, julgava ser o termo *antropologia filosófica* o mais adequado para designar o que se dispunha a fazer<sup>60</sup>.

Tanto em sua vida pessoal como na intelectual, Bakhtin trilhou por um caminho de turbulências e inconstância. Na vida pessoal ficou sujeito às conseqüências do regime socialista, como por exemplo o decreto de sua prisão em 1929 e a deportação para Kustanai, no Cazaquistão. A sua produção teórica também não foi uma constante, com incursão sobre um número heterogêneo de tópicos, vocábulos, disfarces autorais e períodos, conforme a natureza de suas investigações.

Alguns dos estudiosos de Bakhtin preocuparam-se em mapear a sua trajetória intelectual, dividindo-a em fases, ou períodos que obedecem a uma certa lógica de produção científica<sup>61</sup>. Segundo Boukharaeva (1997), Bakhtin passou por quatro períodos no seu processo de criação intelectual. O primeiro período situado entre os anos 1918, ano em que se formou, e 1924, lapso de tempo em que se mudou para a cidade de Nevel e depois para Vitebsk. Foi nesse período, chamado por Tzvetan Todorov<sup>62</sup> de *período fenomenológico*, que teve início, na cidade de Nevel, o “círculo bakhtiniano”. Na época foi chamado de “círculo kantiano”, pois Bakhtin lecionava sobre Immanuel Kant para amigos e correligionários do círculo.

---

<sup>60</sup> Clark & Holquist, 1998, p. 31.

<sup>61</sup> Citamos entre esses trabalhos os de: Louiza M. Boukharaeva em: *Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovitch Bakhtin* (1997), K. Clark e M. Holquist em: *Mikhail Bakhtin* (1998), Tzvetan Todorov no prefácio de *Estética de criação verbal* (1992).

Fortemente influenciado pela fenomenologia e pelo neokantismo, Bakhtin dá início a sua “teoria da ação”, destacando-se, nessa fase, os textos *Para uma filosofia da ação* e *Autor e herói na atividade estética*. No primeiro texto, é esboçada a idéia de que a existência do homem está vinculada a sua ação, e no segundo, a partir da relação entre autor e herói, a de que o ser humano se constitui através do olhar do outro. Para Bakhtin, a ação é o ato de criação dos valores culturais, o ato criativo de engendrar significados. Para ele, vida e cultura estão unidos. É importante destacar os dois textos acima, na medida em que são considerados os trabalhos mais especificamente filosóficos encontrados na obra de Bakhtin.

O segundo período na vida intelectual de Bakhtin tem início em 1924, quando de seu retorno para a cidade de Petrogrado, cujo nome é mudado posteriormente para Leningrado. Bakhtin se afasta da metafísica e passa a dialogar com alguns movimentos intelectuais em discussão nessa época como o freudismo, o marxismo soviético, o formalismo, a lingüística e a fisiologia. Nesse período, Bakhtin desenvolve o seu modelo alternativo de linguagem, elaborando o conceito inicial de diálogo<sup>62</sup>. Nesse período é que surgem os textos chamados de “parabakhtinianos”. Esses textos se apresentam como livros e artigos, cuja autoria ainda é discutida na atualidade, sendo esta delegada a Bakhtin, a amigos e a colegas pertencentes ao seu círculo de estudos, ou a ele próprio como co-autor. Bakhtin e seus colegas de estudo ressaltam o caráter fundamental do *social*, observando a linguagem e o pensamento como constitutivos do homem, possuindo em sua essência a marca da intersubjetividade. Dentre os textos “parabakhtinianos” destacamos, entre outros: os artigos – *Do outro lado do social* (1925) e *Discurso na vida e discurso na poesia* (1926) de V. Voloschinov - os livros – *Método formal na teoria e história da literatura e na crítica literária* (1928) de P. Medvedev, *Freudismo* (1927) e

---

<sup>62</sup> Em prefácio de *Estética da criação verbal* (1992).

<sup>63</sup> Esse conceito será aprofundado no transcórre do trabalho.

*Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) de V. Voloshinov e *Vitalismo contemporâneo* (1926) de I. Kanaiev. Também nessa fase, através de seu trabalho *Os problemas de criação de Dostoievski* (1929), as concepções de polifonia e de discurso ganham destaque, assim como a *translingüística*, cujo objeto se desloca do enunciado para a enunciação.

As idéias filosóficas de Bakhtin, em que o “ser” é ação da pessoa, vão se direcionando para as questões da linguagem e do discurso. Para Bakhtin, uma forma particular da ação é o discurso entendido como uma ação lingüística. Notamos então, uma passagem da primeira para a segunda etapa da criação intelectual de Bakhtin. Inicialmente, o autor discute as noções de “ser” e sua significação através da ação, onde as pessoas estão ligadas entre si por relações éticas. No segundo período, esse “ser” adquire língua e em decorrência disso a voz, ou seja, as pessoas estão em permanente conversação no universo social. Aos poucos, percebemos que a filosofia da linguagem de Bakhtin vai se articulando até chegar em um dos principais conceitos – o *diálogo*. O “ser”, como tudo na vida, é diálogo para Bakhtin.

Após sua prisão em 1929, Bakhtin inicia o terceiro período de criação intelectual. Esse período tem início nos anos 30, com a elaboração da teoria do romance, e vai até o começo dos anos 50. O romance como uma realidade peculiar, como gênero não acabado e sempre atual, juntamente com os conceitos de *carnaval* e *cronotop* se caracterizam como as principais descobertas do autor nesse período. As reflexões sobre o diálogo continuam presentes nessa fase, como em todas as outras de sua criação intelectual, pois o diálogo é o paradigma da criação bakhtiniana. Um dos principais livros desse período é *A criação de François Rabelais e a cultura popular da idade média e do renascimento* que, embora tenha sido publicado em 1965, teve o início de sua elaboração na década de 30, com o

tema do livro sendo inicialmente apresentado como tese de doutorado<sup>64</sup>, na qual Bakhtin segue desenvolvendo sua teoria sobre o diálogo. Paralelo a elaboração do livro sobre Rabelais, Bakhtin retoma o livro sobre Dostoievski – *Os problemas da poética de Dostoievski*, o qual foi publicado somente em 1963. Assim, o trabalho concomitante sobre Rabelais e Dostoievski contribui para a evolução da idéia de diálogo em Bakhtin.

O quarto e último período na criação de Bakhtin aponta para uma nova perspectiva metodológica das ciências humanas e tendência para um novo tipo de ciência, representações hermenêuticas e a concepção de diálogo nas culturas. É um período de retorno à metafísica, a partir de um novo panorama da teoria social e da filosofia da linguagem. Esse período começa na década de 50, com Bakhtin fazendo uma retomada de suas reflexões filosóficas do primeiro período, com textos que mostram uma preocupação dialógica marcadamente filosófica. Fazem parte deste período, entre outros, a reelaboração do livro sobre Dostoievski *Problemas da poética de Dostoievski* (1963) e os seguintes textos e anotações: *O problema dos gêneros do discurso* (1953), *O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. Experiência de análise filosófica* (1961), *Resposta à pergunta da redação do “Novo Mundo”* (1967), *Para uma metodologia das ciências humanas* (1974).

Assim, no transcorrer de sua vida intelectual, Bakhtin desenvolveu estudos e reflexões em áreas como a teoria do conhecimento, teoria e história do romance, filosofia da linguagem, sociologia, lingüística, etc. Bakhtin vai influenciar os estudos literários, culturais e das ciências humanas em geral, sendo considerado desde um teórico do carnaval, até um teórico fundamental da língua. Sua teoria

---

<sup>64</sup> A defesa da tese de doutorado de Bakhtin ocorreu no dia 15 de novembro de 1946, no Instituto de Literatura Mundial.

pode ser caracterizada como um conjunto diversificado de formulações que não obedecem a uma linha de raciocínio linear, sendo a unidade do método dialógico-bakhtiniano o resultado dessas formulações inacabadas.

A procura de unidade e acabamento da obra de Bakhtin é almejada pelos estudiosos de sua obra, mesmo que o autor não tenha pretendido oferecer um pensamento definitivo e acabado. O *dialogismo* que ele propõe é tido como a ciência das relações, formulado de modo assistemático, principalmente em sua teoria sobre o romance. Bakhtin valorizava o estudo da literatura como manifestação da linguagem. Por essa razão, sua abordagem se situa no campo das ciências da linguagem e dos estudos sobre a poética sociológica.

Abordar o *dialogismo* de Bakhtin não é uma tarefa fácil, pois além do que já mencionamos sobre a não unicidade de sua obra, seu pensamento possui uma diversificação tal que interessa a críticos literários, folcloristas, antropólogos, sociólogos, historiadores, lingüistas e a outros representantes da área do conhecimento humanista. Como pode um autor contemplar e dialogar com tantas áreas do conhecimento? Talvez este seja o cerne do pensamento de Bakhtin: o de reunir diferenças numa simultaneidade, estabelecer um diálogo que significa a comunicação entre diferenças simultâneas<sup>65</sup>.

Estudar Bakhtin também é difícil porque sua obra permaneceu na obscuridade durante quase toda a sua vida, com livros desaparecidos, publicações atrasadas e censuras devido ao quadro político estabelecido pelo governo stalinista. Por essas razões, Bakhtin foi avaliado de diferentes formas em países diferentes. As traduções de seus livros, em alguns países, não ocorreram de forma simultânea a sua

---

<sup>65</sup> Michael Holquist, estudioso, biógrafo e editor americano de Bakhtin, entende que os estudos de Bakhtin não são nem lingüísticos, nem filológicos, nem especificamente literários. Considera-os uma investigação que se move por entre as regiões fronteiriças das várias disciplinas.

elaboração, dando margem a interpretações variadas de suas idéias, conforme o período histórico e cultural de cada país. É o caso, por exemplo, da coletânea *Estética da criação verbal*, publicada em 1979, após a morte de Bakhtin, e que contém textos correspondentes desde a década de 20, até os anos 70.

Além da discrepância entre a data de criação e a de edição da maioria de suas obras, a questão da autoria de alguns trabalhos de Bakhtin deve ser salientada. Como já havíamos mencionado, há uma discordância quanto à autoria dos textos chamados de “parabakhtinianos”<sup>66</sup>. Entre eles está *Marxismo e filosofia da linguagem*, livro bastante consultado por nós e a partir do qual aprofundaremos alguns temas ao longo deste trabalho, tais como: a busca de Bakhtin ao objeto da filosofia da linguagem, a crítica às duas correntes mestras do pensamento filosófico do período de elaboração do livro – *objetivismo abstrato* e *subjetivismo idealista* -, e o desenvolvimento de suas idéias sobre língua, fala enunciação e interação verbal. Por essa razão não podemos fechar os olhos para a polêmica da autoria em Bakhtin, especialmente, no tocante a esse livro. Sabemos da existência de argumentos de autores que divergem sobre essa questão, porém optamos por nos posicionar junto aos que pensam, pelo menos, em uma relação de autoria dupla ou múltipla das obras

---

<sup>66</sup> Marina Yaguello, na introdução de *Marxismo e filosofia da linguagem*, baseada em depoimentos do professor e semiótico russo Viatcheslav Ivanov, amigo e aluno de Bakhtin, comenta sobre os motivos que levam a atribuição de Bakhtin como autor dos “textos parabakhtinianos”, como o próprio *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Segundo Ivanov, o fato dessas obras serem publicadas sob a autoria de Valentin N. Voloschinov, Pavel Medviédev e I. Kanaiev, é explicado por Bakhtin ter se recusado a fazer modificações, impostas pelo editor, no texto original. Mas, também, uma outra razão seria uma profunda modéstia científica de Bakhtin, que não tinha interesse pela fama e prestígio e defendia que um pensamento inédito não necessitava da assinatura de seu autor para perdurar. Ainda com relação a *Marxismo e filosofia da linguagem*, Ivánov, por informações do próprio Bakhtin, afirma que o título e certas partes do texto relacionadas à escolha do título são de Voloschinov. K. Clark e M. Holquist (1984) apresentam fortes evidências para atestar a autoria das referidas obras a Bakhtin. Por outro lado, G. S. Morson e C. Emerson (1989) argumentam a existência de uma co-autoria com Voloschinov e Medvedev nos “textos disputados”. Por essa razão quando, no transcorrer da pesquisa, nos referirmos aos trabalhos em que a autoria é discutida, citaremos Bakhtin e entre parênteses o autor a quem é atribuída oficialmente a obra. Assim, em *Marxismo e filosofia da linguagem* utilizaremos Bakhtin (Voloschinov).

incluídas nessa polêmica. Conforme disse o próprio Bakhtin<sup>67</sup>, no período de redação desses livros e artigos houve um contato muito próximo de criação com Voloschinov e Medvedev.

Não pretendemos fazer um estudo cronológico da obra de Bakhtin, mas, sim, nos dedicarmos mais aprofundadamente no segundo e terceiro períodos de sua criação. Nesses períodos, o autor se dedica ao acabamento de sua teoria sobre o *dialogismo*, desenvolvendo conceitos que particularmente nos interessam como *linguagem, diálogo, enunciação, sujeito, língua*.

O eixo de toda a investigação de Bakhtin é o *dialogismo*, conceito este que, num primeiro momento, pode ter servido para estabelecer o contexto do diálogo enquanto gênero literário, que, todavia, mais adiante é percebido como um fenômeno não restrito à literatura, e, sim, um fenômeno presente em todas as manifestações de linguagem criadas pelo homem. O nosso interesse principal é pela abordagem filosófica que Bakhtin dedica à linguagem, que tem o *dialogismo* como subjacente a suas investigações. Através do *dialogismo*, Bakhtin pretende um estudo enunciativo da linguagem, destacando a importância deste no processo de comunicação verbal. Para ele, a comunicação é vista enquanto uma relação de alteridade, e este é o núcleo pelo qual constrói o princípio do *dialogismo*. É a partir dessas reflexões teóricas de Bakhtin que entendemos haver uma possibilidade de diálogo entre os seus estudos e a clínica fonoaudiológica. Retomamos que uma das propostas de nosso trabalho é, pelo viés do *dialogismo*, ressaltar a importância da intersubjetividade na clínica fonoaudiológica. Para isso será necessário discutir alguns aspectos envolvidos nessa temática, como a metalingüística, a língua, o sujeito, a enunciação, etc.

---

<sup>67</sup> Segundo Boukharaeva (1997), na revista “Estudos Literários”, 1992. vol. 5, Bakhtin responde a V. Kojinov sobre a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Ao trazermos Bakhtin para dialogar com a fonoaudiologia, corremos o risco de não incluir todas as categorias que o próprio autor achava mais importantes para o seu pensamento. Não temos a pretensão de apresentar precisamente um Bakhtin definitivo, nem desejamos fragmentá-lo, ou reduzir o teórico a seus conceitos. Mas, embora sua obra se apresente sobre o signo da pluralidade, e nas suas formulações as categorias não sejam definidas de forma isolada, buscaremos uma leitura particular de sua obra. Uma leitura direcionada ao interesse da clínica da fonoaudiologia. Não se trata, pois, de separar um objeto particular em suas partes, mas, sim, de provocar deslocamentos necessários para a contextualização e atualização de uma teoria, sem, no entanto, transformá-la em algo novo. Lembramos que o próprio Bakhtin buscou um grau mínimo de homogeneização necessário para o seu arcabouço conceitual.

Nos deteremos então, ao estudo e à construção de relações entre o enfoque acerca da filosofia da linguagem proposta por Bakhtin, ancorada sobre o *dialogismo*, e a fonoaudiologia, dando ênfase ao fenômeno da alteridade e a noção de intersubjetividade. Para isso, elegemos alguns pontos da teoria bakhtiniana que serão desenvolvidos nos próximos subcapítulos do trabalho.



### 2.3. DIALOGISMO E DIÁLOGO: uma introdução.

Nesta seção trataremos da teoria do *dialogismo* e do conceito de *diálogo* desenvolvidos por Bakhtin, enfatizando as relações entre esses estudos e os que versam sobre a linguagem. Pretendemos somente realizar uma síntese sobre o *dialogismo*, indicando suas origens, bem como os princípios e as bases de sua construção. Nos referimos a uma síntese porque o *dialogismo* é um princípio filosófico-lingüístico que atravessa toda a obra bakhtiniana. Na mesma direção o *diálogo* merece, também, em nossa opinião, destaque especial, pois além de ser um conceito primordial nos pressupostos teóricos de Bakhtin, está relacionado a outros aspectos relevados por um trabalho que abrange a enunciação. Por esses motivos, buscaremos, em linhas gerais, elucidar o que vem a ser o *diálogo* para Bakhtin, e o que o caracteriza como um conceito original.

Iniciaremos pelo *dialogismo* que, em nosso trabalho, será abordado de acordo com os aspectos relacionados a uma interlocução com a fonoaudiologia, visando mais especificamente à clínica fonoaudiológica. Essa abordagem tem início neste capítulo, mas prossegue nos subseqüentes, onde trataremos dos tópicos referentes à linguagem, língua, palavra, enunciado e relações dialógicas, nos quais o *dialogismo* é subjacente.

As reflexões acerca do *dialogismo* surgem durante o processo de investigação filosófica em que Bakhtin procura compreender os vínculos entre a mente e o mundo, a partir do neokantismo. Paralela a esta investigação há uma aproximação dos estudos sobre a relatividade desenvolvidos por Eistein, em que Bakhtin percebe a existência de um diálogo contínuo entre os fenômenos do mundo, presentificando o mecanismo das relações. Através dessa aproximação nasce a possibilidade da construção de uma *ciência das relações* – o *dialogismo* – onde a mente exerceria um

papel construtivo fundamental. Ganha destaque, nessa ciência, a *lei da localização*, ou do posicionamento, que comanda a percepção humana, determinando o prisma do campo visual de focalização. Bakhtin mostra uma relação direta entre a *lei da localização* e o sentido físico da visão. Para ele, estar consciente quer dizer ver algo. Aquilo que o sujeito vê é governado pelo lugar a partir do qual ele vê e, embora duas pessoas estejam participando do mesmo evento, este é visto de forma diferente por elas.

Importante destacar dois aspectos fundamentais com relação ao evento e ao lugar do qual o evento é observado. Para Bakhtin, um evento jamais se repetirá, ele é único, assim como o lugar ocupado por nós no espaço. O lugar particular, a partir do qual algo é percebido, determina o significado daquilo que é observado.

Guardadas as diferenças entre a teoria de Bakhtin e a teoria de Eistein – visto que o *dialogismo* reflete sobre as relações humanas e o mundo, enquanto a *relatividade* é um modo de pensar sobre as relações entre objetos físicos – percebe-se, segundo Machado (1995), um ponto em comum entre as duas:

a valorização de um sistema de referências em que a simultaneidade é considerada um efeito de visão, de focalização, determinada pela posição do observador em relação ao evento. Em termos de teoria do dialogismo isso significa que os aspectos diferenciais, provenientes de diferentes pontos de vista, entram simultaneamente na constituição do ato comunicativo (Machado, 1995, p.39).

Dessa forma, o *dialogismo* se constitui pelo dito e também pelo não-dito, o *contexto extraverbal*, sendo este uma realização formada a partir de uma outra focalização. O *dialogismo* concebe a linguagem pelo viés da enunciação, considerando todo o contexto enunciativo, rompendo, portanto, o campo do verbal. Ao incluir na sua concepção de linguagem, afora as palavras, todos os fatores que têm relação com o significado delas, como as diferenças de posição social e de

condição em que se deu a fala, Bakhtin enfatiza a heterogeneidade concreta da fala. Esta se caracteriza como sendo uma complexidade multiforme das manifestações de linguagem em situações sociais concretas. Cada língua é um conjunto de linguagens, e cada sujeito falante abre-se para uma multiplicidade de linguagens.

Bakhtin desenvolve seus estudos sobre o *dialogismo* a partir da literatura, mas sugere sua existência em outros tipos de discursos e, com efeito, considera-o como um fator constitutivo da linguagem. Os pontos fundamentais do *dialogismo* são: as relações que o homem mantém com o mundo através da linguagem, e a comunicação<sup>68</sup> enquanto relação de alteridade, constituidora do *eu* pelo reconhecimento do *tu*. O ato de tomada de consciência de si próprio implica a existência do olhar do outro sobre nós. Sob este prisma, toda a comunicação tem um caráter intersubjetivo e dialógico, ocorrendo através da diferença, tanto entre pessoas, como entre textos e grupos sociais.

Quanto à díade linguagem-comunicação a qual o homem está submetido, Bakhtin sustenta que a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. Para ele toda a vida da linguagem está impregnada de *relações dialógicas*<sup>69</sup>, e isso independe do seu campo de emprego, podendo ocorrer na linguagem cotidiana, científica, artística, prática, etc. Em sua teoria do romance, Bakhtin vê a linguagem como possibilitadora da expressão do relacionamento inter-humano. Para ele, o romance é um gênero híbrido passível de representar a imagem do homem na linguagem. O que Bakhtin busca é representar o homem como ser de linguagem.

---

<sup>68</sup> Para Bakhtin, a comunicação só existe na reciprocidade do diálogo e significa muito mais que a transmissão de mensagens. Através da comunicação o homem se constitui como sujeito (consciência) no auto-reconhecimento, pelo reconhecimento do outro, numa relação de alteridade.

<sup>69</sup> Este conceito será desenvolvido no item 2.5.

Essa busca da representação do homem como ser de linguagem, através do *dialogismo*, Bakhtin faz incorporar aspectos da linguagem que os lingüistas<sup>70</sup> ou ignoraram, ou trataram de forma apressada. Por essa razão, ele aprofunda seus estudos pelo viés de uma *translingüística*<sup>71</sup>. A *translingüística* preconiza o estudo dos aspectos do discurso que ultrapassam os limites da lingüística, sem, contudo, ignorar a língua como objeto específico da mesma. Para Bakhtin, a língua deve ser vista em sua integridade concreta e viva, ou seja, como discurso. No entanto, a língua com seus aspectos abstraídos pela lingüística e o discurso não devem se fundir, mas, sim, completar-se. Dessa forma, Bakhtin tem a comunicação como alvo de seus estudos e não a língua enquanto um sistema de signos, o que o faz valorizar a linguagem em seu aspecto primordial – a *comunicação interativa*.

Vários são os leitores de Bakhtin, e cada um situa o *dialogismo* de maneira diferenciada em relação ao todo da obra. Isto é devido tanto a uma leitura particular da teoria, como ao objeto de estudo perseguido por esses leitores. Stam (1992), por exemplo, assim como elege o dialogismo como tema central, diz que o mesmo assume diversos nomes como *poliglossia*, *heteroglossia*, *polifonia* e *dialogismo*. Em outro momento, enquadra o dialogismo como uma categoria-chave, ao lado de outras como “carnaval”, “heteroglossia” e “polifonia”. Por outro lado, Machado (1995) situa os núcleos conceituais da teoria bakhtiniana sobre o romance, a partir da configuração de três campos teóricos – o *dialogismo*, a *prosaica* e o *cronotopo*. Já Clark e Holquist (1998), em sua resenha sobre o livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirmam que o *dialogismo* é essencialmente uma “filosofia da linguagem”, uma “translingüística”, que constitui uma ótica mestra para perceber

---

<sup>70</sup> Trata-se de lingüistas anteriores e alguns contemporâneos de Bakhtin. Lingüistas como Wilhelm Humboldt, Karl Vossler, Ferdinand de Saussure e Charles Bally, só para citar alguns.

<sup>71</sup> Esse termo foi utilizado por Tzvetan Todorov em *Mikhail Bakhtine le principe dialogique*. (1981) para substituir o que Bakhtin denominou de *metalingüística*, evitando assim uma possível confusão entre esse termo e a metalinguagem enquanto procedimento lingüístico.

todas as categorias radicadas na linguagem. Os mesmos autores, na resenha que tratam sobre a obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, afirmam que o que Bakhtin chamou de “polifonia” é um outro nome para o que vem a ser o *dialogismo*.

Os diferentes pontos de vista sobre a teoria de Bakhtin servem como paradigma de seu próprio pensamento, indo ao encontro das considerações feitas sobre a “diferença”, discutidas pelo autor. Para Bakhtin a diferença é algo positivo, é constitutiva de um todo. A heterogeneidade está presente na unidade. Todavia, é prudente atentar para o fato de que o termo “dialogismo” pouco foi empregado por Bakhtin. Quando este aparece em seus textos não tem um sentido único, pois esse é um conceito reconstruído pelo autor a cada objeto de reflexão, ficando a cargo de seus leitores fornecer uma maior circulação, e uma utilização uniforme desta palavra. Por exemplo, em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997) a palavra “dialogismo” aparece tanto como sinônimo de “diálogo”<sup>72</sup> como significando “polifonia” – quando Bakhtin faz referência à marcante introdução do discurso do outro nos romances de Dostoiévski<sup>73</sup>. Entre 1959 e 1971, na elaboração de *O problema do texto*, Bakhtin diz que o *dialogismo* não é somente uma das formas composicionais do discurso, onde haveria o discurso dialógico em oposição ao monológico. Observa que toda réplica é monológica, um monólogo reduzido ao extremo e, assim, todo monólogo é réplica de um grande diálogo, dentro de uma dada esfera. Nesse momento, o termo “dialogismo” é aproximado do conceito de discurso dialógico, como o discurso que coloca a língua em funcionamento, possibilitando o seu estudo concreto.

---

<sup>72</sup> Estamos nos referindo ao “diálogo” do ponto de vista de Bakhtin, que nos deteremos mais adiante.

<sup>73</sup> Nesse caso Bakhtin está analisando um trecho do romance *Gente pobre* de Dostoiévski, observando o discurso do personagem Diévuchkin.

De nossa parte, partilhamos do ponto de vista de Martins (1990), para quem o princípio do *dialogismo* é construído a partir de um núcleo - a comunicação enquanto relação de alteridade. Para essa autora, o elemento que sustenta a teoria do dialogismo é a existência de um sujeito constituído numa relação de intersubjetividade lingüística. Porém, acrescentamos as relações que o homem mantém com o mundo através da linguagem como um elemento associado à comunicação. Assim como Martins, entendemos que o princípio do dialogismo está subjacente em todas as áreas em que Bakhtin desenvolveu alguma reflexão. Entre essas áreas podemos citar: a teoria do romance, a teoria da cultura, a teoria do conhecimento e a filosofia da linguagem.

Na teoria do *dialogismo*, o *diálogo* ocupa uma posição central, podendo ser considerado o paradigma da criação bakhtiniana. Como diz Boukharaeva (1997): *o que Bakhtin deu ao mundo é o diálogo*. Julgamos importante clarear o conceito de diálogo em Bakhtin, pois além de ser um conceito original, está atrelado a outros aspectos relacionados ao estudo enunciativo da linguagem. Entre estes aspectos citamos o fato de estar vinculado à enunciação e, por conseguinte, a um contexto e aos sujeitos implicados na cena enunciativa. Quando pensamos em diálogo não podemos deixar de pensar em comunicação e, no caso de Bakhtin, a comunicação é entendida como uma relação de alteridade. Portanto, o *diálogo* bakhtiniano contempla a intersubjetividade que, somado aos outros fatores mencionados acima, é parte integrante de nossa pesquisa.

O *diálogo* em Bakhtin não é, como ocorre no senso comum, uma simples conversa ou comunicação eficiente e harmônica entre pessoas, em que está presente uma argumentação, aceitação, consensualidade ou divergência entre dois sujeitos falantes, ou entre grupos. Bakhtin estuda o *diálogo* do ponto de vista da linguagem, relacionando-o à subjetividade dos interlocutores e ao contexto da enunciação.

É claro que o *diálogo*, no sentido estrito do termo, é uma das formas da *interação verbal*, e talvez até a mais importante. No entanto, o *diálogo* em Bakhtin tem um sentido bem mais amplo, e nisso está toda a sua originalidade. Ele não é somente a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas qualquer tipo de comunicação verbal<sup>74</sup>. O *diálogo* acontece em um contexto histórico-cultural, aqui e agora, no local e no momento de seu acontecimento, ou seja, está atrelado à enunciação. *É o encontro de posições, argumentações e pontos de vistas diferentes, ou encontro de verdades individuais, igualmente respeitadas pela riqueza de personalidade dos sujeitos destas verdades e mesmamente reconhecidas pelos participantes no diálogo* (Boukharaeva, 1997, p. 40). É “oposição de pessoa a pessoa”, em que não há uma hierarquia de valores. O *diálogo* é um processo de ordem prática e temporária, onde os sujeitos se encontram em situação de conversação, que pode ser verbal, através de ações, ou pelo silêncio. Não basta existir o *eu* e o *outro* para a ocorrência do *diálogo*. Algo acontece entre esse *eu* e esse *outro*, que é o trabalho construtivo em conseguir o *diálogo*.

A construção do conceito de *diálogo* em Bakhtin baseia-se, em grande parte, em sua análise sobre o “diálogo” contido nos romances de Dostoiévski. O “diálogo” situa-se no centro do mundo artístico de Dostoiévski, com o homem não somente revelando-se exteriormente, como se tornando aquilo que realmente é, não só para os outros como também para si mesmo. *Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina (...) Nos romances de Dostoiévski tudo se reduz ao diálogo (...) Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência.*

---

<sup>74</sup> Bakhtin cita o exemplo do livro, como sendo um ato de fala impresso e, por isso, objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo. O livro é feito para ser apreendido, comentado e criticado, seja no discurso exteriorizado, seja no discurso interior. O livro, assim como a fala, é orientado sob a influência de trabalhos anteriores na mesma esfera de atividade, do próprio autor ou de outros autores. Portanto, o discurso escrito também é diálogo, na medida em que responde a alguma coisa, confirma, refuta, antecipa respostas, etc.

(Bakhtin, 1997, p.257). Nesse sentido, o *diálogo* é entendido não como o limiar da ação, mas como a própria ação. É um fim e não um meio.

Assim como a comunicação, a noção de *diálogo* em Bakhtin está ligada à de alteridade. Se, segundo Bakhtin, é na relação com o outro que adquirimos consciência de nós mesmos, a intersubjetividade tem um papel importante na comunicação, e ocorre através de um material semiótico comum, o discurso. O conteúdo da consciência possui uma natureza semiótica, ideológica e lingüística, o que permite existir e se desenvolver no *diálogo*. E isso ocorre mesmo que a atividade da consciência se desenvolva no interior, pois mesmo assim ela é discurso, é *diálogo* do sujeito consigo mesmo. Assim, a consciência se constitui numa relação de alteridade, que é uma realidade discursiva. Por este ângulo, tanto o discurso, como a linguagem é entendida sobre o prisma do *diálogo*. O princípio da alteridade se concretiza na materialidade do signo lingüístico pelo *diálogo*.

Como destaca Bakhtin em *Os gêneros do discurso* (1992), o *diálogo*, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. É no *diálogo real* que a alternância dos sujeitos falantes, determinante das fronteiras do enunciado concreto, é observada de modo mais direto e evidente. As réplicas, ou seja, os enunciados dos interlocutores alternam-se regularmente no *diálogo*. Cada réplica, mesmo a mais breve e fragmentária, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo passível de resposta, ou melhor, aceita uma *posição responsiva*<sup>75</sup>. Com efeito, a alternância dos sujeitos falantes, que pode ser diversamente caracterizada e adotar formas variadas conforme as condições e situações da comunicação, se manifesta de forma mais clara no *diálogo*.

---

<sup>75</sup> Trataremos da *posição responsiva* na próxima seção.



Na concepção de *diálogo* de Bakhtin, o sujeito é uma consciência que se constitui e se expressa na relação com o outro, num contexto social determinado e através de um material semiótico comum. O sujeito é constituído na intersubjetividade do *diálogo*, como consciência organizada a partir do signo lingüístico. Um olhar do ponto de vista dialógico sobre o sujeito é um princípio que permeia a teoria do dialogismo. É um sujeito que se constitui frente ao outro, numa relação de intersubjetividade lingüística, através do *diálogo*.

Ratificamos que o *diálogo* na teoria do *dialogismo* não é entendido no sentido óbvio da conversação entre duas pessoas, mas, sim, como o conjunto de condições que são moldadas em trocas reais entre as pessoas. O *diálogo* significa comunicação entre diferenças<sup>76</sup> numa simultaneidade.

Após introduzirmos o que subjaz ao conceito de *dialogismo* e de *diálogo* em Bakhtin, encerramos esta parte lembrando que, para os propósitos de nossa pesquisa, nos deteremos com maior ênfase nas reflexões que o mestre russo dedicou à filosofia da linguagem. Isso não impede que, durante nossa incursão sobre a obra, atravessemos outros campos em que o dialogismo é observado, pois, como já comentamos, os conceitos desenvolvidos por Bakhtin não são desenvolvidos isoladamente em áreas específicas.

Assim, nossa incursão pelo *dialogismo* se efetivará através de uma divisão em tópicos. Essa divisão se caracteriza pela eleição de alguns conceitos e pontos teóricos desenvolvidos por Bakhtin que obedecem a uma ordem que estruturamos de forma particular. Essa estruturação se justifica por uma postura metodológica que adotamos, acreditando ser a forma mais adequada para auxiliar nos propósitos desse trabalho, que é o de refletir sobre a clínica fonoaudiológica nos casos em que é

percebido um “comprometimento de linguagem”, ou uma “linguagem desviante”. Dessa forma, no próximo item encaminharemos as reflexões que Bakhtin desenvolveu sobre a *linguagem*, a *língua* e sobre a *palavra*, para que na parte subsequente possamos relacioná-las as considerações sobre o *enunciado* e às *relações dialógicas*.

## 2.4. LINGUAGEM, LÍNGUA E A PALAVRA.

Encerramos o item anterior dizendo que nossa pesquisa prioriza alguns tópicos desenvolvidos por Bakhtin em sua teoria do *dialogismo*. Dissemos também que fizemos um recorte particular da obra bakhtiniana, que se apresenta numa disposição orientada para beneficiar os propósitos dessa dissertação. Sendo assim, trataremos agora sobre as idéias de Mikhail Bakhtin referentes à *linguagem*, à *língua* e à *palavra*.

Para legitimar o seu enfoque sobre a linguagem, Bakhtin faz um exame das duas linhas principais do pensamento filosófico e lingüístico difundidas até a contemporaneidade de seus estudos. Através do debate dessas posturas filosófico-lingüísticas o autor discute o conceito de *enunciação*, relacionando-o à palavra e à língua como um fato social. No prosseguimento de suas críticas ressalta também a importância do *outro* no processo de comunicação verbal, assim como o que está envolvido no ato de compreensão da linguagem.

---

<sup>76</sup> A questão da diferença é importante para Bakhtin, pois ela permeia as relações humanas e consequentemente as lingüísticas.

Começaremos pela busca de Bakhtin em entender qual seria o objeto da filosofia da linguagem, fazendo uma análise geral das linhas mestras do pensamento filosófico e lingüístico da época. O que Bakhtin procura é um entendimento do que vem a ser a linguagem e a palavra, porém afirma que não pretende atingir definições perfeitas desses conceitos, mas, sim, diretrizes metodológicas para o seu estudo.

Segundo Bakhtin, para se chegar à essência da linguagem, não basta um estudo da face sonora do signo lingüístico. Por essa via se estaria tratando a questão sob um enfoque estritamente fonético, onde ganhariam destaque os sons enquanto produção dos órgãos da fonação, passíveis de serem captados pelo ouvido. O fato de ligar o processo fisiológico de produção do som ao processo de percepção sonora, não garante uma proximidade da natureza da linguagem. *Se isolarmos o som enquanto fenômeno puramente acústico, perderemos a linguagem como objeto específico* (Bakhtin/Voloschinov, 1999, p. 70). Mesmo se associarmos a atividade mental – signos interiores - de um locutor e de um ouvinte, como dois sujeitos psicofisiologicamente diferentes que estabelecem dois processos psicofísicos através de um único complexo sonoro físico, não estaremos ainda diante do objeto linguagem. Portanto, não é suficiente que se considere o aspecto físico, o fisiológico e o psicológico para a observação do fenômeno da linguagem. É preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som – e o próprio som no *meio social*. O meio social e o contexto social imediato são necessários para que o conjunto físico-psíquico-fisiológico possa estar vinculado à língua e à fala, constituindo assim um “fato de linguagem”. *Dois organismos biológicos, postos em presença num meio puramente natural, não produzirão um ato de fala* (Bakhtin, 1999, p. 71). A esfera do meio social e a situação de troca social mais imediata estabelecem relações de diversas naturezas, o que oferece um certo grau de complexidade à análise do processo da linguagem.

A partir dessas questões apresentadas por Bakhtin, podemos considerar que uma investigação abrangente a respeito da linguagem merece um tratamento mais aprofundado do que um simples empirismo fonético superficial. Assim, diante do complexo quadro em que se encontra o estudo da linguagem, Bakhtin aponta as considerações feitas pela filosofia da linguagem e pela lingüística geral no intuito de solucionar esse problema. Longe de fazer um histórico completo da filosofia da linguagem e da lingüística geral, Bakhtin (Voloschinov) cita em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1999) as duas correntes mestras do pensamento filosófico e lingüístico da época<sup>77</sup> que, segundo ele, colocaram marcos nas pesquisas sobre a linguagem – o *subjetivismo idealista* e o *objetivismo abstrato*.

Iniciaremos pelo *subjetivismo idealista*, ou *individualista*, que fundamenta seus princípios no fato de que toda atividade de linguagem é um ato de expressão da consciência individual, visto que o sentido de toda a atividade da linguagem está no ato de fala, criado individualmente. Wilhelm Humboldt<sup>78</sup> aparece como o principal teórico dessa tendência da filosofia da linguagem. Na perspectiva *subjetivista idealista*, os estudiosos da linguagem devem ter como objeto as leis da psicologia individual, pois são elas que regem qualquer ato de construção lingüística. Para essa corrente de pensamento, a língua é um processo que nunca se esgota, que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.

No *subjetivismo idealista* o psiquismo individual constitui a fonte da língua. Esta se caracteriza por um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece

---

<sup>77</sup> Lembramos que o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* foi publicado em 1929 e, portanto, essa é a época a que Bakhtin se refere ao mencionar as correntes do pensamento filosófico e lingüístico.

<sup>78</sup> Humboldt teve alguns sucessores que compartilharam de suas idéias sobre a linguagem. Entre eles se destacou Karl Vossler e sua escola conhecida por *Idealistische Neuphilologie*, que negou o “positivismo lingüístico” por este não enxergar além das formas lingüísticas e do ato psicofisiológico que as produz.

estável, nada conserva sua identidade. A enunciação monológica é o ponto de partida para a reflexão sobre o sistema, em que as enunciações isoladas constituem a substância real da língua, e é delas que depende a sua função criativa. Para essa orientação filosófica, a lógica da língua é a de uma renovação constante, ocorrendo uma individualização das formas em enunciações únicas e não reiteráveis. A realidade da língua, as enunciações isoladas, constitui também sua evolução.

Bakhtin (Voloschinov) aponta para o erro, em sua opinião, cometido pelo *subjetivismo idealista* ao abordar a *expressão*. Bakhtin destaca o que seria uma definição grosseira de *expressão*, como tudo aquilo que tendo se formado no psiquismo do indivíduo é exteriorizado para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores. A *expressão* comportaria, portanto, duas faces: o *conteúdo* e sua *objetivação exterior* para outrem (ou para si mesmo). Há, portanto, uma dicotomia entre o que é interior e o que é exterior nas teorias que tratam da *expressão*, como o subjetivismo idealista, prevalecendo o conteúdo interior. Para essas teorias todo o ato de objetivação (*expressão*) caminha do interior para o exterior.

O *subjetivismo idealista* apoia-se na *enunciação monológica* como ponto de partida para a reflexão sobre a língua. *A enunciação monológica se apresenta como um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc* (Bakhtin/Voloschinov, 1999, p.110). Para essa corrente, a *expressão* está em um nível superior, englobando todo “ato de fala”. Vista desse ângulo, a *expressão* se constrói no interior, e sua exteriorização é apenas a sua tradução. Se esse é o caminho da *expressão*, inversamente é o caminho da compreensão<sup>79</sup>, ou seja, da objetivação exterior para o psiquismo do indivíduo.

---

<sup>79</sup> Trataremos da *compreensão* mais adiante, neste mesmo subcapítulo.

Para Bakhtin (Voloschinov) a enunciação não deve ser reduzida a um componente expressivo, assim como não deve haver uma distinção qualitativa entre conteúdo interior e expressão exterior. Para ele, tanto o conteúdo, como sua objetivação externa são criados a partir de um mesmo material. Ao discordar do *subjetivismo idealista*, Bakhtin defende que é a *expressão* que organiza a atividade mental, e não o contrário, ou seja, o seu centro organizador está localizado no exterior, no meio social que envolve o indivíduo. A situação social mais imediata é vista como determinante de qualquer aspecto da *expressão*, portanto, a *enunciação* é que orienta a objetivação exterior.

A *enunciação*, para Bakhtin (Voloschinov), contempla uma dualidade ofuscada de que falar e ouvir não são atividades exclusivas e integrais. As pessoas executam essas atividades simultaneamente, em uma dada situação específica. Com efeito, a *enunciação* é construída a partir do contexto de uma inter-relação social, onde o interlocutor não necessita ser obrigatoriamente real, mas pode ser representado por um grupo social. Essa inter-relação social é mediada pela palavra, que é o produto da interação do locutor e do ouvinte, ao mesmo passo que faz uma ponte entre os mesmos. A palavra então comporta duas faces: procede de alguém e se dirige para outro alguém. Como afirma Bakhtin em *O problema do texto*, a palavra é território comum do locutor e do interlocutor.

A palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém). A palavra é um drama com três personagens (não é um dueto, mas um trio). (Bakhtin, 1992, p. 350).

A palavra não pertence nem ao locutor e nem ao ouvinte totalmente, a estes cabe somente uma parte. Se pudéssemos afirmar que em algum momento o locutor é o único dono da palavra, esse momento seria apenas o do ato fisiológico de sua materialização. Mas isso é pouco para justificar uma propriedade sobre a palavra.

Assim, a *enunciação* se caracteriza como o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, sendo determinada pela situação social mais imediata e pelo meio social mais amplo. A *enunciação*, a atividade mental a exprimir e a cadeia verbal, às quais se reduz a realidade da língua, são de natureza social, contrariando o pensamento do *subjetivismo individualista*. *Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado* (Bakhtin/Voloschinov, 1999, p.121). A *enunciação* humana, mesmo a mais primitiva, realizada por um organismo individual, é organizada pelas condições extra-orgânicas, no meio social.

Para Bakhtin, ao se estudar as enunciações, está se estudando o processo de fala enquanto atividade de linguagem, tanto exterior como interior, é um processo ininterrupto, não tem começo nem fim. Por ser realizada no curso da cadeia verbal, os limites da enunciação são determinados pelo contato que mantém com o meio extraverbal e com as outras enunciações. A situação e o interlocutor é que vão definir a forma da enunciação, assim, o discurso interior será realizado em uma determinada expressão exterior definida, que está relacionada ao contexto não verbal da vida corrente. Segundo Bakhtin (Voloschinov), a palavra como produto da interação do locutor e do ouvinte está atrelada à *enunciação*:

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*. É assim que compreendemos as palavras e somente

reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (1999, p. 95).

Mas a enunciação é apenas uma parte de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta que, por sua vez, é apenas um momento na evolução contínua de um grupo social determinado. Ela pode estar relacionada à vida cotidiana, à literatura, à política, etc. Por fazer parte de um processo de comunicação ininterrupto, a enunciação é um elemento do diálogo, englobando, inclusive, as produções escritas. É compreendida como uma réplica do diálogo social e, como tal, não existe fora de um contexto social. É diálogo interior, diálogo consigo mesmo, e diálogo exterior.

Até aqui reproduzimos as considerações de Bakhtin a respeito do subjetivismo idealista. No outro extremo do pensamento lingüístico filosófico, está a corrente denominada por Bakhtin (Voloschinov) de *objetivismo abstrato*, que tem o sistema lingüístico como centro organizador de todos os fatos da língua. Para essa orientação, há um sistema de formas fonéticas, gramaticais e lexicais em cada enunciação, que são idênticos aos de outras enunciações de um grupo determinado de locutores. Os traços fonéticos, gramaticais e lexicais são normativos para todas as enunciações, o que garante a unicidade e a compreensão de uma língua para os locutores de uma mesma comunidade. As origens do *objetivismo abstrato* estão no racionalismo dos séculos XVII e XVIII e no cartesianismo, iniciando com Leibniz e a sua teoria da *gramática universal*. O que interessa para os racionalistas é a lógica interna do sistema de signos, a relação do signo com o signo no interior de um sistema fechado, e não a relação do signo com a realidade ou com o indivíduo que o produziu.



No período contemporâneo, destaca-se o lingüista Charles Bally<sup>80</sup>, como um teórico que admite a língua do ponto de vista de uma estrutura. Segundo Bakhtin (Voloschinov), o que interessa para o *objetivismo abstrato* é a identidade normativa que constitui a unidade do sistema fonológico de uma língua. Do ponto de vista dessa corrente teórica o sistema lingüístico independe de qualquer ato de criação individual por parte do falante. A língua se apresenta como um sistema acabado para o indivíduo, restando para este somente aceitá-la como tal. Qualquer mudança no sistema ultrapassa os limites da consciência individual, sendo que a emissão individual de qualquer som só se torna um ato lingüístico quando ligado a um sistema lingüístico imutável, em um determinado período de sua história. Este sistema é governado por leis específicas, que não dependem da consciência individual, ao contrário, são leis arbitrárias. Essas leis estabelecem que todas as formas da língua, consideradas sincronicamente, estão intrinsecamente relacionadas, numa dependência mútua. O critério lingüístico possível de ser considerado pelo indivíduo é o de estar “certo” ou “errado” na assimilação do sistema, ou seja, estar ou não em conformidade a uma dada norma do sistema.

Para o *objetivismo abstrato* a língua é um sistema estável e imutável, não havendo em sua base nenhum movimento ideológico, assim como nenhum vínculo natural e compreensível entre a palavra e seu sentido. Os atos individuais de fala, do

---

<sup>80</sup> Charles Bally foi um representante da escola de Genebra, sendo um discípulo de Ferdinand de Saussure. Os fundamentos teóricos de Saussure foram fundamentais para a popularidade e crescimento do *objetivismo abstrato*, todavia não serão aprofundados nesse trabalho. Eles se encontram no livro *Curso de lingüística geral* (1916). É importante dizer que a presente obra foi organizada e editada por Charles Bally e Albert Sechehaye, dois discípulos de Saussure. Ressaltamos que se trata de uma “obra póstuma”, apresentando problemas que vão desde a não participação do próprio autor, até o fato de a organização do livro apresentar simplificações, omissões e mudanças na ordem de exposição de alguns pontos da teoria desenvolvida por Saussure. Lembramos que há leitores da teoria saussureana que apontam para aspectos não abordados no *Curso de lingüística geral*, assim como discordam da interpretação dada sobre algumas partes dos pressupostos teóricos mencionados no livro. Citamos, por exemplo, os autores Simon Bouquet em: *Introduction à la lecture de Saussure*. Payot. Paris, 1997 e Claudine Normand em: “Le GLG: une théorie de la signification?” In: *La quadrature du sens*. Paris, PUF, 1990.

ponto de vista da língua, são variações fortuitas, ou mesmo deformações das formas normativas. Nessa direção, a língua tem existência na sua própria abstração.

Bakhtin é crítico com relação à lingüística que, na base de seus métodos de reflexão sobre a língua como sistema de formas normativas, utiliza procedimentos elaborados para o estudo das línguas mortas, que se mantêm em documentos históricos escritos. Segundo ele, isso é resultado de uma influência do filologismo no pensamento da lingüística européia. Uma língua morta se apresenta como uma língua estrangeira para o lingüista que a estuda, o que desvincula a enunciação monológica da esfera real, considerando-a como um todo isolado que se basta a si mesmo. É por um processo de comparação entre as enunciações de uma língua morta-escrita-estrangeira, tomada como um documento de linguagem, com as de uma determinada língua que se constituíram os métodos e as categorias do pensamento lingüístico. A língua morta-escrita-estrangeira e a enunciação isolada monológica, desvinculada do contexto real, serviram de base à concepção de língua para a lingüística. Na base dos fundamentos teóricos do *objetivismo abstrato*, está uma concepção racionalista e mecanicista da língua. A língua como um sistema de formas que remetem a uma norma é uma mera abstração, que só pode ser confirmada através do deciframento de uma língua morta e de seu ensino<sup>81</sup>.

No ponto de vista de Bakhtin, a língua não se apresenta como um fato objetivo externo ao sujeito, nem como um sistema de normas rígidas e imutáveis. A língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta. Por sua vez, a

---

<sup>81</sup> Bakhtin aponta para mais dois problemas encontrados nos estudos lingüísticos. O primeiro problema é o de que a lingüística, que antes se ocupava de decifrar uma língua, depois de decifrá-la, trata de ensiná-la. O segundo problema está no fato de que, para o ensino da língua, a lingüística cria um instrumental para a aquisição da língua decifrada. Codificar a língua com o propósito de adaptá-la às necessidades da transmissão escolar, marcou profundamente o pensamento lingüístico. O sistema da língua passa a obedecer a uma divisão em três centros: a fonética, a gramática e o léxico, que se formaram em função das duas tarefas atribuídas a lingüística – uma *heurística* e a outra *pedagógica*.

consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como um sistema de formas normativas. Esse sistema é uma abstração. É o produto de uma reflexão sobre a língua que não procede da consciência do locutor nativo, e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação. Na verdade, o locutor utiliza a língua para suas necessidades enunciativas concretas, ou seja, para ele a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala. Para o locutor, estar de acordo com as formas normativas não é o essencial da língua, mas, sim, o deslocamento de significações que a forma adquire em determinado contexto. Como diz Silva (2000):

A teoria de Bakhtin não está preocupada com a lingüística nos termos saussureanos, mas com o estudo da linguagem em situações sociais reais, com o que ele chama de “elocução” ou “palavra”. A palavra é sempre um diálogo, e este é realmente a unidade básica da linguagem nessa teoria. (p.45)

O importante da palavra é sua capacidade de significar. A significação da palavra é totalmente determinada por seu contexto. Há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. A multiplicidade de significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra. Esse fato concede à palavra o seu estatuto de signo, caso contrário, se tivesse uma única significação inerte e imutável esta seria apenas um sinal. Se for sabido de antemão tudo o que a palavra pode dizer, se nada se espera dela, então ela se coisifica e se separa do diálogo. Bakhtin ressalta que mesmo o homem pré-histórico dos povos primitivos utilizava uma mesma e única palavra para designar manifestações diversas, ou seja, esses povos empenhavam a palavra como signo e não como um sinal. O sinal não se adapta às condições mutáveis de uma situação. A palavra como um decalque da realidade é uma ficção que congela sua significação. Bakhtin se interessa pelas palavras enquanto fenômeno social, ao contrário dos lingüistas que, segundo ele, a tomam de forma isolada.

O que importa realmente é que a “forma lingüística” apareça como um signo variável e flexível, adequado às condições de uma situação concreta, e não como sinal estável e sempre idêntico. O sujeito não recebe a língua pronta para ser usada. Ele mergulha na corrente da comunicação verbal, e a partir desse momento começa a se constituir enquanto sujeito falante. A língua pronta é uma abstração, que pode ser ilustrada, por exemplo, na aquisição de uma língua estrangeira. Nesse caso, a língua estrangeira é assimilada, e isto só é possível pelo fato de o sujeito já estar imerso em sua língua materna.

Como diz Bakhtin (Voloschinov), *os sujeitos não “adquirem” sua língua materna: é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência* (1999, p.108). Dominamos a língua materna antes de estudar a sua gramática. A composição de seu léxico e sua estrutura gramatical não são aprendidas nos dicionários e nas gramáticas. Adquirimos a língua materna através dos enunciados concretos que ouvimos e falamos no processo de comunicação verbal que se estabelece entre nós e os indivíduos que nos rodeiam. Diz o autor:

Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item no dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática lingüística (Bakhtin/Voloschinov, 1999, p. 95).

E prossegue:

A palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira. (p. 100)

Enfim, para Bakhtin a língua não é um objeto abstrato ideal, sincrônico e homogêneo, que rejeita as manifestações individuais. A língua é um fato social, e por essa razão abarca a fala, a enunciação como sendo de natureza social. A fala está

ligada às condições de comunicação que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.

Como vimos, Bakhtin é bastante crítico com relação a algumas posturas da lingüística da época. A desconsideração do papel do *outro* no processo de comunicação verbal da linguagem é outro aspecto criticado por Bakhtin. Para ele, é necessário considerar o papel e o ponto de vista do receptor, ou seja, do *outro* nesse processo. Para a lingüística, a linguagem é considerada somente do ponto de vista do locutor, como se este estivesse sozinho no mundo, sendo ele e o objeto de seu discurso as únicas coisas indispensáveis à língua. Bakhtin considera que a constituição do ser humano como um todo se dá através do olhar do *outro*. No plano espacial, por exemplo, o corpo de um indivíduo somente se torna um todo se visto de fora, ou num espelho. O *outro* é constitutivo do ser e assimétrico em relação a ele. A heterogeneidade humana não está numa multiplicação quantitativa dos “eu”, mas naquilo em que cada um é o componente necessário do *outro*.

Nesse sentido, cabe mencionar o que Bakhtin escreve em *Problemas da poética de Dostoievski* (1997) sobre a palavra. Para ele, a palavra não pode ser vista como “palavra impessoal da língua”, mas como signo da posição semântica do outro. Ela representa o enunciado de um outro. Nela se ouve a voz do outro. Um indivíduo nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua. O indivíduo recebe a palavra da voz do outro, com suas aspirações e avaliações. No seu contexto, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. Ela está em contexto de outros e em lábios outros:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, sempre mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. (Bakhtin, 1997, p. 203)

No processo de comunicação verbal o *outro* exerce um papel ativo. Todo discurso é dirigido a um interlocutor. Todavia, esse interlocutor não é o *outro* exterior de um discurso, que recebe uma mensagem pronta. Não se trata de dois pólos simétricos – locutor e ouvinte – entre os quais passa uma informação. O discurso é construído pelos participantes do diálogo, é interindividual. O *outro* é a condição do discurso, participa na construção do sentido e instaura uma heterogeneidade no discurso.

Na participação do *outro* no processo de comunicação verbal é preciso fazer uma distinção entre “reconhecimento” e “compreensão”. O reconhecimento é o processo de identificação da forma lingüística. Assim ocorre, por exemplo, quando identificamos um sinal. O sinal é apenas um instrumento para designar um objeto ou acontecimento preciso e imutável. Outro exemplo de reconhecimento, apontado por Bakhtin, é percebido em alguns métodos de ensino de uma língua estrangeira. Nesses processos, os componentes da língua são assimilados como sinais, ou seja, a palavra é isolada de seu contexto e inscrita num caderno para ser aprendida. A forma é assimilada no sistema abstrato da língua, como uma forma sempre idêntica a si mesma.

Diferentemente do reconhecimento, a compreensão não é uma simples percepção do componente normativo do signo lingüístico, ou seja, a percepção do signo como objeto sinal. Na compreensão, o signo é compreendido num contexto concreto, sua significação pertence a uma enunciação particular. O signo tem valor lingüístico, é variável e flexível, pois pode mudar sua significação conforme o contexto que aparece. Bakhtin critica os lingüistas que conceberam as palavras como se ninguém efetivamente as falasse, convertendo os signos dialógicos em signos monológicos. Bakhtin focaliza sua atenção no falante que participa numa enunciação concreta, onde a palavra é um signo adaptável e mutável, e não um sinal

estável e sempre auto-equivalente. Bakhtin (Voloschinov) ressalta que mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem não há pura “sinalidade”, pois a forma já está relacionada a um contexto, portanto, já é signo. Sobre a compreensão o autor diz que:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (1999, p.131)

Para Bakhtin, todo ato de compreensão implica uma resposta. Implica a oposição de uma contrapalavra à palavra do locutor. Somente na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra equivalente na própria língua. Com efeito, não há razão para dizer que a significação pertence à palavra. Quanto à localização e à origem da palavra, Bakhtin (Voloschinov) enfatiza que:

Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma fásca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos (1999, p. 132)

Podemos dizer, apoiados em Bakhtin, que a significação e a compreensão se encontram sob uma relação de dependência mútua. O único meio pelo qual a palavra pode significar é ser compreendida. Essa compreensão é construída por locutores e ouvintes particulares, que também são locutores em situações específicas.

Portanto, não existe significado ou compreensão fora da interação lingüística. A compreensão da linguagem é uma tomada de posição ativa sobre o que é dito. É ativa na medida em que contém o germe de uma resposta. Ela pertence às ciências humanas, tem caráter intertextual e intersubjetivo, ou seja, dialógico.

Ao abordar o processo de compreensão da linguagem como uma tomada de posição ativa sobre o que é dito, Bakhtin discorda das funções “ouvinte” e “receptor” tal como são abordadas pela lingüística. Para ele, o esquema dos processos “ativos” da fala no locutor e dos processos “passivos” de percepção na fala do ouvinte dão uma imagem distorcida do processo complexo da comunicação verbal. Isso não quer dizer que esses esquemas não correspondam a certos aspectos reais. O problema é quando são utilizadas para representar o “todo real” da comunicação verbal. Nesse caso, Bakhtin afirma que não passam de uma *ficção científica*.

Para o filósofo, o ouvinte adota sempre uma atitude responsiva ativa com relação ao enunciado do locutor. Ele concorda ou discorda, total ou parcialmente, completa, adapta ou mesmo apronta-se para responder durante todo processo de audição e de compreensão do enunciado. Muitas das vezes, essa elaboração já ocorre nas primeiras palavras emitidas pelo locutor<sup>82</sup>. Sobre a *atitude responsiva ativa* do ouvinte, o autor em *Os gêneros do discurso* diz:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prehe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte trona-se locutor. A compreensão passiva das significações

---

<sup>82</sup> Convém nesse momento ressaltar que uma resposta fônica dada pelo ouvinte, nem sempre é imediata à compreensão de determinado discurso ou enunciado. A compreensão do que foi ouvido pode permanecer, por uma fração de tempo, como *compreensão responsiva muda*. Nesse caso, trata-se do que Bakhtin chamou de *compreensão responsiva de ação retardada*, ou seja, o que foi ouvido e compreendido aparecerá mais tarde no discurso ou no comportamento do ouvinte.



do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela *compreensão responsiva ativa* e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente. (Bakhtin, 1992, p. 290)

Realmente, o que o locutor espera é uma *compreensão responsiva ativa* de seu interlocutor, pois do contrário apenas teria o seu pensamento duplicado na fala do outro. O que o locutor espera é uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma discordância, etc. Observamos ainda que o próprio locutor é, em certa medida, um respondente, pois ele não é o primeiro a romper o silêncio de um mundo mudo. Antes mesmo de seu discurso já existem enunciados anteriores, provenientes dele mesmo ou do outro.

Ainda com relação à *compreensão* e ao *outro* no processo de comunicação verbal, é importante destacar que se trata de um processo em que três posições devem ser ocupadas. São elas: a posição do locutor, a do ouvinte e a do *terceiro*. Mas quem, ou o que é este terceiro referido por Bakhtin? O *terceiro* não é entendido no sentido literal, ou aritmético, pois os parceiros do diálogo podem ser certamente mais de três. Bakhtin em *O problema do texto* (1992) aponta para o fato de que o ato de compreensão implica tornar-se o *terceiro* no diálogo. O destinatário do enunciado é o *segundo*, de quem o autor do enunciado espera uma compreensão responsiva. O *terceiro* é o *superdestinatário* superior, cuja compreensão responsiva é pressuposta num espaço metafísico ou num tempo histórico afastado. O *superdestinatário* pode adquirir uma identidade concreta variável como Deus, o povo, a verdade absoluta, o julgamento da história, da consciência, a ciência, etc. Assim, o *terceiro* é o momento constitutivo de todo enunciado, e decorre do fato de que a palavra sempre quer ser ouvida. Ela não se prende a uma compreensão imediata, mas sempre busca uma compreensão responsiva.

Todo *diálogo* se desenvolve como se um *terceiro*, invisível, estivesse presente. Dotado de uma compreensão responsiva, este *terceiro* estaria acima dos participantes do *diálogo*. O *terceiro* é uma instância superior, que impede que o discurso possa ser julgado pelo livre arbítrio de um destinatário próximo, e por isso o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, o pressupõe. Enfim, o *terceiro* é o *outro*.

Ao final das considerações sobre as duas correntes do pensamento filosófico e lingüístico criticadas por Bakhtin, fica claro que o autor se posiciona contrário tanto às idéias do *subjetivismo idealista*, como às do *objetivismo abstrato*. A primeira corrente de pensamento considera que a língua é um processo criativo ininterrupto de construção, que se materializa sob a forma de atos individuais de fala, sendo este processo explicado a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante. Nessa direção, o sujeito é considerado como a fonte da língua e do sentido. A segunda corrente considera que somente o sistema lingüístico pode dar conta dos fatos da língua, o que a faz rejeitar o ato de fala como sendo individual, ou seja, há uma anulação do sujeito.

A discordância de Bakhtin relativamente às duas orientações da filosofia da linguagem apresentadas está no fato de ambas desprezarem o caráter social da linguagem. O *objetivismo abstrato* separa a linguagem do sujeito, enquanto o *subjetivismo idealista*, ao estabelecer a ligação entre sujeito e linguagem, ignora o fato de a linguagem se estabelecer de pessoa para pessoa num contexto social específico. Para Bakhtin, a verdade não está nem do lado do *subjetivismo idealista*, assim como não está no *objetivismo abstrato*, e muito menos no meio termo entre as duas orientações do pensamento filosófico. Para ele, trata-se de uma síntese dialética. Na sua concepção de linguagem o que exprimimos está relacionado a uma visão do mundo através do prisma do meio social em que estamos inseridos.

Com suas críticas e argumentações, Bakhtin justifica o que, para ele, constitui o fenômeno essencial para o funcionamento da língua – a *interação verbal*. Portanto, a língua, em sua essência, não é composta pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, tampouco por um sistema abstrato de formas lingüísticas, mas, sim, pelo fenômeno da *interação verbal*, através da *enunciação* ou das *enunciações*. Conforme as próprias palavras de Bakhtin (Voloschinov): *a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual dos falantes*. (1999, p.124)

A partir do que foi dito, concluiremos a matéria debatida nessa seção apontando as características gerais do enfoque bakhtiniano sobre a *linguagem*, *língua* e *palavra*. Trata-se de uma síntese, pois suas considerações foram aprofundadas no transcorrer da seção e continuarão, não de uma forma específica, a serem discutidas na próxima parte do trabalho. Vimos então que, na constituição de um “fato de linguagem” é indispensável que não se considere apenas o aspecto físico, o psíquico e o fisiológico envolvidos no processo de comunicação. Tampouco não é suficiente uma abordagem da língua baseada no estudo da face sonora do signo lingüístico, nem a vinculação entre o processo fisiológico de produção do som ao de percepção sonora pelo homem, e muito menos o pensamento de que a atividade da linguagem é um ato de expressão da consciência individual. Para Bakhtin a essência da linguagem está na inter-relação do conjunto físico-psíquico-fisiológico com a língua e com a fala, através do meio social e do contexto social imediato da situação de comunicação que envolve os sujeitos falantes.

Quando a situação, única e particular, é considerada no processo de comunicação verbal há uma co-referência à enunciação, cujo estudo contempla o fenômeno da fala enquanto atividade de linguagem. A enunciação é construída a

partir de uma inter-relação social, que é mediada pela palavra, que é o produto da interação entre locutor e ouvinte, caracterizando-se como um signo da posição semântica do *outro*. A existência da palavra está na passagem de um contexto para outro, de um sujeito para outro. Entre suas críticas à lingüística, Bakhtin cita a desconsideração do papel do *outro* na linguagem. Para ele o *outro* é a condição do discurso, participando na construção do sentido e, portanto, exercendo um papel ativo no ato de linguagem.

No cerne do conteúdo teórico exposto acima está a idéia de que a língua é um fato social, assim como a fala e o sujeito têm uma natureza social. Através de seus pressupostos teóricos Bakhtin fundamenta que o fenômeno da *interação verbal* é o essencial da língua, sendo este um fenômeno de caráter dialógico que abrange não apenas a língua como um sistema homogêneo de signos, mas também a fala como atividade constitutiva do sujeito e da própria língua.

Por estarmos fundamentando nossa pesquisa a partir de um estudo enunciativo da linguagem, nos interessa um estudo sobre a linguagem que contemple a fala e o sentido. Sendo assim, no próximo item abordaremos os estudos de Bakhtin sobre o *enunciado* e sobre as *relações dialógicas*, pois como veremos o *enunciado* é a forma de materialização da fala, estabelecendo uma relação específica de sentido – a *relação dialógica* - com os outros enunciados da corrente verbal.

## 2.5. O ENUNCIADO E AS RELAÇÕES DIALÓGICAS

No transcorrer de nosso enfoque sobre a obra bakhtiniana, procuramos justificar a eleição de alguns pontos da teoria que, segundo os objetivos da presente pesquisa, julgamos merecer destaque. Neste item não será diferente. Trataremos dos estudos do mestre russo relacionados ao *enunciado* e às *relações dialógicas*. Esses dois temas desenvolvidos por Bakhtin fazem parte do quadro teórico selecionado para o nosso trabalho, seja por estarem relacionados aos aspectos enfatizados nos subcapítulos anteriores, seja pela importância que terão no capítulo seguinte, na análise do corpus.

Partiremos da questão do *enunciado*, através da relação que Bakhtin estabelece entre a matéria estudada pelas ciências humanas e suas reflexões sobre o *texto*. Em *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas* (1992)<sup>83</sup> Bakhtin mostra as diferenças de objeto e de metodologia entre as *ciências exatas* e as *ciências humanas*, enfatizando que são as *ciências humanas* que devem contemplar o *texto* em seus estudos.

Para Bakhtin, as *ciências exatas* são uma *forma monológica* de conhecimento. Nelas se percebe somente a existência de um único sujeito, que pratica o ato de cognição, que contempla, ou seja, que fala. Esse sujeito se encontra diante da coisa muda. O intelecto está envolvido em dois processos: contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Nessa *forma monológica* de conhecimento, qualquer objeto de conhecimento, incluindo o homem, pode ser percebido e conhecido a título de coisa.

---

<sup>83</sup> Este texto foi escrito por Bakhtin em 1974, sendo inspirado nas notas de trabalho de um estudo que era dedicado (em 1940) aos “fundamentos filosóficos das ciências humanas”.

De forma diferente, as *ciências humanas* têm o *texto* como seu objeto de estudo, ou melhor, o homem enquanto produtor de textos. A matéria das *ciências humanas* é a pessoa que age e se comunica. A pessoa é vista na sua especificidade, enquanto falante, criadora de textos, no diálogo. O sujeito, para Bakhtin, ao contrário da forma monológica de conhecimento das *ciências exatas*, não deve ser estudado como coisa porque não pode permanecer mudo. A pessoa não é determinada pelo mundo, tampouco é um simples objeto de estudo contemplado pelo discurso científico-monológico. Ela participa do mundo, tem voz, uma voz que se estabelece na relação com o outro. Sua natureza é enunciativa e, portanto, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. Nas *ciências humanas* há sempre dois sujeitos, que são co-participantes numa relação discursiva dialógica. A respeito das relações entre o pensamento e o outro nas *ciências humanas*, Bakhtin diz que:

No campo das ciências humanas, o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro que manifesta sua vontade, sua presença, sua expressão, seus signos, por trás dos quais estão as revelações divinas ou humanas (lei dos poderosos, mandamentos dos antepassados, ditados anônimos) (Bakhtin, 1992, p.329).

O que interessa a Bakhtin nas *ciências humanas* é a história do pensamento orientada para o pensamento, o sentido, o significado do outro, que se apresentam em forma de texto. Em *O problema do texto* (1992) Bakhtin salienta que quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto. Neste mesmo trabalho o autor considera que: *o ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação* (p.334). Bakhtin enfatiza o seu interesse pelo *texto verbal* que segundo ele, é o dado primário de todas as disciplinas das *ciências humanas*, em especial nas áreas da lingüística, da filologia e da literatura.

Portanto, as *ciências humanas* referem-se ao homem em sua especificidade, que é a de expressar-se, de falar, ou seja, de criar um *texto*. *Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humana, etc.)* (Bakhtin, 1992, p.334). Assim, as *ciências humanas* se ocupam do homem social que fala e que só pode ser conhecido através dos textos.

O *texto*, por sua vez, não pode ser confundido com um sistema de signos, com uma língua no sentido restrito do termo. A língua pode ser traduzida em outro sistema de signos, o que faz pensar que existe uma lógica comum a todos os sistemas de signos. Mas o *texto*, diferentemente da língua, nunca pode ser traduzido até o fim. Um *texto* pertence a uma cadeia de outros textos da comunicação verbal, dentro de uma dada esfera, mantendo uma relação específica com outros textos. Subjacente ao *texto* há o sistema da língua, mas o *texto* propriamente dito não é esse sistema. Por exemplo, uma combinação de gritos e gemidos, desprovida de reprodutibilidade lingüística, não é um texto, e, sim, um fenômeno natural.

Ao se interessar pela forma concreta dos *textos* e suas condições concretas de vida, Bakhtin aproxima o conceito de *texto*, enquanto uma unidade discursiva, ao de *enunciado*. O fato de existir um autor que exterioriza o seu conteúdo para outrem, num determinado contexto social, através de um material lingüístico comum, faz do *texto* um *enunciado*.

O conceito de *enunciado* está atrelado a noção de *gêneros do discurso*, pois os *gêneros* englobam os tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados pelas “esferas de utilização da língua”. As áreas da atividade humana estão relacionadas com a língua, e a materialização desta ocorre sob a forma de

enunciados, orais e escritos, que se originam de indivíduos pertencentes às respectivas áreas.

Bakhtin no texto *Os gêneros do discurso* (1992) faz referência ao leque variado dos *gêneros do discurso*, assim como faz uma distinção entre gênero *primário* e *secundário*<sup>84</sup>. Na sua opinião, o gênero *secundário* se apresenta em um grau mais complexo que o *primário*, visto que o *secundário* surge de situações refletidas culturalmente, geralmente em composição escrita, como em composições artísticas, científicas ou sóciopolíticas. Para Bakhtin, o romance, assim como a réplica do diálogo cotidiano é um *enunciado*, sendo que o que os diferencia é o grau de complexidade. A diferenciação entre os dois tipos de gênero é importante, pois é através da análise de ambos os gêneros que a natureza do enunciado será elucidada<sup>85</sup>.

Bakhtin assinala que, em qualquer área de estudo lingüístico, deve-se levar em conta a *natureza do enunciado* e as particularidades de gênero que evidenciam a variedade do discurso. Para o autor, desconsiderar essa natureza leva ao enfraquecimento da relação existente entre a língua e a vida. *A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua* (Bakhtin, 1992, p.282). O *gênero do discurso* é uma forma do enunciado, e não uma forma da língua. Está intrinsecamente relacionado a circunstâncias e a temas específicos da comunicação verbal.

---

<sup>84</sup> O gênero *primário* abarca a réplica do diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, a ordem militar, as declarações públicas, etc., enquanto o *secundário* compreende o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc.

<sup>85</sup> Bakhtin cita o exemplo dos gêneros literários que, em sua maioria, são compostos de diversos gêneros primários transformados, como as réplicas do diálogo, cartas, narrativas de costumes, etc. nesse sentido os gêneros literários simulam as várias formas da comunicação verbal primária.



O todo do *enunciado* é composto por três elementos: o conteúdo temático, o estilo verbal<sup>86</sup> (recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais) e por sua construção composicional<sup>87</sup>. É através da fusão desses elementos que o enunciado vai refletir as condições específicas e as finalidades de determinada esfera de comunicação<sup>88</sup>.

Bakhtin, ainda em seu trabalho *Os gêneros do discurso* (1992) faz uma distinção que julga fundamental entre *enunciado* e *discurso*, sendo que o seu entendimento de discurso é diferente do difundido pela lingüística. Segundo o autor, a lingüística, ao ignorar essa distinção, menospreza a *unidade real da comunicação verbal: o enunciado*. Na lingüística, a palavra “discurso” não teve uma definição única, o que a levou ser utilizada indiferentemente como “enunciado”, mas também como língua, fala, como uma seqüência de enunciados, etc. Isso conduz ao entendimento de que a palavra “discurso” se refere a qualquer “enunciado”, de qualquer locutor, o que para Bakhtin não é verdadeiro. Para ele, tratam-se de duas palavras distintas que significam coisas diferentes. O conceito de *discurso* defendido pela lingüística não consegue uma sustentação teórica e nem prática. Nessa concepção, o *discurso* é dividido em orações, que podem dividir-se em combinações de palavras e em palavras, para sucessivamente se decompor em sílabas e essas em fonemas. Bakhtin exemplifica com um enunciado do tipo “Ah!” – réplica do diálogo. Ao analisarmos esse *enunciado* vemos que não é divisível em orações, nem em combinações de palavras ou sílabas, o que mostra que se seguirmos o raciocínio

---

<sup>86</sup> O estilo participa como elemento na unidade de gênero de um enunciado, pertencendo a um gênero peculiar de uma respectiva esfera da atividade e da comunicação humana. Assim como ele está fortemente ligado ao enunciado, está vinculado à composição do mesmo.

<sup>87</sup> Por composição de um enunciado entende-se: o tipo de estruturação e de conclusão de um todo e o tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal, como a relação do locutor com o ouvinte, com o leitor, com o discurso do outro, etc.

<sup>88</sup> As esferas da atividade humana e da comunicação compreendem: as réplicas do diálogo cotidiano em toda a sua diversidade formal, crônicas, contratos, escritos literários, científicos, ideológicos, cartas oficiais e pessoais, textos legislativos, etc.

da lingüística, nesse caso, nem todo *enunciado* é um *discurso*. Como o próprio Bakhtin afirma:

A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma (Bakhtin, 1992, p.293).

Através de uma análise geral, podemos dizer que em Bakhtin o discurso é uma forma particular de ação<sup>89</sup> - uma ação lingüística. O discurso é a língua em sua integridade concreta e viva, ou seja, a língua do ponto de vista da enunciação e não como objeto específico da lingüística. É uma ponte lançada entre duas pessoas socialmente determinadas, e por essa razão, pode ser entendido como um fenômeno de comunicação cultural, compreendendo o falante, o ouvinte, o tópico e a situação social que o engendra. O discurso é dialógico<sup>90</sup>.

Retomando o conceito de *enunciado*, Bakhtin defende que o mesmo possui fronteiras claramente delimitadas e características estruturais em comum com outros enunciados da mesma cadeia. Suas fronteiras são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes nas diversas esferas da atividade humana. Todo *enunciado* tem o seu início e o seu fim. O final e o início de um *enunciado* é demarcado por enunciados que o precedem e de outros que o sucedem. Esses são os enunciados do *outro*, provenientes de diferentes sujeitos falantes. Trata-se de uma transferência da

---

<sup>89</sup> Não estamos nos referindo aqui a uma “pragmática”, tal como na Teoria dos atos de fala de John L. Austin em seu livro *Quando dizer é fazer* (1990).

<sup>90</sup> Falamos aqui de um entendimento generalizado de *discurso* em Bakhtin, visto que, ao analisar o romance de Dostoievski em *Problemas da Poética de Dostoievski* (1997), Bakhtin classifica uma série de tipos de discurso, dividindo-os em “*monovocais*”: *discurso referencial direto*, que visa à interpretação referencial e direta do objeto; *discurso objetificado ou representado*, que tem significação objetiva imediata mas não se situa no mesmo plano ao lado do discurso do autor - discurso “*bivocal*” e suas variações, como sendo o discurso orientado para o outro, sendo o discurso predominante na obra de Dostoievski, constituindo-se, portanto, no principal objeto de exame para Bakhtin. Mas não nos aprofundaremos nessa classificação, visto que seria um desvio desnecessário aos propósitos do nosso trabalho.

palavra ao *outro*, um movimento ininterrupto, onde os sujeitos falantes se alternam, proferindo e respondendo no interior do processo de *interação verbal*.

Ao estudarmos o enunciado enquanto *unidade real* da comunicação verbal, podemos compreender melhor as unidades da língua como sistema, ou seja, as palavras e as orações. Para Bakhtin *enunciado* e *oração* são coisas diferentes, e é dessa forma que devem ser tratadas.

A *oração*, como uma unidade da língua, é de natureza gramatical, suas fronteiras não são marcadas pela alternância dos sujeitos falantes e, portanto, não está em relação imediata com os enunciados do outro. Também não está em contato imediato com a realidade, com a situação extraverbal. O seu contexto é o do discurso de um único e mesmo falante, pois representa um pensamento relativamente acabado, relacionado com outros pensamentos do mesmo locutor. A *oração*, como a palavra<sup>91</sup>, é uma unidade significante da língua, e como tal podemos apreender apenas a sua significação lingüística.

Se, por outro lado, a *oração* for considerada como elemento significante do enunciado em seu todo, ela adquire *sentido* dentro desse todo. Isso quer dizer que, se considerar o contexto, os enunciados precedentes e subseqüentes, e os sujeitos participantes do diálogo, a *oração* passa à categoria de *enunciado completo*, deixando de ser somente uma parte restrita do mesmo. Ao passar à categoria de *enunciado completo*, a *oração* é dotada de um sentido e não somente de uma significação, sendo observadas as condições concretas de sua utilização na comunicação verbal.

---

<sup>91</sup> A “palavra” entendida aqui como uma unidade da língua.

Julgamos pertinente nesse momento mencionar a distinção feita por Bakhtin (Voloschinov) em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1999) entre *tema* e *significação*. No referido livro Bakhtin (Voloschinov) considera a existência de dois níveis semânticos, que estão dialeticamente relacionados – a *significação* e o *tema*. Para ele o significado como um todo inclui tanto a *significação* como o *tema*, porém há uma distinção que precisa ser feita entre esses dois níveis. O *tema* é o sentido da enunciação completa, podendo inclusive pertencer a uma palavra isolada, desde que esta opere como uma enunciação global. Ele é único, e por isso serve de base para a definição da enunciação. É individual e não reiterável, como a enunciação, e caracterizado pela transitoriedade, visto que o seu sentido é adequado unicamente ao momento da fala. O *tema* se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. O *tema* da enunciação é concreto, sendo determinado pelas formas lingüísticas (palavras, formas sintáticas, os sons, as entoações) e pelos elementos não verbais da situação. Os elementos da situação são tão importantes quanto às formas lingüísticas, como afirma Bakhtin (Voloschinov): *Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes.*(1999, 128)

A *significação* também faz parte da enunciação, podendo ser considerada como um aparato técnico para a realização do *tema*. Ela é formada pelos elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. São elementos abstratos e convencionados. A *significação* está no interior do *tema*, e ao contrário deste, pode ser analisada em um conjunto de significações ligadas aos elementos lingüísticos que a compõem<sup>92</sup>.

---

<sup>92</sup> Bakhtin cita como exemplo para a diferenciação entre tema e significação a enunciação: “Que horas são?”. Enquanto tema, essa enunciação tem um sentido diferente cada vez que é usada, pois está relacionada a uma situação histórica concreta, não podendo ser segmentada. Por outro lado, sua significação é análoga em todas as situações históricas em que é falada. A significação dessa

Não existe fronteira absoluta entre o *tema* e a *significação*, sendo que ambos são dependentes mutuamente. A inter-relação do *tema* e da *significação* é formulada por Bakhtin (Voloschinov) como: o *tema* é o *estágio superior* real da capacidade lingüística de significar, enquanto a *significação* é o *estágio inferior*. Para a investigação do significado de um determinado elemento lingüístico elege-se um dos estágios como orientador, conforme o entendimento que se tem do funcionamento da linguagem. No caso do *estágio superior*, a investigação irá em busca do sentido contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação completa. No segundo caso, do *estágio inferior*, a investigação da significação da palavra se realizará no campo do sistema da língua, ou seja, da palavra dicionarizada. Como podemos perceber, para Bakhtin (Voloschinov) apenas o *tema* significa de maneira determinada, sendo a *significação* apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um *tema* concreto. Segundo suas palavras a *significação* é absorvida pelo *tema*:

(...) a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias. (1999, 136)

Retomando a diferenciação entre *oração* e *enunciado*, Bakhtin aponta para o fato de que as pessoas não trocam orações, tampouco palavras, como unidades significantes da língua. Trocam enunciados, constituídos com a ajuda de unidades da língua (palavras, combinações de palavras, orações). Uma *oração* pode ser reiterada, como no caso da repetição e da autocitação, dentro dos limites de um único e mesmo enunciado, porém, cada ocorrência representa um novo fragmento de enunciado. Quando reiterada, a *oração* muda sua posição e função no todo do enunciado.

---

enunciação é composta das significações de todas as palavras que fazem parte dela, das formas morfológicas, sintáticas, sons e entoações.

A constituição do *enunciado* pode ser formada a partir de uma única oração, de uma única palavra, de uma única unidade da fala. Mas não é isso que transforma uma unidade da língua em uma unidade da comunicação verbal. O *enunciado* possui características específicas, que lhe conferem o posto de *unidade* da comunicação verbal. A *primeira característica* é ser composto pela alternância dos sujeitos falantes e assim estar vinculado a outros enunciados na cadeia verbal. A *segunda característica* do enunciado é o seu acabamento específico, que é determinado por meio de critérios particulares, como a possibilidade de ser respondido. O aspecto responsivo do *enunciado* é determinado por três fatores que estão relacionados: o *tratamento exaustivo do objeto do sentido*, ou seja, do tema do enunciado, que pode variar conforme a esfera de comunicação verbal; o *intuito discursivo*, onde é percebido o que o locutor quer dizer, e que determina a escolha do objeto e suas fronteiras; as *formas típicas de estruturação do gênero* de acabamento, que é escolhido pelo locutor em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, de necessidade de uma temática específica, dos parceiros envolvidos na situação, etc.

A *terceira característica do enunciado* diz respeito a sua relação com o locutor e com os outros parceiros da comunicação verbal. O estilo e a composição, dois dos elementos do *enunciado*, estão relacionados ao todo do *enunciado*, e são determinados pelos problemas de execução que o locutor enfrenta diante do objeto do sentido, escolhendo assim os recursos lingüísticos e o gênero do discurso mais apropriado para a situação. A composição e o estilo do enunciado também dependem da *expressividade*, ou seja, da relação valorativa que o locutor estabelece com o objeto do discurso, que vai variar conforme as esferas de comunicação verbal. Toda palavra usada na fala real possui um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é dito, ou escrito, ele é sempre acompanhado por um acento de valor determinado. A *entonação* é um dos recursos para expressar a

relação emotivo-valorativa do locutor como o objeto de seu discurso. Sem acento apreciativo não há palavra. Uma palavra pode significar coisas diferentes dependendo da *entonação* em que são emitidas em determinado contexto<sup>93</sup>.

A *entonação* é de fundamental importância, pois permite expandir a capacidade das mesmas velhas palavras de atender a novas e irrepetíveis situações. Mas, a *entonação expressiva* não pertence à palavra como signo, mas ao enunciado acabado e com um sentido concreto. No sistema da língua, ou seja, fora do enunciado ela não existe. Ao escolhermos uma palavra, e baseados no todo do enunciado, construímos um todo intencional que é sempre expressivo. O ato da expressividade é provocado pelo contato entre a língua e a realidade, o que só ocorre através do *enunciado*. Dessa forma, a *expressividade* se apresenta como uma particularidade constitutiva do *enunciado*.

A *expressividade*, como constitutiva do enunciado, manifesta, além da relação do locutor com o objeto do *enunciado*, a relação do mesmo locutor com os enunciados do outro. São essas relações que fazem do *enunciado* uma unidade de caráter dialógico, onde o autor, o destinatário e a situação estão implicados na construção do sentido.

Assim como a *expressividade*, que supõe um autor, o enunciado está sempre voltado para um destinatário<sup>94</sup>. O fato de dirigir-se a alguém também é uma

---

<sup>93</sup> Em *Gêneros do discurso* (1992) Bakhtin cita vários exemplos de enunciados que correspondem a um determinado gênero do discurso, expressando um valor, onde a entonação é o elemento chave como por exemplo: “ótimo!”, “ânimo!”, “burro!”, etc. Destaca que numa determinada situação, a palavra pode adquirir um sentido profundamente expressivo em forma de enunciado exclamativo, e que se uma palavra isolada é proferida com uma entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado completo.

<sup>94</sup> Bakhtin entende o destinatário não como necessariamente o interlocutor real, participante da interlocução imediata. O destinatário pode ser tanto o parceiro e interlocutor direto do diálogo na vida cotidiana, como o conjunto de especialistas em alguma área especializada da comunicação

particularidade constitutiva do enunciado. Com efeito, a diversidade dos *gêneros do discurso*, mencionada anteriormente, é determinada pelas diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário. Cada um dos *gêneros do discurso*, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem o seu modelo de destinatário que o determina como gênero.

Após os aspectos acima considerados, podemos entender o *enunciado* como um fenômeno complexo, e para entendermos sua natureza é necessário que o analisemos em sua relação com o autor e com os outros enunciados no plano do objeto do sentido. O *enunciado* é um elo na cadeia de comunicação verbal. Suas fronteiras são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, sendo que dentro dessas fronteiras o enunciado reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e os elos anteriores. Por essa razão, o objeto de discurso de um locutor nunca é inédito, pois o locutor não é o primeiro a falar dele. Como diz Bakhtin em *Os Gêneros do Discurso* (1992), somente o Adão bíblico poderia ser o primeiro a nomear os objetos ainda não designados, escapando ao aspecto dialógico instaurado pelo já dito da palavra do outro. Mas, ao contrário do objeto de discurso, o *enunciado* não é o reflexo de algo que lhe preexiste, que está fora dele como algo dado. O *enunciado* sempre cria algo que antes dele não existira, algo novo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc.). Porém, essa criação é formulada a partir de algo dado – a língua, o fenômeno observado na realidade, o sujeito falante, etc. Estabelece-se então um processo, onde o *dado* se transforma no *criado*. Tudo que é criado se cria a partir de algo que é dado, como um sentimento vivido. O todo do *enunciado* não é uma unidade da língua, mas sim a unidade da comunicação verbal, e como tal é completo e irreproduzível.

---

cultural, uma classe específica como a dos partidários, dos inimigos, dos chefes, dos subalternos, etc.



Baseados no que foi exposto até esse momento, julgamos que é necessário retomar a distinção entre os elementos abstratos da língua, como as palavras e as orações, e os elementos concretos (enunciados). Estes últimos, considerados como o produto da relação entre língua e situação, em um ato de inter-relação verbal onde os participantes estão submetidos a um processo de interação social. Somente o *enunciado* comporta uma relação imediata com a realidade e com o locutor vivo, ou seja, com o sujeito. Mas a determinação do *enunciado* não se dá somente por sua relação com o sujeito falante e com o objeto, mas também por sua relação direta com outros enunciados dentro de uma esfera da comunicação. Os enunciados mantêm um permanente contato dialógico entre si, porém não se trata de um contato mecânico entre os elementos abstratos de um sistema. Este contato mecânico é indispensável somente para uma primeira etapa da compreensão, ou seja, para a compreensão da significação, e não do sentido. Por trás do contato entre os enunciados há o contato de pessoas e não de coisas.

Constatamos assim, que há um laço que une *enunciado* e *enunciação*. O *enunciado* concreto coloca frente a frente os participantes de uma determinada situação, instaurando-os como co-participantes dessa situação. Nessa perspectiva, temos presente tanto o componente verbal, extraído do enunciado, como o componente extraverbal, proporcionado pela enunciação. Assim, a *enunciação* é constitutiva do *enunciado* e, como tal, concorre, juntamente com o primeiro, para a construção do sentido no processo de comunicação verbal. O todo do *enunciado* não se constitui somente por elementos lingüísticos, mas também por elementos extralingüísticos, e por sua relação com outros enunciados. Sua natureza é dialógica, e por essa razão está vinculado a outros enunciados por uma relação específica – a *relação dialógica*.

Como já vimos, os enunciados são representados por posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem, fato que os leva a estabelecerem entre si uma relação particular – uma *relação dialógica*. As *relações dialógicas* pertencem ao campo do discurso, que é por natureza dialógico, incluindo desde as relações entre enunciados, até as do falante com sua própria fala. Mas o fato de pertencerem ao campo do discurso, não significa que o seu estudo deva ser puramente lingüístico.

As *relações dialógicas* não podem ser estudadas enquanto fenômenos estritamente lingüísticos, no âmbito da língua, pois são de caráter extralingüístico. A lingüística, na visão bakhtiniana, se ocupa somente da forma composicional e das particularidades léxico-semânticas do discurso dialógico. Não há possibilidade da ocorrência de *relações dialógicas* entre os elementos no sistema da língua, como entre as palavras no dicionário, entre os morfemas, entre as unidades sintáticas, ou mesmo entre os textos e as orações vistos a partir de um enfoque somente lingüístico.

As *relações dialógicas* podem ser de pergunta-resposta, acordo-desacordo, afirmação-complemento, entre outras. São relações entre enunciados concluídos, proferidos por sujeitos falantes distintos, ou entre palavras significativas dentro de um contexto único<sup>95</sup>. Mas nesse ponto precisamos ter um pouco de atenção, é importante saber a essência da *relação dialógica* para não simplificá-la, ou tratá-la de modo unívoco. A relação existente entre as réplicas de um diálogo, no sentido restrito do termo, como na conversa comum e na discussão científica por exemplo, mostram apenas o aspecto mais simples e evidente da relação dialógica. As réplicas de um diálogo real, por si só, não estão no campo da relação dialógica. Esta é mais complexa, tem uma amplitude maior que a fala que se estabelece em um diálogo comum. Por essa razão, as *relações dialógicas* devem ser analisadas sob a

---

<sup>95</sup> Lembramos que subjacente à palavra está um sujeito real ou potencial, ou seja, o seu autor.

perspectiva da metalingüística<sup>96</sup>, que ultrapassa os limites da lingüística, enfocando, inclusive, a especificidade das *relações dialógicas* entre as réplicas do diálogo.

Essas relações necessitam das relações lógicas e concreto-semânticas para a sua realização, mas não podem ser reduzidas a tais relações. Elas pressupõem uma língua, mas não existem no interior de seu sistema, pois não podem estabelecer-se entre os elementos da língua. As relações lógicas e concreto-semânticas tornam-se dialógicas ao se materializarem no campo do discurso, e assim passam a ser entendidas como enunciados<sup>97</sup>.

Ao tornarem-se enunciados, as relações lógicas e concreto-semânticas, ganham um autor<sup>98</sup> responsável pela criação do enunciado, ou seja, já não existe a pura abstração, mas, sim, a personificação do enunciado. As relações existentes entre os elementos dentro do sistema da língua, ou dentro do enunciado isolado, são relações de ordem factual-lógica, do locutor com o signo, do signo com o signo dentro dos limites de um sistema.

Diferente é a característica da *relação dialógica*. Esta é oriunda de uma relação específica de sentido, cujos elementos constitutivos são enunciados

---

<sup>96</sup> Estamos nos referindo à translingüística, já citada anteriormente.

<sup>97</sup> Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997) Bakhtin ilustra essa questão com a apresentação de dois juízos filosóficos acerca do valor da vida: “A vida é boa” e “A vida não é boa”. Ambos juízos apresentam uma forma lógica e um conteúdo concreto-semântico. Entre eles existe uma relação lógica, pois um é a negação do outro. Todavia, não há relações dialógicas entre os mesmos, eles não discutem entre si. Somente surgirão relações dialógicas entre os dois juízos se forem divididos em dois enunciados, proferidos por dois sujeitos diferentes. Da mesma forma ocorrerá se analisarmos os seguintes juízos: “A vida é boa” e “A vida é boa”. Esses dois enunciados são idênticos. Mas essa identidade diz respeito somente à materialização fônica da palavra, à relação lógica, e não ao próprio juízo. Mas, se por outro lado, esse juízo for expresso por dois sujeitos em enunciações diferentes, aí sim surgirão relações dialógicas entre elas. Observamos ainda que mesmo dois enunciados totalmente distintos, ao se confrontarem e tratarem do mesmo tema, estabelecem entre si uma relação dialógica.

completos (considerados completos, ou potencialmente completos), em que se expressa um sujeito real ou potencial, o “autor” do enunciado. A relação de um enunciado com o sujeito falante real, com a realidade existente e com os outros enunciados fazem surgir o verdadeiro ou o falso, o belo, etc. Os signos isolados não podem ser verdadeiros, falsos, belos.

Portanto, a *relação dialógica* é uma relação de sentido que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados podem estabelecer uma relação dialógica desde que justapostos no plano do sentido. Essa confrontação de enunciados pode ser de uma forma não intencional<sup>99</sup>. Assim, dois enunciados separados no tempo e no espaço, quando confrontados, podem revelar uma *relação dialógica*, desde que haja uma convergência em algum ponto de vista ou algo em comum no tema.

Observamos ainda que as *relações dialógicas* são possíveis não somente entre enunciações e enunciados como um todo. Elas podem aparecer em qualquer parte significativa desse todo, como também nas palavras. Só que para isso, essa parte significativa deve ser considerada como contendo a voz do outro, como um enunciado pessoal, e não como um signo abstrato no sistema da língua.

Ao concluirmos esta parte do trabalho gostaríamos de retomar o que falamos no início, ou seja, o que as considerações sobre o *enunciado* e sobre as *relações*

---

<sup>98</sup> A autoria de um enunciado representa uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente, podendo se apresentar sob diversas formas, como o uma criação individual, o produto de um trabalho de equipe, etc.

<sup>99</sup> Por exemplo, como o agrupamento de diversos enunciados provenientes de diferentes cientistas, ao se pronunciarem sobre determinado tema em épocas diferentes, ou de forma direta. Bakhtin em *Problemas do texto* (1992) cita como exemplo a expressão: “fome, frio!”, como a matéria do enunciado de um único sujeito falante, em oposição a: “Fome!”, “Frio!”, enquanto matéria de dois enunciados produzidos por dois sujeitos distintos. No segundo caso, os enunciados estão relacionados dialogicamente, ao contrário do primeiro.

*dialógicas* têm a contribuir para nossa pesquisa. E mais, qual a relação destes temas com os outros temas tratados nos itens precedentes.

Retomando do princípio, para Bakhtin as ciências humanas devem se preocupar com o estudo do *texto*, que é dialógico e representa a pessoa que age e se comunica. O *texto*, ao ser expresso por um sujeito falante para outrem, num contexto social imediato e através da língua, passa à categoria de *enunciado*. O *enunciado*, que é a forma de materialização da fala, tem um sujeito discursivo que participa da língua em sua concretude. Ele é composto pela alternância dos sujeitos falantes e apresenta um *aspecto responsivo*. E mais, o *enunciado* é constituído pela *enunciação*, pois coloca os sujeitos falantes interagindo em uma determinada situação, onde tanto o componente verbal, como o extraverbal estão presentes. Vimos também que o *enunciado* mantém uma relação específica de sentido com os outros enunciados da cadeia verbal. Trata-se da *relação dialógica*, que por ser uma relação de caráter extralingüístico não pode ocorrer entre os elementos no sistema da língua.

Assim, ao abordarmos o *enunciado* e as *relações dialógicas* foi inevitável que tratássemos de aspectos adiantados em outros itens da dissertação. Assim, a importância da fala e do sujeito na linguagem, a concepção de língua, o *aspecto responsivo* do *outro* no processo de comunicação verbal, o contexto verbal e extraverbal e a relevância do sentido nos estudos da linguagem são aspectos que foram desenvolvidos nesse item. Esses temas, além de estarem presentes em outras partes do capítulo 2, serão de grande valia na análise do corpus selecionado. Lembramos que faz parte dos objetivos dessa pesquisa, entre outros, mostrar a presença, ou ausência, dos aspectos referentes à linguagem, citados ao longo desse capítulo, na prática clínica do fonoaudiólogo. O capítulo a seguir tratará da

metodologia utilizada na pesquisa, ficando para o capítulo 4 a análise do corpus selecionado.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. Do corpus.

##### 3.1.1. Dos critérios de seleção do corpus.

O enfoque principal desta pesquisa recai sobre a “clínica de linguagem”<sup>100</sup>. Por esse motivo a eleição do corpus obedeceu a critérios relacionados ao objetivo central do presente trabalho. As análises desse estudo serão construídas com base na fonoaudiologia desenvolvida no estado do Rio Grande do Sul. Justificamos a escolha do Rio Grande do Sul por ser o estado no qual estamos inseridos como fonoaudiólogo, o que nos desperta interesse especial em conhecer, empiricamente, a formação acadêmica relativa à clínica dos transtornos de linguagem dos fonoaudiólogos dessa região. Embora as análises incidam sobre os cursos de fonoaudiologia do Rio Grande do Sul, acreditamos que possam apresentar um grau de representatividade em relação aos cursos em funcionamento no Brasil.

---

<sup>100</sup> Ao abordarmos a “clínica de linguagem” contemplamos uma das especialidades da fonoaudiologia mencionada nas resoluções 268/01 e 269/01, citadas no capítulo 1 - a *linguagem*, em nosso caso, mais especificamente a *linguagem oral*. Nossa abordagem derivou de três motivos. Primeiro por ser uma subdivisão da especialidade *linguagem* prevista nas resoluções 268/01 e 269/01. Segundo, por ser, em nossa opinião, a área que se destaca na identificação da profissão de fonoaudiólogo. E, finalmente, por fazer parte de nosso interesse profissional.

Assim, o corpus integrante de nossa pesquisa é formado por livros, relacionados na bibliografia que consta nos programas de determinadas disciplinas, ministradas nos cursos de graduação de fonoaudiologia do Rio Grande do Sul.

A escolha do referido corpus ocorreu por entendermos que os livros, encontrados nos programas das disciplinas, fazem parte da bibliografia básica fornecida aos alunos, e, conseqüentemente, é a partir desses livros que os estudantes de fonoaudiologia se defrontam teoricamente com a clínica de linguagem. Porém, isso não quer dizer que a fonte de estudo se esgote na bibliografia indicada nas disciplinas dos cursos, pois o universo de publicações existentes nas bibliotecas excede ao que foi coletado para a construção do corpus deste trabalho. Todavia, o corpus dessa pesquisa parte de documentos oficiais, que são as ementas e a bibliografia de disciplinas específicas, que nos foram fornecidas pelos coordenadores dos cursos de fonoaudiologia.

A respeito das disciplinas selecionadas, o critério utilizado foi a presença da terapia de linguagem/fala<sup>101</sup> nas ementas<sup>102</sup> dos respectivos cursos de graduação. É importante dizer que as designações encontradas nas ementas, que remetiam ao significado de terapia de linguagem, não eram necessariamente as mesmas. Encontramos nas ementas das disciplinas as seguintes palavras: terapia, terapia em linguagem oral, terapia fonoaudiológica, fonoterapia, abordagem terapêutica,

---

<sup>101</sup> Segundo Bueno (1964), a palavra terapia se origina do grego *therapeia*, significando cura, e do latim *tharapeuo*, significando curo. Na fonoaudiologia, dividimos, juntamente com outros profissionais, a idéia de que o fonoaudiólogo é um terapeuta que ajuda o paciente em seu processo de cura. Nesse sentido, a terapia de linguagem é entendida como o conjunto de procedimentos, utilizado no tratamento (como ato) de casos em que os transtornos de linguagem estejam presentes. Esclarecemos que a utilização do binômio linguagem/fala se deve ao fato de alguns dos cursos pesquisados manterem uma diferenciação entre esses dois conceitos, o que resulta em disciplinas e abordagens terapêuticas diferenciadas, conforme o termo em questão: linguagem e fala. De nossa parte, acreditamos que, embora não representem a mesma coisa, a fala não está separada da linguagem.

<sup>102</sup> As ementas das disciplinas encontram-se anexas no final do trabalho, como anexo 1.

reabilitação, técnicas de reorganização e reestruturação da linguagem oral, planejamento terapêutico, planejamento de sessões, recursos didáticos para terapia, tratamento dos distúrbios de linguagem, etc.

No Rio Grande do Sul os cursos de graduação de fonoaudiologia são em número de quatro, e serão designados por nós de: curso “A”, “B”, “C”, “D”.

As disciplinas que corresponderam ao critério estabelecido, e a referência ao respectivo curso serão expostas no quadro 1 abaixo:

<b><i>CURSOS</i></b>	<b><i>DISCIPLINAS</i></b>
<b>CURSO A</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fonoterapia da fala I</li> <li>- Fonoterapia da fala II</li> <li>- Fonoterapia da linguagem oral infantil I</li> <li>- Fonoterapia da linguagem oral infantil II</li> <li>- Fonoterapia da linguagem de adultos neurológicos I</li> <li>- Fonoterapia da linguagem de adultos neurológicos II</li> <li>- Práticas fonoterapêuticas I</li> <li>- Práticas fonoterapêuticas II</li> </ul>
<b>CURSO B</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fundamentos da linguagem oral</li> <li>- Linguagem oral II</li> <li>- Linguagem oral III</li> <li>- Linguagem no adulto</li> <li>- Educação especial na surdez</li> </ul>
<b>CURSO C</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Linguagem I</li> <li>- Linguagem II</li> <li>- Linguagem III</li> <li>- Linguagem IV</li> </ul>
<b>CURSO D</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fonologia aplicada</li> <li>- Avaliação e terapia das alterações da fala</li> <li>- Avaliação e terapia das alterações da voz e da fluência</li> <li>- Avaliação e terapia das alterações da linguagem</li> </ul>



## QUADRO 1: DISCIPLINAS SELECIONADAS/CURSOS

A partir da escolha das disciplinas que objetivam a terapia da linguagem/fala, selecionamos a bibliografia indicada para a efetivação dos respectivos programas. A bibliografia a ser analisada foi submetida aos seguintes critérios:

1-Estar publicada em língua portuguesa<sup>103</sup>.

2-Referir no título da publicação a proposta de terapia de linguagem, incluindo as alterações específicas<sup>104</sup> mencionadas na ementa, que não deixam de ser, na nossa opinião, alterações relativas à linguagem.

Partimos de um universo de 234<sup>105</sup> livros, integrantes da bibliografia indicada nas disciplinas descritas no quadro anterior. Após submeter o número total de livros aos critérios estipulados acima, chegamos a um pré-conjunto de 50 livros. Esses 50 livros foram divididos em seis grupos<sup>106</sup>:

Grupo 1 – alterações fonológicas/fala

Grupo 2 – disfluência/gagueira

Grupo 3 – linguagem

Grupo 4 – afasia

Grupo 5 – deficiência auditiva

Grupo 6 – paralisia cerebral

---

<sup>103</sup> Entendemos que as publicações em língua portuguesa tendem a ser mais pesquisadas pelos alunos que, na sua maioria, não estudam uma segunda língua.

<sup>104</sup> Para efeitos metodológicos, consideramos alterações específicas: desvios fonológicos, alterações da fala, alterações da fluência, transtornos de linguagem sem causa definida, transtornos de linguagem por alterações neurológicas, por alterações psíquicas, por deficiência mental e auditiva.

<sup>105</sup> Esse número se refere ao total de livros citados nos programas das disciplinas selecionadas, ocorrendo a repetição de publicações, tanto entre as disciplinas de um mesmo curso, como entre os quatro cursos de graduação.

<sup>106</sup> A divisão em grupos foi baseada nos diferentes tipos de alterações relativas à linguagem, citadas nas ementas das disciplinas, e que tinham indicação bibliográfica em pelo menos um dos cursos. Portanto, trata-se de uma divisão metodológica, organizada a partir do enfoque teórico dado pelos cursos, e não um posicionamento nosso em relação aos transtornos de linguagem.

Assim, estabelecendo uma relação entre o número de livros pré-selecionados, os tipos de alterações referidas nas ementas e os cursos de graduação, temos o seguinte quadro:

GRUPO	Nº de livros	Nº de livros			
	P/ grupo	CURSO A	CURSO B	CURSO C	CURSO D
alt. fonológica/fala	19	4	2	3	10
disfluência/gagueira	13	2	2	2	7
linguagem	9	3	2	2	2
afasia	5	3	2	-	-
def. auditiva	2	-	2	-	-
paralisia cerebral	2	2	-	-	-
Total de livros	50				

#### **QUADRO 2: NÚMERO DE LIVROS POR GRUPO/CURSOS**

Ressaltamos que o quadro acima mostra apenas o caráter quantitativo absoluto dos livros pré-selecionados, o que não exclui a possibilidade de determinado livro estar presente na bibliografia indicada por mais de um curso. Constatamos que, dos 50 livros pré-selecionados, 6 livros aparecem citados em dois cursos, 4 livros aparecem em três cursos e 2 livros aparecem nos quatro cursos. Concluimos então que o número real de livros é 30. Nas páginas finais do trabalho, através do anexo 2, listamos o pré-conjunto de 50 livros, distribuídos nos seus respectivos cursos.

A partir dessa primeira seleção, passamos a uma outra, na qual destacamos quatro livros de cada grupo, sendo um livro por curso. Observamos que alguns cursos não tinham bibliografia referente a todos os grupos enfocados, pelo menos

não dentro dos critérios definidos pela pesquisa. Nesse caso, o número de livros por grupo foi inferior a quatro<sup>107</sup>. Dessa forma, ao fazermos a segunda seleção, chegamos aos seguintes livros, relativos aos respectivos cursos, que serão analisados no próximo capítulo do trabalho:

- ANDRADE, C.R.F. *Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras Infantis*. Pró-fono, São Paulo, 1999.
- BARBOSA, L.M.G. & CHIARI, M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. São Paulo, Pró-fono, 1998.
- BEVILACQUA, M.C. & FORMIGONI, G. *Audiologia educacional: uma opção Terapêutica para a criança deficiente auditiva*. Carapicuíba, Pró-fono, 1997.
- FREIRE, M.R. *A linguagem como processo terapêutico*. São Paulo, Plexus, 1996.
- FRIEDMAN, S. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira. In: Passos, M.C. *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo, Plexus, 1996.
- JAKUBOVICZ, R. *A gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças*. Rio de Janeiro, Revinter, 5ª ed. 1997.
- JAKUBOVICZ, R. & MEINBERG, R. *Introdução à afasia – Elementos para Diagnóstico e Terapia*. Rio de Janeiro, Revinter, 1992.
- KESKE, M. *Aplicação de um modelo de terapia fonológica para crianças com Desvios fonológicos evolutivos: a hierarquia implicacional dos traços distintivos*. Dissertação de Mestrado – PUC-RS, Porto Alegre, 1996.
- LIMONGI, S.C.O. *Paralisia cerebral: processo terapêutico em linguagem e cognição (pontos de vista e abrangência)*. Carapicuíba, Editora Pró-fono, 2000.
- LÖWE, R.J. *Fonologia – Avaliação e intervenção: aplicações na patologia da Fala*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- MOTA, H.B. *Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos*. R.J. Revinter, 2001.
- TISSOT, A. *Reeducação do adulto afásico*. São Paulo, Roca, 2ª ed. 1998.
- VAN RIPER, C. & EMERICK, L. *Correção da linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 8ª ed. 1997.
- YAVAS, M., HERNADORENA, C. & LAMPRECHT, R. *Avaliação fonológica da Criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- ZORZI, J. *A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem infantil*. Rio de Janeiro, Revinter, 1999.
- ZORZI, J. *Aquisição da linguagem infantil: desenvolvimento, alterações e terapia*. São Paulo, Pancast, 1996.

### QUADRO 3: BIBLIOGRAFIA SELECIONADA PARA ANÁLISE

<sup>107</sup> Por exemplo: No grupo de *paralisia cerebral*, somente o curso “A” teve livros pré-selecionados, portanto, nesse grupo, elegemos somente um livro para análise.

É importante dizer que ao escolhermos um livro de cada curso, procuramos contemplar a diversidade, pois havia livros que se repetiam em relação aos cursos.

### 3.2. Dos pontos norteadores da análise.

Metodologicamente, utilizaremos *pontos norteadores* para conduzir as análises do trabalho. Através dos *pontos norteadores da análise* optamos por destacar aspectos abordados pela teoria do *dialogismo* e a presença, ausência, ou outra relação que possa existir entre esses aspectos e a clínica de linguagem na fonoaudiologia.

Assim, os *pontos norteadores da análise* são:

A) as concepções de *linguagem* que transparecem na clínica da fonoaudiologia – ao escolhermos esse *ponto norteador*, almejamos saber qual, ou quais, as concepções de linguagem difundidas nos cursos de graduação de fonoaudiologia do R.G.S. e outros aspectos relacionados a esses conceitos como: comunicação, língua, fala, sujeito, etc.

B) o papel do *outro* na clínica – através desse *ponto norteador*, pretendemos conhecer que lugar é dado ao *outro* na cena terapêutica, como é considerado e qual a sua importância na terapia fonoaudiológica.

C) o que significa a *palavra* na clínica de linguagem da fonoaudiologia – ao fazermos as análises relativas a esse *ponto norteador* objetivamos mostrar qual a concepção de *palavra* para a fonoaudiologia e como é pensada na clínica.

As análises da pesquisa serão realizadas sobre *enunciados*<sup>108</sup> retirados da bibliografia selecionada, que corresponde às disciplinas que tratam da terapia de linguagem/fala, nos cursos de graduação de fonoaudiologia do Rio Grande do Sul. É relevante dizer que as análises que desenvolveremos no próximo capítulo não têm um caráter diretamente conclusivo para as reflexões que pretendemos em nosso trabalho. Por essa razão, os *pontos norteadores de análise* desempenham a função de articuladores entre a teoria do *dialogismo* e a fonoaudiologia. Dessa forma, as análises não terão um cunho exaustivo, mas, sim, ilustrativo, de uma possibilidade de *diálogo*<sup>109</sup> da fonoaudiologia com a teoria estudada por M. Bakhtin. Essa possibilidade de *diálogo* será desenvolvida no capítulo 5 deste trabalho.

### 3.3. Das unidades de análise.

As unidades de análise do trabalho serão representadas por *enunciados* extraídos da bibliografia identificada como corpus da pesquisa. Esclarecemos que o *enunciado* será um recorte representativo, correspondendo a determinado ponto de vista do autor da publicação analisada, sendo escolhido por obedecer ao princípio de que contenha, no mínimo, um dos *pontos norteadores de análise* citados no item anterior. Por essa razão o número de enunciados extraídos por livro não é pré-estabelecido, assim como a apresentação dos enunciados não será marcada pela exaustividade.

---

<sup>108</sup> Conforme a definição no item 3.3.

<sup>109</sup> Como concebido no *dialogismo*.

Nosso entendimento de *enunciado* é de acordo com a concepção bakhtiniana do termo. Para a definição do conceito de *enunciado*, encontrado na teoria bakhtiniana, retomaremos de forma sintética o que expusemos no capítulo anterior sobre esse tema.

Para Bakhtin o *enunciado* é um fenômeno complexo, que está relacionado com o autor (enunciador) e com os outros *enunciados* no plano do objeto do sentido. O todo do *enunciado* não é uma unidade da língua, pois o *enunciado* é a unidade da comunicação verbal. Como diz Bakhtin, o *enunciado* pode ser constituído de uma única oração, de uma única palavra, de uma única unidade de fala, pois o que apreendemos dele é o sentido e não a significação. O *enunciado* é o produto da relação entre língua e situação, comportando uma relação imediata com a realidade e com o locutor vivo, ou seja, com o sujeito.

Para facilitar a referência aos enunciados, usaremos a abreviatura “EDO”, seguida de numeração arábica correspondente. (ex: enunciado 1 = EDO 1). Quando necessário, como no item 4.2, utilizaremos a abreviatura “EDO”, com o respectivo número, e a letra “G” para identificar o grupo a que pertence o enunciado analisado.(ex: EDO 1-G3 = enunciado 1 do grupo 3 – linguagem). Após a transcrição do *enunciado* faremos constar a fonte bibliográfica correspondente, para que no parágrafo posterior sejam feitas as descrições pertinentes ao referido *enunciado*.

A análise dos enunciados será realizada em dois momentos:

1º momento - item 4.1 – *apresentação e descrição*<sup>110</sup> dos enunciados – onde serão apresentados e descritos os enunciados por grupo<sup>111</sup>, sendo que dentro de cada grupo, os mesmos serão divididos por *pontos norteadores de análise*<sup>112</sup>. Assim, a descrição dos enunciados de determinado grupo será realizada após a apresentação dos mesmos, obedecendo a divisão por *pontos norteadores*.

2º momento - item 4.2 – *considerações parciais* – em que a partir da apresentação e descrição dos enunciados (item 4.1.1 a 4.1.6) passaremos às considerações parciais, onde faremos uma análise comparativa<sup>113</sup> por *pontos norteadores*. (de 4.2.1 a 4.2.3).

A análise comparativa tem o objetivo de confrontar o referencial teórico utilizado na fonoaudiologia, na terapia de linguagem/fala, com a teoria do *dialogismo* de Bakhtin. Portanto, como já esclarecemos anteriormente, as análises não têm o propósito conclusivo, mas são de grande valia para as reflexões que encaminharemos no capítulo 5.

---

<sup>110</sup> Entendemos aqui “descrição” como atividade que consiste em enumerar as partes essenciais de um todo. Contudo, mesmo que nos proponhamos à neutralidade descritiva, estamos cientes da existência de um componente interpretativo ao qual estamos submetidos.

<sup>111</sup> Como observado no item 3.1.1, os grupos são: 1) alterações fonológicas/fala; 2) disfluência/gagueira; 3) linguagem; 4) afasia; 5) deficiência auditiva; 6) paralisia cerebral.

<sup>112</sup> Conforme definido no item 3.2., os *pontos norteadores de análise* são: A) as concepções de *linguagem* na clínica da fonoaudiologia; B) o papel do *outro* na cena terapêutica; C) o que significa a *palavra* na clínica.

<sup>113</sup> O termo “comparativo” deriva de “comparação” que, para nós, corresponde ao sentido dado por Lalande (1996) qual seja, operação pela qual se “reúnem dois ou mais objetos num mesmo ato de pensamento para lhes isolar as semelhanças ou as diferenças”. (Lalande, 1996, p.171)

## 4. ANÁLISE CORPUS

### 4.1. Apresentação e descrição dos enunciados

#### 4.1.1. GRUPO 1 : ALTERAÇÕES FONOLÓGICAS/FALA

*Ponto norteador A*

EDO 1

As abordagens baseadas na **linguagem**<sup>114</sup> partem do ponto de vista de que a criança é foneticamente capaz de uma produção de som correta, mas não utiliza os sons devido a problemas na organização cognitiva do sistema de sons. Em outras palavras, **os erros da criança advêm de problemas na aprendizagem das regras.** (Lowe, 1996, p.167)

EDO 2

Uma **abordagem fonológica**, por outro lado, busca **ensinar os padrões-alvo**, utilizando-se das formas superficiais (fonemas e seqüências específicas) como exemplos, capacitando a criança a incorporar, mais tarde, novos fonemas ou seqüências de fonemas nestes padrões, através da generalização. (Mota, 2001, p.41)

---

<sup>114</sup> Na apresentação dos enunciados, utilizaremos estilo de fonte “negrito” para destacar as palavras relacionadas aos aspectos que discutiremos subsequenteemente, aspectos referentes aos *pontos norteadores de análise*.



### EDO 3

A contribuição maior da lingüística (especialmente da fonologia) no contexto clínico é a introdução de um modelo conceitual: a **fala** não é só um resultado dos movimentos dos órgãos articulatórios, mas é também controlada pela **organização central (cortical) da linguagem**. O objetivo do **tratamento fonológico** é influir na **reorganização cognitiva**, ao invés de restringir-se ao nível articulatório, ou seja, a terapia fonológica está na mente. (Yavas, Hernandorena & Lamprecht, 1991, p. 118)

### EDO 4

Diversos autores fazem referência ao conceito de **desvios fonológicos**, ou seja, **desvios de fala** com comprometimento a nível cognitivo. Há dificuldade em estabelecer os **sons da língua**, em que se pode dizer que a criança organiza o **sistema de sua língua** de uma maneira diferenciada do sistema padrão do adulto. Conforme Ingram (1976), o desvio puramente fonológico é constatado quando a fala da criança requer terapia e não há bases orgânicas conhecidas para as suas dificuldades, mas há, na verdade, um problema no nível da **organização do sistema** (Keske, 1996, p.20)

### EDO 5

O treinamento da consciência tenta concentrar a atenção da criança na **estrutura subjacente da língua**, especialmente em sons da fala, sílabas e palavras. (Lowe, 1996, p.172)

Ao descrevermos os enunciados referentes ao *ponto norteador* “A” do grupo 1 observamos que a linguagem é decorrente de uma organização cognitiva do indivíduo. O autor de EDO 1 diz que essa organização cognitiva interfere no sistema de sons e em suas regras. Assim também é observado em EDO 2, em que a autora defende a abordagem fonológica como modelo de terapia. O objetivo dessa abordagem é o ensinamento de padrões-alvo, através da conscientização, combinação e produção de fonemas e seqüências específicas.

A opinião de que o tratamento fonológico tem o objetivo de influir na reorganização cognitiva também está presente no EDO 3. Nesse enunciado, a **fala** é controlada pela organização cortical da linguagem, ou seja, é concretizada graças ao substrato neurológico do sujeito.

Assim como em EDO 3, observamos em EDO 4 a abordagem terapêutica de cunho fonológico. Nessa abordagem o desvio fonológico é um desvio de fala, sendo a língua enfocada sob a forma de um sistema – sistema de sons.

EDO 5 mostra uma visão terapêutica voltada para o **treinamento** da estrutura subjacente da **língua**, considerando como estrutura subjacente os sons da fala, as sílabas e as palavras.

*Ponto norteador B*

EDO 6

Por isso é que foi incluído neste programa Terapêutico o **chamado “bombardeio auditivo”**, que consiste em a criança ouvir várias palavras contendo o som-alvo ou seqüência de sons-alvo com uma pequena amplificação. Esta **estimulação auditiva** não se limita à fase inicial do tratamento, mas acontece durante toda a terapia, no início e no final de cada sessão. O terapeuta lê uma lista de palavras contendo o alvo daquela sessão e **a criança ouve sem repeti-las**. Devem ser palavras que a criança compreenda e devem ser lidas de maneira clara, mas não exagerada. (Mota, 2001, p.42)

EDO 7

A ênfase principal de cada sessão é fazer com que a criança enuncie o maior número possível de produções corretas do som estimulado em 5 a 10 palavras-estímulo, selecionadas cuidadosamente. (Mota, 2001, p. 48)

EDO 8

Após a seleção dos **processos a serem tratados**, o terapeuta terá que decidir quais os sons afetados pelos processos terão que ser tratados. (Lowe, 1996, p. 161)

EDO 9

Para o tratamento da linguagem integral, a ênfase da criança estava na **comunicação com um boneco (ouvinte)**. Com o auxílio de estímulos em forma de figuras, o terapeuta contava uma história à criança. A criança era, então,

instruída a contar a história ao boneco. (Lowe, 1996, p.184)

Na leitura dos enunciados correspondentes ao *ponto norteador* “B” do grupo 2, destaca-se que o outro/paciente fica em posição de passividade. Essa posição passiva é evidenciada em EDO 6, onde o paciente é submetido a um **bombardeio auditivo**, limitando-se a somente escutar as palavras proferidas pelo terapeuta. De maneira similar, em EDO 7 o outro/paciente tem uma atitude passiva. Porém, nessa parte do programa terapêutico a criança tem que falar<sup>115</sup>, ao invés de somente escutar, as palavras que contêm o som anteriormente estimulado auditivamente.

Em EDO 8, o enfoque terapêutico visa o **tratamento dos sons** da fala, portanto, não considera o outro/paciente.

Ainda sobre a relação terapeuta-paciente, em EDO 9 temos a entrada de um terceiro nessa relação. Todavia, esse terceiro não é um sujeito real. Esse terceiro é representado por um boneco, com o qual a criança deve falar. Trata-se, portanto, como em EDO 6 e EDO 7 de uma posição passiva do outro/criança, visto que o ouvinte que ela irá se dirigir é virtual, e, como ela, passivo.

---

<sup>115</sup> Explicaremos no item 4.2.2 porque, embora nessa parte do programa terapêutico a criança se manifeste através da fala, consideramos que sua atitude é considerada como passiva.

*Ponto norteador C*

EDO 10

O estágio final da Fase II, isto é, o **nível da sentença**, fornece a oportunidade para o contraste-alvo ser mantido no contexto da sentença. Para isso, os pares mínimos (os mesmos utilizados no nível anterior) são colocados em uma sentença, por exemplo: “*Hoje o dia está.....*” (completar com “*quente*” ou “*pente*”). ( Mota, 2001, p. 98)

EDO 11

No nível da **palavra**, a ênfase poderia ser dada à maneira como os sons causam diferenças entre as palavras. (Lowe, 1996, p. 172)

Sobre o que representa a palavra na clínica de linguagem da fonoaudiologia, EDO 10 destaca a palavra como complemento de sentença. O que esse enunciado evidencia é uma abordagem da linguagem de forma segmentada, ou seja, parte do pressuposto que a linguagem se divide em sentenças, palavras, sílabas e fonemas.

EDO 11 também destaca um modelo de terapia voltado para a segmentação da linguagem. No referido enunciado, o trabalho no nível da palavra enfoca os diferentes sons produzidos através da fala e a implicação desses sons na diferenciação das palavras.

#### 4.1.2. GRUPO 2 : DISFLUÊNCIA/GAGUEIRA:

*Ponto norteador A*

EDO 1

Segundo Mateer (1993), a gagueira “parece estar intimamente ligada à **linguagem** e às habilidades lingüísticas”. Para Yari (1993), a idade em que se pode perceber a gagueira, “parece próxima de importantes eventos relacionados com o **desenvolvimento da fala e da linguagem**”, o que deveria encorajar pesquisas sobre a relação entre esse distúrbio e os processo de **maturação fisiológicos e neuroanatômicos** que fundamentam tais desvios. (...) Conforme relato de recentes pesquisas (Moore, Craven, Faber, 1982), apesar de se aceitar o fato de a gagueira estar relacionada com problemas no controle motor da fala, novos estudos de **imagem cerebral** sugerem, além disso, que ela pode ter sua origem nos **múltiplos centros cerebrais de linguagem**. (Barbosa, 1998, p.24)

EDO 2

Para Borel Maisony a gagueira é uma desordem da **expressão verbal**, onde o ritmo da **fala** está perturbado sem que haja uma anormalidade nos órgãos fonadores.(...) Para Robert West a gagueira é uma desordem na qual a **articulação da fala** é espasmódica e interrompida (Jakubovicz, 1997, p.18)

EDO 3

Porém, adoto uma posição terapêutica diferente, porque a compreensão do movimento subjetivo que sustenta a manifestação da gagueira sofrimento mostra

que é possível ir além desse ponto, devolvendo o **sujeito** à sua condição natural de falante, pela transformação dos conteúdos da **subjetividade ligados à atividade de falar**. ( Friedman, 1996, P. 98)

EDO 1 refere a etiologia da gagueira como associada à linguagem e à fala. Nesse caso, a relação estabelecida entre a gagueira, a linguagem e a fala diz respeito a aspectos fisiológicos e de funcionamento cerebral do indivíduo. Portanto, no enunciado citado, a linguagem e a fala são compreendidos do ponto de vista orgânico.

Em EDO 2 vemos que a gagueira é concebida como uma desordem da fala. Nesse enfoque, a fala é vista sob o aspecto articulatório e rítmico.

A relação entre a gagueira e a fala é compreendida sob um outro prisma em EDO 3. Para a autora do enunciado a fala tem um caráter subjetivo, que interfere diretamente na manifestação da gagueira do sujeito falante. Sendo assim, trata-se de uma posição terapêutica em que a fala é atividade ligada à subjetividade do sujeito.

*Ponto norteador B*

EDO 4

As seguintes atividades são propostas para o período de estabilização: **treinar a fala** fluente fazendo eco. O terapeuta diz uma frase e o paciente a **repete** em seguida. Isso ajuda a ter uma boa prosódia, a falar normalmente e a sentir como é a **fluência** (Jakubovicz, 1997, p.174)

EDO 5

Na escuta ou análise dos discursos dos sujeitos, além dos conteúdos acima elencados, encontrei também conteúdos que expressavam o **social**. Nesses, estavam representados “**outros**” (especialmente pessoas da família) que consideravam os sujeitos como gogos desde que eles se entendem por gente; “**outros**” (em geral) diante dos quais os sujeitos acreditavam não poder gaguejar e, ainda, **outros** diante dos quais previam a gagueira com maior ou menor intensidade, entrando no padrão de movimento da consciência descrito. (Friedman, 1996, p. 85)

EDO 6

O conhecimento norteador da abordagem terapêutica não está centrado numa visão descontextualizada da produção da gagueira em si mas centrado na apreensão da **subjetividade do paciente** designado e dos que são significativos, em reciprocidade com as relações de comunicação que vivencia e com o padrão de fala que apresenta. (Friedman, 1996, p. 97)



No que se refere ao outro na relação terapeuta-paciente, podemos perceber que, em EDO 4 o outro ocupa o lugar de repetidor. Esse lugar é concedido ao outro/paciente a partir de uma abordagem terapêutica que visa o treinamento da fala, pois, nessa abordagem, a gagueira é entendida como uma desordem do aspecto funcional (articulatório e rítmico) da fala.

Em EDO 5 constatamos que não somente o outro/paciente é considerado na abordagem terapêutica. O “outro” para a autora é compreendido como todos os sujeitos, reais e imaginários, que representam o social em que o sujeito que tem disfluência está inserido.

EDO 6 mostra uma abordagem terapêutica que releva a subjetividade do outro/paciente, assim como sugere um vínculo entre o sujeito/paciente, suas relações de comunicação e sua fala.

### 4.1.3. GRUPO 3 : LINGUAGEM

#### *Ponto norteador A*

##### EDO 1

Foi assim que, assumi como fonoaudióloga o papel estruturador da linguagem de M.S., tomando como ponto de partida a **visão social de linguagem** enquanto atividade que constitui o Outro e o mundo através dos **processos dialógicos** de especularidade, complementaridade e reciprocidade. Foi privilegiando a natureza intervalar da linguagem e a mobilidade entre papéis que pude entender as várias posições discursivas que o fonoaudiólogo deve assumir para que possa desenvolver **interações eficazes** do ponto de vista da linguagem. (Freire, 1996, p.83)

##### EDO 2

Por **condição interacional** entende-se o levantamento e a análise das atitudes comunicativas da criança. Que formas gestuais, vocais e ou orais são (ou não) utilizadas na **interação** com o(s) outro(s)? Se a criança interage através de contatos oculares, acompanhados ou não de gestos corporais e vocalizações, sua forma de interagir é o ponto de partida que permite representá-la como falante virtual. (Freire, 1996, p.87)

##### EDO 3

O ato de **comunicação** é um processo, não uma entidade. Em sua forma mais simples, ela consiste na *transferência de uma mensagem (M) de um emissor*

(E) *para um receptor* (R). (Van Riper, 1997, p.66)

#### EDO 4

Alguns pacientes, aqueles com disartria severa, ou afasia, ou com retardo mental profundo ou os surdos podem não ser capazes de usar a **linguagem** de nenhuma maneira convencional. Nesses casos, o clínico da fala procura criar um sistema através do qual o indivíduo possa **receber e transmitir mensagens** apontando para figuras ou símbolos, utilizando mímica ou gestos com as mãos ou um dispositivo eletrônico que gere sinais audíveis. (Van Riper, 1997, p.67)

#### EDO 5

A **construção do conhecimento**, considerando-se aí também a **aquisição da linguagem**, resulta de um processo de **interação do sujeito com o meio social e físico**, com o mundo das pessoas e das coisas (Zorzi, 1996, p.90)

#### EDO 6

Acredito que a **linguagem** deva ser concebida no contexto **da interação social**, não simplesmente como meio de transmissão de informações, mas como projeção das próprias pessoas, veículo de trocas, de relações, como meio de representação e comunicação (Zorzi, 1996, p.27)

#### EDO 7

Um intercâmbio estruturado entre o clínico e a criança ajuda a salientar os **problemas gramaticais** que a criança está encontrando. O clínico precisa reformular, remodelar, corrigir ou expandir os enunciados da criança em uma tentativa de fazer com que ela produza uma **linguagem mais madura**. Embora os

pais possam produzir as **correções** em expansões somente de modo ocasional, o clínico deve fazê-lo constantemente. (Van Riper, 1997, p.149)

#### EDO 8

Portanto, definimos **fala** como a **manifestação audível da linguagem**. Através de um processo complexo e ainda bastante misterioso chamado **codificação**, um falante converte a idéia que está em sua mente em uma cadeia de sons; ao mover seus lábios, língua e mandíbula com gestos rápidos e precisos, ele transmite informações em segmentos audíveis ordenadamente. (Van Riper, 1997, p.68)

#### EDO 9

Distúrbios da **fala**. Correspondem às alterações que afetam os padrões de pronúncia ou de produção dos sons da língua. Estes distúrbios estão ligados, principalmente, às fases de programação e/ou **execução neuromotora**. (Zorzi, 1999, p. 112)

Em EDO 1 a autora declara que o seu enfoque terapêutico parte de uma **visão social de linguagem**. Segundo ela, é sob essa visão social que o “outro” terá sua linguagem estruturada. Essa proposta terapêutica é designada pela autora de sócio-construtivista, estando assentada sob uma concepção de linguagem enquanto atividade e objeto, e que *constitui o fonoaudiólogo como aquele cuja prática se apóia em uma visão de que sua própria linguagem vai ser estruturante da linguagem do Outro – o sujeito da terapia fonoaudiológica* (Freire, 1996, p.13).

Seguindo esse enfoque, a estruturação da linguagem do outro (paciente) é realizada através de **processos dialógicos**<sup>116</sup>.

Numa outra perspectiva, existe a concepção que associa linguagem à comunicação, onde ambas desempenham a função de transmissoras de mensagens. Percebemos o conceito de linguagem e comunicação como um processo de transferência e recepção de mensagens em EDO 3 e EDO 4.

De forma diferente, em EDO 5 notamos que a linguagem está relacionada à construção do conhecimento, sendo que essa construção se dá através da interação da criança com o meio, social e físico. O autor do enunciado sustenta suas afirmações a partir dos estudos epistemológicos de Piaget, destacando as relações entre o desenvolvimento cognitivo e os distúrbios de aquisição de linguagem.

Gostaríamos de destacar nesse momento a concepção de linguagem que entendemos estar implícita em EDO 7. Observamos nesse enunciado que a linguagem encontra-se associada a um conceito de língua. Conforme EDO 7, as dificuldades que a criança encontra na linguagem são vistas como **problemas gramaticais**, ficando ao encargo do “clínico” a tarefa de “reformular” e “corrigir” esses problemas. Para nós, o referido enunciado manifesta uma concepção de língua

---

<sup>116</sup> Segundo a autora do livro : De Lemos (1986) atribui aos turnos de cada participante o estatuto de processos constitutivos do diálogo enquanto matriz de significação. São eles: o processo de especularidade através do qual a mãe oferece sua atividade como espelho para a própria criança e para si própria como intérprete e interlocutora; o processo de complementaridade interturnos, em que a resposta da criança preenche um lugar “semântico”, “sintático” e “pragmático” instaurado pelo enunciado imediatamente precedente do adulto; o processo de complementaridade intraturnos, em que o enunciado da criança resulta da incorporação de parte do enunciado do adulto imediatamente precedente e de sua combinação com um vocábulo complementar; e o processo de reciprocidade que responde pela própria instanciação do diálogo, papel que a criança assume, colocando a mãe na posição que antes lhe era exclusiva: a de produzir algo interpretável como resposta segundo uma perspectiva instaurada pelo outro (Freire, 1996, p.155). Destacamos esse ponto para dizer que o “processo dialógico” utilizado pela autora não é o mesmo de que fala Bakhtin.

como um sistema formas normativas. Nessa visão a linguagem pode ser ensinada, restando ao indivíduo estar “certo” ou “errado” na assimilação do sistema.

Para ilustrar a relação entre fala e linguagem nos reportaremos ao EDO 8. Em EDO 8, a fala é definida como a manifestação audível da linguagem, que se efetiva através de movimentos fonoarticulatórios, que concorrem para a transmissão de informações. Ou seja, a fala é concebida a partir de um enfoque mecanicista (movimento e articulação das estruturas do sistema estomatognático) e físico (produção e percepção do som).

Em EDO 9, a fala corresponde à pronúncia ou à produção dos sons da língua, o que está relacionado, segundo o autor, a aspectos neurológicos responsáveis pela execução motora dessa produção

Com relação à **interação**, destacamos EDO 2 e EDO 6. Em EDO 2 a **condição interacional** visa a análise das atitudes comunicativas da criança. Sob esse ponto de vista a **interação** está relacionada às trocas realizadas entre o fonoaudiólogo e a criança (paciente) no processo terapêutico. Essas interações/trocas podem ser através da fala, ou por outros meios de comunicação, como gestos, etc. Constatamos também a presença da expressão **interações eficazes** em EDO 1, designação utilizada pela autora para se referir as interações que irão conduzir ao processo de reestruturação da linguagem da criança.

EDO 6, refere que a linguagem não deve ser entendida como meio de transmissão de informações, mas concebida no contexto de **interação social**, como veículo de trocas e relações. A noção de **interação** transmitida pelo autor é caracterizada pelas trocas que a criança mantém com o meio social.

*Ponto norteador B*

EDO 10

O **par interacional** formado por fonoaudiólogo e criança com retardo, neste caso, caracteriza-se por um **interlocutor aprendiz**, cujo sistema comunicativo lingüístico é constituído por gestos e vocalizações e por um interlocutor mais hábil. (Freire, 1996, p. 92)

EDO 11

Não estamos muito certos de que a **linguagem** possa ser *ensinada* – pelo mesmo sentido de tabelas matemáticas, química orgânica e estudos sociais – mas estamos convencidos de que uma criança pode **aprendê-la**. (Van Riper, 1997, p.142)

EDO 12

Se a criança não possui nenhuma linguagem verbal, o clínico que utiliza a abordagem operante elabora programas para estabelecer comportamentos **imitativos**. (...) Caso não obtenha sucesso, o clínico pode incluir uma etapa adicional menor de **reforço** da criança quando ela imita, sacudindo a cabeça ou batendo palmas. Caso o clínico tenha êxito, ele retorna ao reforço de abrir a boca da criança com suas mãos como **resposta a sua estimulação**. (Van Riper, 1997, p.150)

EDO 13

Do ponto de vista da análise aqui feita, a criança tem um **papel ativo** na

**construção de seu conhecimento**, de sua linguagem. (...) A postura coerente com esta proposta opõe-se à visão do terapeuta como aquele que deve ensinar coisas que, de acordo com sua avaliação, as crianças têm de aprender. (...) Desse modo, o terapeuta não precisa assumir a posição daquele que corrige, que ensina o certo, podendo ficar livre para buscar a troca com a criança, para procurar aprender com ela, ao mesmo tempo que busca **facilitar e organizar a sua ação** sobre o meio (Zorzi, 1996, p.102)

Ao lermos os enunciados correspondentes ao *ponto norteador* “B”, do grupo 3, percebemos que em EDO 10 a criança com problemas na linguagem é considerada um **interlocutor aprendiz**, que, juntamente com o fonoaudiólogo, participa do **par interacional**. Em nossa opinião, mesmo a autora mencionando que a cena terapêutica é constituída por um **par interacional**, o fato de a criança ser designada de **interlocutor aprendiz** deixa transparecer que o **outro**/criança está na posição de aprender a linguagem. Esse aprendizado será conduzido por um **interlocutor mais hábil**, o fonoaudiólogo.

Da mesma forma, em EDO 11 mostra que a linguagem pode ser ensinada, estando o outro na posição de aprendiz.

EDO 12 mostra uma concepção de “outro passivo” na relação terapeuta-paciente. Esse outro, representado pela criança sem “nenhuma linguagem verbal”, está a mercê dos estímulos do “clínico”, que é responsável, inclusive, por estimular fisicamente a criança. Nesse caso, a terapia de linguagem segue uma visão comportamentalista, em que a imitação e o reforço ganham relevo.



Diferente da posição anterior, EDO 13 reflete a idéia de que o outro, o “paciente”, é ativo no processo terapêutico de linguagem. Inclusive, o autor defende uma troca de posições entre terapeuta e o “paciente”, sugerindo que o terapeuta se coloque na posição de aprendiz. Nesse sentido, o terapeuta desempenha a função de facilitador, auxiliando a criança na construção do conhecimento, ou seja, como diz o autor, de sua linguagem.

*Ponto norteador C*

EDO 14

(...) a **linguagem** diz respeito aos elementos lingüísticos, **os signos**, que são significantes coletivos, cujos significados correspondem a conhecimentos construídos socialmente (Zorzi, 1996, p.26)

EDO 15

Por outro lado, a **comunicação verbal** implica um **sistema de símbolos**, que são as **palavras**. Quando falamos em comunicação verbal, falamos em linguagem, que pode ser oral ou escrita. A linguagem é a forma mais evoluída de comunicação, dependendo da construção de uma **capacidade simbólica** para poder se constituir. A criança precisa descobrir que as palavras dizem respeito a ações, pessoas e objetos e que se organizam de formas determinadas para poder representá-los (Zorzi, 1996, p.56)

Na descrição dos enunciados que explicitam o *ponto norteador* “C”, do grupo 3 – o que significa a palavra – destacamos EDO 14 e EDO 15.

O autor de EDO 14 diz que a linguagem corresponde aos signos, que são significantes coletivos. Para ele, os signos, ou significantes, são constituídos de significados, que estão relacionados a conhecimentos construídos socialmente. Esse enunciado traz implícito uma referência à palavra enquanto signo. O autor afirma que o signo, ou a palavra, é um significante coletivo. Cabe aqui destacar que o entendimento de signo referido acima difere do conceito desenvolvido por Ferdinand Saussure<sup>117</sup>, um dos principais teóricos no campo da lingüística. Ainda com relação à **palavra**, observamos que em EDO 15 o autor relaciona a **palavra** a um sistema de símbolos, que representam ações, pessoas e objetos.

---

<sup>117</sup> Para Saussure, o signo é uma entidade psíquica de duas faces: o “conceito” e a “imagem acústica”. No entanto havia no uso corrente uma questão terminológica, visto que a palavra “signo” era utilizada somente para “imagem acústica”. Para resolver esse problema, os editores do *Curso de lingüística geral* (1997), Charles Bally e Albert Secheaye, propõem a conservação do termo “signo” para designar o total, e substituem “conceito” e “imagem acústica” por *significado* e *significante* respectivamente.

#### 4.1.4. GRUPO 4 : AFASIA

##### *Ponto norteador A*

##### EDO 1

Sabemos que a **linguagem é determinada por três funções**: apetiva, ordenadora e realizadora. Portanto, para se conseguir a produção da linguagem, precisamos estimular essas funções de forma hierárquica. Não adiante estimularmos a função realizadora (movimentos articulatórios, ritmo, respiração, entonação, etc.) sem antes havermos estimulado a função apetiva (vontade de falar, de emitir sons) e a ordenadora (processo de tradução do pensamento no código lingüístico apropriado, respeitando a sintaxe e a semântica). O importante é **restabelecer no cérebro** a capacidade de **transformar o pensamento em código lingüístico**. (Jakubovicz & Meinberg, 1992, p.156)

##### EDO 2

Os primeiros **exercícios de linguagem** referem-se ao uso de *fórmulas automáticas* da vida cotidiana (obrigado, até logo, boa-noite, etc.), trabalhadas com o apoio de uma lista mimeografada. (Tissot, 1998, p.16)

##### EDO 3

Exercício usando saudações e conversação. – Desenvolver saudações e frases de conversação. Exemplo: - Como vai você? – Dormiu bem? – Inverter o **diálogo** e pedir ao paciente para perguntar agora como vai o terapeuta e se ele dormiu bem, etc. (Jakubovicz & Meinberg, 1992, p.192)

#### EDO 4

Na nossa prática, fazemos primeiro o paciente “**falar**”, isto é, dizer palavras, ainda que incompletas ou distorcidas. (Jakubovicz & Meinberg, 1992, p.155)

#### EDO 5

A palavra “chaminé” sendo mal repetida, dá lugar a parafrásias. Procede-se assim, escrevendo no caderno: - você toma chá / - dó – ré – mi / - ela é bonita, né? E agora repete-se as três: “cha-mi-né” e escreve-se a palavra inteira “chaminé”. Parece que os sons, assim situados num **contexto** significante, emergem mais facilmente da confusão sonora em que os afásicos parecem se debater, procurando pontos de referência que devemos tentar fornecer para eles. (Tissot, 1998, p. 55)

Sobre a concepção de linguagem descrita nos enunciados do grupo 4, encontramos em EDO 1 que a linguagem é determinada por três funções: **apetiva**, **ordenadora** e **realizadora**. Entre essas funções destacamos a **ordenadora**, pois estabelece uma relação entre linguagem e pensamento. A abordagem terapêutica nos casos de afasia, proposta no enunciado citado, comporta a idéia de que a linguagem tem a função de transformar o pensamento em código lingüístico, sendo essa transformação realizada no cérebro.

Em EDO 2 é transmitida a idéia de que a linguagem é ensinada, visto que trata de exercícios para linguagem, utilizando, inclusive, com listas pré-programadas de expressões utilizadas em situação de fala cotidiana.

Destacamos a utilização do **diálogo** em EDO 3. Nesse enunciado, retirado do capítulo *métodos terapêuticos segundo a classificação das afasias*, o diálogo representa a utilização de frases em conversa entre terapeuta e paciente. Notemos que o diálogo é restrito a formulação de perguntas e respostas, com o terapeuta solicitando ao paciente que reproduza as mesmas perguntas que o primeiro formulou.

Com relação à fala, EDO 4 demonstra a opinião de que falar é dizer palavras. Seguindo os aspectos envolvidos na fala, aparece em EDO 5 uma referência à importância do contexto. Entretanto, o contexto a que se refere a autora é a divisão do enunciado, produzido pelo paciente, em cadeias de fragmentos sonoros e sua associação a outras cadeias, com o mesmo número de fragmentos. Com esse exercício a autora argumenta estar trabalhando os sons em um contexto significativa.

*Ponto norteador B*

EDO 6

Técnica de **executar ordens**. O terapeuta dá as ordens lentamente e pede ao paciente para executá-las. Sugestões: Levante a mão. Levante da cadeira. Acene com as mãos. Sente-se na cadeira. Mostre a janela. Pegue o lápis. Abra a porta. Mostre o livro, etc. (Jakubovicz & Meinberg, 1992, p.198)

## EDO 7

O paciente, tendo diante de si um dos quadros de oposição fonológica citados anteriormente, será treinado a designar uma sucessão de dois ou vários fonemas, respeitando sua ordem de aparição. Diante do quadro de consoantes oclusivas surdas e sonoras: p/b, t/d, q/gu, ele deve chegar a **apontar** p/q quando enunciarmos “porque”, q/p para “copo”, b/g para “bagagem”, g/b para “gabar”, p/b para “púbere”, d/p para “depois”, p/q para “pacoba”. (Tissot, 1998, p. 57)

## EDO 8

Sendo as imagens ou os objetos associados aos pares, pedimos ao paciente que faça a **designação** dos termos contíguos: “mostre-me o parafuso e a chave de fenda, a linha e a agulha, o passarinho e a gaiola”. (Tissot, 1998, p. 62)

Em EDO 6 está descrito um procedimento terapêutico que é utilizado para avaliar a “compreensão” do paciente. Como pano de fundo dessa técnica está a divisão da linguagem em dois segmentos: compreensão e expressão.

O treinamento sugerido em EDO 7 foi retirado do capítulo *reeducação das afasias com comprometimento fonêmico predominante*. No enunciado é descrita a atividade de designação de fonemas para o paciente com afasia. A relação estabelecida entre terapeuta e paciente mostra o outro/paciente sendo treinado para apontar os fonemas que compõem as palavras ditas pelo terapeuta, ou seja, ele está em uma posição passiva na relação. Da mesma forma, em EDO 8 percebemos o lugar passivo designado ao paciente, visto que o mesmo é orientado para indicar os termos contíguos das imagens ou objetos a ele apresentados.

### *Ponto norteador C*

#### EDO 9

Instruções: “são palavras inventadas” – “você vai escutá-las e deve repeti-las” – “você vai escutá-las, repeti-las e escreve-las” – “você vai lê-las” / poubeu, gounam, ninlun, tolbissu, aponitr, neuronli, ézantaldi, feviker, otrudiré, munignamézo, pudounurital. (Tissot, 1998, p.103)

#### EDO 10

*Sendo dada uma palavra, explique seu **sentido***: Exemplo: o que quer dizer bêbado? – *que bebeu demais / o que é uma escola? é o lugar onde as crianças aprendem.* (Tissot, 1998, p. 90)

#### EDO 11

Exercício para a organização do pensamento. A cópia das **orações** ajuda muito

nesse tipo de exercício. Podemos também ditar as orações como elas são e depois mudar a ordem das palavras ou acrescentar novos elementos. Outra abordagem seria elaborar cartões com palavras e pedir ao paciente que **construa orações**. Exemplo: eu como feijão / eu como feijão com arroz / eu não como feijão (Jakubovicz & Meinberg, 1992, p.195)

Sobre a significação da *palavra* na clínica fonoaudiológica, destacamos EDO 9, onde o enfoque da sessão terapêutica é a palavra. No enunciado 9 o paciente deve escutar, falar e escrever “palavras inventadas” pelo terapeuta, ou seja, a palavra, como instrumento de estruturação da linguagem do sujeito acometido de afasia, é representada por um conjunto de sons sem sentido.

Em EDO 10 é descrito um exercício de “sentido” da palavra. Veremos mais adiante, no item 4.2.3, que, embora a autora do enunciado proponha a explicação do “sentido” da palavra, o que está em questão é a significação.

Ao propor exercícios para a organização do pensamento, a autora de EDO 11 considera que a linguagem é organizada por orações. Nessa perspectiva, as palavras são agrupadas para formar orações. Trata-se, portanto, de um método terapêutico que visa o exercício da linguagem através da construção de orações.



#### 4.1.5. GRUPO 5 : SURDEZ

##### *Ponto norteador A*

##### EDO 1

**Comunique-se** através de um **contexto** significativo : a melhor ,maneira de a criança **adquirir linguagem** é a de ouvi-la num contexto. No contexto situacional, fala-se de coisas que estão ocorrendo no momento. É uma pista significativa para a criança **compreender a linguagem**. Todas as habilidades de **fala** e de **linguagem** são adquiridas no contexto do discurso cotidiano. A comunicação ocorre o dia inteiro, todos os dias. Assim a generalização das habilidades dar-se-á naturalmente. (Bevilacqua & Formigoni, 1997, p. 41)

##### EDO 2

Mantenha um **diálogo**: não se pode esquecer de que a comunicação envolve o **falante e o ouvinte**. Assim sendo, evite verbalizar o tempo todo. Boothroyd (1982) sugere que se procure criar uma situação de diálogo, permitindo que a criança tenha sempre sua vez na troca de comunicação. Lembre-se de que silêncio também é comunicação. Respeite a troca de turnos. Não fale da criança e sim com ela. **Faça perguntas, dê instruções. Faça comentários**. Dê-lhe um tempo para que possa processar a mensagem e responda-la. Crie pausas com expectativas para encorajar sua resposta. Deixe-a ser responsável pela comunicação. (Bevilacqua & Formigoni, 1997, p. 41)

EDO 1 foi retirado do capítulo designado de *estratégias terapêuticas*, onde encontram-se as *estratégias de comunicação*. Entre as estratégias está a comunicação através de um contexto. As autoras do enunciado sustentam que a aquisição da linguagem é facilitada pelo contexto situacional em que as coisas são faladas para a criança.

Outra estratégia proposta pelas autoras é a de manter o diálogo com a criança. O diálogo, referido em EDO 2, é visto como uma troca que ocorre na comunicação, onde participam falante e ouvinte. Entretanto, as trocas ilustradas no enunciado são de perguntas, por parte do terapeuta, e de respostas, por parte da criança.

#### 4.1.6. GRUPO 6 : PARALISIA CEREBRAL

##### *Ponto norteador A*

##### EDO 1

Segundo essa concepção, a **linguagem tem um papel constitutivo** e não meramente expressivo: “é força fundante, é condição para a significação e para o nascimento do sujeito” (Lier-De Vitto, 1994, p.136). é em sua interação com a **linguagem em funcionamento** no adulto que a criança é inserida na ordem da linguagem, não havendo conhecimento anterior ou fora dela. É neste sentido que se pode falar em uma certa autonomia do lingüístico em relação a outros domínios (seja cognitivo, seja orgânico). (Frazão, 2000, p. 26).

## EDO 2

Vale lembrar que o organismo é condição necessária, mas não suficiente, para que haja desenvolvimento lingüístico. A relação entre a linguagem e o aspecto orgânico é de implicação e não de submissão da primeira, em relação a este último. Assim, a paralisia cerebral (principalmente quando severa) pode tornar a criança incapaz de adquirir uma inteligibilidade articulatória efetiva, mas **o que é da natureza da linguagem não se reduz ao organismo**. (Frazão, 2000, p. 28).

## EDO 3

Como conclusão, considero importante salientar que a noção de **língua** constituída, enquanto **sistema em funcionamento** no adulto, na qual a criança é inserida, via interpretação do outro, traz uma nova dimensão para a terapia fonoaudiológica e, acredito que, mesmo no caso de crianças tão pequenas, o atendimento não deva restringir-se às estimulações do sistema sensório-motor oral. Ser falado pelo outro garante à criança uma condição muito diferente daquela cristalizada pelo treino das funções neurovegetativas ou articulação dos fonemas, abrindo uma possibilidade para a figuração da sua subjetividade. (Frazão, 2000, p.33)

Ao abordar a linguagem na terapia fonoaudiológica com bebês portadores de paralisia cerebral, a autora de EDO 1 concede à linguagem um papel constitutivo, divergindo de uma concepção em que a linguagem está a serviço da expressão. EDO 1 mostra uma visão de linguagem do ponto de vista do seu funcionamento, não reduzindo sua natureza a aspectos orgânicos, como mostra também EDO 2.

Complementando EDO 1 e EDO 2, a noção de língua descrita em EDO 3 é de sistema em funcionamento, em que a criança é inserida pela interação com o outro/adulto. Assim, EDO 1, 2 e 3 convergem para um entendimento de linguagem enquanto funcionamento, sendo o outro condição necessária para a inserção da criança na linguagem. Nesse sentido, a terapia de linguagem proposta não descarta a subjetividade do paciente.

*Ponto norteador B*

EDO 4

Na minha hipótese de trabalho, mesmo tratando-se de um bebê lesionado, e que, portanto, ainda não fala, acredito que é pela **fala do outro** que se pode esperar sua **inserção na linguagem** de um modo que transcenda seu destino marcado pela patologia. Por ela – a fala do outro – o destino da criança não fica reduzido às suas dimensões orgânicas. Existindo para um outro, na linguagem do outro, interpretado por um outro, a criança tem a possibilidade de emergir como **sujeito**.  
(Frazão, 2000, p. 30)

Em EDO 4 o outro/paciente é inserido na linguagem através do outro/terapeuta. Para a autora, o outro/paciente torna-se sujeito através da fala do outro/terapeuta.

## 4.2. Considerações parciais

Após realizarmos a descrição dos enunciados selecionados nos seis grupos, conforme os tipos de alterações relativas à linguagem, e respeitando a divisão por *pontos norteadores da análise*, encaminharemos as considerações parciais deste capítulo. Tornamos a dizer que as considerações parciais representam uma análise comparativa entre o referencial teórico que embasa os enunciados selecionados e o *dialogismo* proposto por Bakhtin.

### 4.2.1. Ponto norteador A

Com o material encontrado sobre as concepções de linguagem no corpus do trabalho, bem como outras questões que derivam dessa investigação, faremos as análises do *ponto norteador* “A”.

Em alguns enunciados, percebemos que a linguagem, quando citada, está associada a processos fisiológicos e anatômicos de origem cerebral. Essa associação pode ser vista em EDO 1-G2 e EDO 1-G4, inclusive, referindo que, nos casos de afasia (EDO 1-G4), é através de mudanças no cérebro que a capacidade de transformar o pensamento em código lingüístico será restabelecida. EDO 1-G4 também enfatiza que uma das funções da linguagem é traduzir o pensamento num código lingüístico apropriado.

Em EDO 1-G6 e EDO 2-G6 a autora afirma não reduzir a natureza da linguagem ao organismo. Para ela, a linguagem existe do ponto de vista de seu funcionamento. EDO 3-G6 complementa os enunciados anteriores, pois, a mesma autora considera a língua enquanto sistema em funcionamento. Percebemos que nos

três enunciados citados, linguagem e língua são entendidas como não separadas do sujeito, o que abre espaço para a inclusão da subjetividade nesse funcionamento.

Assim como nos enunciados precedentes, no *dialogismo* estudado por Bakhtin a língua e a linguagem são tratadas a partir de seu funcionamento. Através do estudo enunciativo a língua não é tratada apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. Para Bakhtin, língua e linguagem devem ser vistas em sua integridade concreta e viva, ou seja, como discurso<sup>118</sup>. Com efeito, o *dialogismo* privilegia o estudo dos aspectos pertencentes à língua e à fala conjuntamente, visto que é na fala que a língua tem existência. Outro fator de aproximação entre os enunciados citados e a teoria bakhtiniana está no núcleo que sustenta o *dialogismo*: a existência de um sujeito constituído numa relação de intersubjetividade lingüística. O sujeito, sob essa perspectiva, constitui-se como sujeito falante pelo processo de alteridade, sendo necessário para existência do fenômeno lingüístico. Acrescenta-se a esse núcleo, as relações que o homem mantém com o mundo através da linguagem como um elemento associado à comunicação.

Segundo Bakhtin, o essencial para o funcionamento da língua é a *interação verbal*. A palavra **interação** aparece em EDO 2-G3 e EDO 6-G3. Em EDO 2-G3 a **condição interacional** visa a análise das atitudes comunicativas da criança. Sob esse ponto de vista a **interação** está relacionada às trocas realizadas entre o fonoaudiólogo e a criança (paciente) no processo terapêutico. Essas interações/trocas podem ser através da fala, ou por outros meios de comunicação, como gestos, etc. EDO 6-G3, refere que a linguagem não deve ser entendida como meio de

---

<sup>118</sup> Lembramos que *discurso* para Bakhtin é a língua do ponto de vista da enunciação e não como objeto específico da lingüística. Nesse sentido, o discurso é uma ponte lançada entre duas pessoas socialmente determinadas, e por essa razão, pode ser entendido como um fenômeno da

transmissão de informações, mas concebida no contexto de **interação social**, como veículo de trocas e relações. A noção de **interação** transmitida pelo autor é caracterizada pelas trocas que a criança mantém com o meio social. Assim, constatamos que as noções de interação apresentadas em EDO 2-G3 e EDO 6-G3 são tomadas como sinônimo de comunicação, no sentido restrito do termo. Sobre esse fato, já alertava Rubino (1997): *Vale lembrar que a noção de interação tem sido interpretada no campo da fonoaudiologia como relação dual, na qual cada interlocutor se dá a ver “como ele é”. Assim, “comunicação” e “interação” têm sido tomadas como expressões sinônimas.* (p.71).

No *dialogismo*, subjacente ao conceito de *interação verbal*, está a valorização do caráter social da linguagem. Para Bakhtin o fenômeno da *interação verbal* ocorre através da *enunciação* ou das *enunciações*, que são construídas a partir de uma inter-relação social, onde o interlocutor não necessita ser obrigatoriamente real. Ao falar sobre *interação verbal*, o autor menciona que a sua complexidade vai além da língua como um sistema homogêneo de signos, pois abrange a fala como atividade constitutiva do sujeito e da própria língua. Portanto, a concepção de *interação* estudada por Bakhtin, embora considere as trocas entre dois sujeitos em determinada situação, tal como mencionado em EDO 2-G3 e EDO 6-G3, se caracteriza como um fenômeno complexo, estando relacionado à linguagem, à língua, à fala e ao sujeito.

EDO 1-G1 estabelece uma relação entre linguagem e cognição, estando o processo de aquisição de linguagem da criança submetido à organização cognitiva do sistema de sons e das regras que organizam esses sons. O autor do enunciado diz que as dificuldades de linguagem, encontradas pela criança, são relativas a problemas de aprendizagem das regras. Dito isso, fica claro que para o autor a

---

comunicação cultural, compreendendo o falante, o ouvinte, o tópico e a situação social que o engendra.

linguagem é ensinada. A mesma idéia é encontrada em EDO 2-G1, onde o ensinamento ocorre através de padrões-alvo, ou seja, focalizando fonemas e combinações específicas de fonemas. EDO 2-G4 e EDO 7-G3, ao proporem exercícios e correções na linguagem, também confirmam a visão de que a linguagem deriva de uma aprendizagem.

Na análise dos enunciados acima, que refletem o pensamento de que a linguagem pode ser ensinada e aprendida, achamos pertinente mencionar a distinção feita por Bakhtin entre *reconhecimento* e *compreensão*. O reconhecimento é o processo de identificação da forma lingüística. Assim ocorre, por exemplo, quando identificamos um sinal. O sinal é apenas um instrumento para designar um objeto ou acontecimento preciso e imutável. Outro exemplo de reconhecimento, apontado por Bakhtin, é percebido em alguns métodos de ensino de uma língua estrangeira. Nesses processos, os componentes da língua são assimilados como sinais, ou seja, a palavra é isolada de seu contexto e inscrita num caderno para ser aprendida. A forma é assimilada no sistema abstrato da língua, como uma forma sempre idêntica a si mesma.

Diferentemente do *reconhecimento*, a *compreensão* não é uma simples percepção do componente normativo do signo lingüístico, ou seja, a percepção do signo como objeto sinal. Na *compreensão*, o signo é compreendido num contexto concreto, sua significação pertence a uma enunciação particular. O signo para Bakhtin tem valor lingüístico, é variável e flexível, porque pode mudar sua significação conforme o contexto em que aparece. Bakhtin critica os lingüistas que conceberam as palavras como se ninguém efetivamente as falasse, convertendo os signos dialógicos em signos monológicos. O autor focaliza sua atenção no falante que participa numa enunciação concreta, onde a palavra é um signo adaptável e mutável, e não um sinal estável e sempre auto-equivalente. Bakhtin ressalta que



mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem não há pura “sinalidade”, pois a forma já está relacionada a um contexto, portanto, já é signo. Dessa forma, para Bakhtin a linguagem não pode ser tratada como conteúdo pedagógico a ser ensinado.

A relação entre linguagem e cognição é destacada também em EDO 5-G3 e EDO 13-G3, porém, de forma diferente de EDO 1-G1. Nos enunciados referidos, a linguagem está associada à construção do conhecimento, ou seja, a aquisição da linguagem é fruto do desenvolvimento cognitivo.

Em EDO 3-G3 a linguagem é associada à comunicação, sendo concebida como sistema responsável pela transmissão e recebimento de mensagens. Para Bakhtin a linguagem está vinculada à comunicação, porém esse vínculo é devido ao fato de a linguagem somente existir através da comunicação dialógica daqueles que a usam. Segundo Bakhtin, a linguagem deve ser pensada junto à língua e à fala, através do meio social e do contexto social imediato da situação de comunicação que envolve os sujeitos falantes. Na teoria do *dialogismo* a *comunicação* significa muito mais que a transmissão de mensagens, ou expressão. Para Bakhtin é através da *comunicação* que o homem se constitui como sujeito (consciência) no auto-reconhecimento, pelo reconhecimento do outro, numa relação de alteridade. A *comunicação* em Bakhtin é essencialmente dialógica, o que, na sua opinião, é o que sustenta a existência da linguagem.

Encontramos em EDO 1-G3 uma proposta terapêutica que, segundo a autora, tem uma visão social da linguagem. Nas palavras da autora, a visão social advém do fato de considerar a linguagem como atividade que constitui o outro e o mundo.

A linguagem no *dialogismo* também tem um cunho social. Para Bakhtin, a linguagem é concebida pelo viés da enunciação, considerando todo o contexto enunciativo. Isso quer dizer que a linguagem não se refere somente ao campo do verbal, pois inclui não somente as palavras, mas todos os fatores que têm relação direta com o significado delas. A enunciação é construída a partir do contexto de uma inter-relação social, que abrange o falar e o ouvir não como atividades exclusivas e integrais. O que caracteriza a enunciação é o fato de ser o produto da interação de dois, ou mais indivíduos socialmente organizados, sendo determinada pela situação social mais imediata e pelo meio social mais amplo.

Podemos ver a associação da linguagem à língua através de EDO 7-G3. Nesse enunciado prevalece um conceito de língua enquanto sistema de normas, visto que as dificuldades que a criança possa ter no âmbito da linguagem são referidas como problemas gramaticais.

Bakhtin é crítico à idéia de língua como um sistema de normas rígidas e imutáveis, que se apresenta como um fato objetivo externo ao sujeito. Para o autor, o sujeito não se utiliza da língua como um sistema de formas normativas, mas, sim, para suas necessidades enunciativas concretas. A construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala. Bakhtin sustenta que dominamos a língua materna antes de estudar a sua gramática, através dos enunciados concretos que ouvimos e falamos no processo de comunicação verbal. O sujeito não aprende a língua, como quem busca o léxico e a estrutura gramatical em dicionários e gramáticas. Ele mergulha na corrente da comunicação verbal para se constituir como sujeito falante. Estar de acordo com as formas normativas não é o essencial da língua, mas, sim, o deslocamento de significações que a forma adquire em determinado contexto. Enfim, para Bakhtin, a língua é um fato social, e por essa razão abarca a fala, a enunciação como sendo de natureza social.

Com relação à fala, formulações diferentes surgiram no exame dos enunciados. Em EDO 8-G3, a fala é definida como o resultado de um processo de codificação e de articulação, que resulta na produção de segmentos audíveis e ordenados. Em contrapartida, EDO 3-G1 traz a posição de que a fala não é só o resultado de movimentos fonoarticulatórios, mas também depende da organização cortical da linguagem e de processos cognitivos. EDO 1-G2 também enfoca a fala sob o ponto de vista orgânico. No que se refere à fala, destacamos também EDO 4-G4, em que a fala é definida como ato de dizer palavras.

EDO 3-G2 se diferencia dos enunciados anteriores, visto que demonstra uma postura terapêutica em que a fala está ligada a conteúdos subjetivos, considerando, portanto, a subjetividade do falante.

Em nossa opinião, EDO 3-G2 tem o conceito de fala que mais se aproxima ao de Bakhtin. No *dialogismo* a *fala* não se reduz à articulação de sons que serão codificados como informação. O autor concebe a *fala* como estando ligada às condições de comunicação que, por sua vez, estão ligadas às estruturas sociais. A *fala* é atividade de linguagem, vinculada à enunciação, que é construída a partir de uma inter-relação social mediada pela palavra, que é o produto da interação entre locutor e ouvinte. Portanto, em Bakhtin, a fala é um processo intersubjetivo, estando relacionada à língua e à linguagem, através do meio social e do contexto social em que os sujeitos falantes se encontram.

Ao darmos prosseguimento às análises, observamos a presença do **diálogo** na terapia de linguagem. Quando encontrado, o **diálogo** aparece como formulações de perguntas e respostas. Esse fato pode ser observado em EDO 3-G4 e EDO 2-G5. Em EDO 3-G4 o **diálogo** representa a utilização de frases entre terapeuta e paciente, frases que devem ser reproduzidas pelo paciente a partir do modelo dado pelo

terapeuta. De maneira semelhante é compreendido o **diálogo** em EDO 2-G5, em que há a proposta de criação de situações de diálogo na cena terapêutica. Assim, nesses casos, o diálogo é uma troca que ocorre entre falante e ouvinte com vistas à comunicação.

Diferente é o conceito de *diálogo* para Bakhtin. Na concepção do filósofo, o *diálogo* é estudado do ponto de vista da linguagem, estando relacionado à subjetividade dos interlocutores e ao contexto da enunciação. O *diálogo* em Bakhtin tem um sentido mais amplo que uma simples conversa, não se apresentando somente como a comunicação face a face de pessoas, mas como qualquer tipo de comunicação verbal. Nesse sentido, o *diálogo* pode ser verbal, através de ações, ou até mesmo pelo silêncio. Na concepção de *diálogo* bakhtiniana, o sujeito é uma consciência que se constitui e se expressa na relação com o outro, num contexto social determinado e através de um material semiótico comum.

Destacamos mais dois enunciados referentes à concepção de língua na terapia de linguagem. Em EDO 4-G1 a língua é enfocada sob a forma de um sistema de sons, enquanto EDO 5-G1 considera os sons da fala, as sílabas e as palavras, como a estrutura subjacente da língua.

Para Bakhtin, a essência da linguagem não corresponde ao estudo da face sonora do signo lingüístico. No enfoque estritamente fonético, destacam-se os sons produzidos pelos órgãos da fonação e a possibilidade de serem captados pelo ouvido. O fato de existir um locutor e um ouvinte que se comunicam através de um único complexo sonoro físico não constitui um “fato de linguagem”. O meio social e o contexto social imediato são necessários para que o conjunto físico-psíquico-fisiológico possa estar vinculado à língua e à fala, estruturando assim um “fato de

linguagem”: *Dois organismos biológicos, postos em presença num meio puramente natural, não produzirão um ato de fala* (Bakhtin/Voloschinov, 1999, p.71).

#### **4.2.2. Ponto norteador B**

Na análise do papel do *outro* na clínica, em EDO 10-G3 o outro é designado de “interlocutor aprendiz”, o que retrata uma visão de que a linguagem é ensinada, cabendo ao outro/paciente aprendê-la.

EDO 12-G3 mostra uma concepção de “outro passivo”. Ao outro, representado pela criança/paciente, cabe o papel de imitador da linguagem do terapeuta. Nesse caso, trata-se de uma visão terapêutica comportamentalista, em que o paciente é estimulado, inclusive fisicamente, pelo terapeuta. A posição passiva do outro também é encontrada em EDO 7-G4 e EDO 8-G4. Em EDO 7-G4 a proposta terapêutica tem o objetivo de treinar o paciente para apontar os fonemas que compõem as palavras ditas pelo fonoaudiólogo. Passivo também é considerado o outro em EDO 8-G4, quando é orientado para indicar os termos contíguos das imagens e objetos a ele apresentado. De forma um pouco diferente, em EDO 4-G2 transparece uma perspectiva de passividade em relação ao outro, pois o paciente é treinado a repetir frases construídas pelo terapeuta.

Analisamos ainda EDO 6-G1, que destaca um programa terapêutico que utiliza o “bombardeio auditivo”, técnica que consiste em a criança ouvir várias palavras contendo o som-alvo ou seqüência de sons-alvo com uma pequena amplificação. Nesse mesmo programa, conforme EDO 7-G1 a criança é orientada a repetir palavras que contenham o som estimulado. Assim, tanto em EDO 6-G1, como em EDO 7-G1 o outro ocupa um lugar passivo na clínica.

No papel designado ao outro na clínica fonoaudiológica, dois enunciados merecem um destaque especial: EDO 8-G1 e EDO 9-G1. EDO 8-G1 por trazer uma abordagem terapêutica que propõe o tratamento dos sons da fala, desconsiderando a existência do outro na clínica. EDO 9-G1, mostra um procedimento que tem o objetivo de tratar a “linguagem integral” da criança, instruindo a criança a contar histórias para um boneco. Nesse caso, trata-se de delegar uma posição passiva ao outro/criança, visto que o ouvinte que ela irá se dirigir é virtual, e, como ela, passivo.

EDO 6-G4 se refere a uma técnica de executar ordens. A técnica consiste em o paciente cumprir ordens dadas pelo fonoaudiólogo. Além de submeter o outro/paciente a uma posição passiva, o enunciado descreve um procedimento terapêutico que é utilizado para avaliar a “compreensão” do paciente. Como pano de fundo dessa técnica está a divisão da linguagem em dois segmentos: compreensão e expressão. Quando é avaliada a compreensão o paciente desempenha o papel de ouvinte/passivo, e quando é avaliada a expressão o paciente ocupa o lugar de locutor/ativo.

Para Bakhtin, o esquema dos processos “ativos” da fala no locutor e dos processos “passivos” de percepção na fala do ouvinte dão uma imagem distorcida do processo complexo da comunicação verbal. Isso não quer dizer que esses esquemas não correspondam a certos aspectos reais. O problema é quando são utilizadas para representar o “todo real” da comunicação verbal. Nesse caso, Bakhtin afirma que não passam de uma *ficção científica*.

Segundo Bakhtin, o ouvinte adota sempre uma atitude responsiva ativa com relação ao enunciado do locutor. Ele concorda ou discorda, total ou parcialmente, completa, adapta ou mesmo apronta-se para responder durante todo processo de

audição e de compreensão do enunciado. Sobre a *atitude responsiva ativa* do ouvinte, o autor em *Os gêneros do discurso* (1992) diz:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prene de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte trona-se locutor. A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela *compreensão responsiva ativa* e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente. (Bakhtin, 1992, p. 290)

Com efeito, a constituição do ser humano como um todo ocorre através do *outro*. Todo discurso é dirigido a um interlocutor. Todavia, esse interlocutor não é o *outro* exterior de um discurso, que recebe uma mensagem pronta. Não se trata de dois pólos simétricos – locutor e ouvinte – entre os quais passa uma informação. O discurso é construído pelos participantes do diálogo, é interindividual. O *outro* é a condição do discurso, participa na construção do sentido e instaura uma heterogeneidade no discurso.

Portanto, os enunciados examinados até aqui, falam de uma concepção de outro diferente da encontrada no *dialogismo*.

Diferente das posições anteriores, EDO 13-G3 reflete a idéia de que o outro, o “paciente”, é ativo no processo terapêutico de linguagem. A proposta terapêutica retratada em EDO 13-G3 objetiva auxiliar a criança na construção do conhecimento, o que na concepção do autor do enunciado, auxiliará na construção da linguagem.

No *dialogismo* o *outro* exerce uma *posição ativa*. Contudo, essa posição ocorre no processo de comunicação verbal, onde o ouvinte adota sempre uma *atitude responsiva ativa* com relação ao enunciado do locutor. A compreensão da

linguagem é uma tomada de posição ativa sobre o que é dito. É ativa na medida em que contém o germe de uma resposta. Segundo Bakhtin em *Questões de literatura e de estética: a compreensão amadurece apenas na resposta. A compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra.* (Bakhtin, 1988, p.90)

Em EDO 5-G2 o outro é representado não somente pelo paciente, mas pelos “outros” que fazem parte do contexto social. A mesma autora, em EDO 6-G2 defende que a abordagem terapêutica deve relevar a subjetividade do outro/paciente, assim como prever uma relação de reciprocidade entre a comunicação e os aspectos subjetivos envolvidos na clínica.

Em EDO 4-G6 o outro/paciente é inserido na linguagem através do outro/terapeuta. Para a autora, o outro/paciente torna-se sujeito através da fala do outro/terapeuta. Em nossa opinião, a autora sugere uma relação de alteridade entre o terapeuta e o paciente, o que sugere um papel ativo para o outro na clínica.

Analisando comparativamente os enunciados referentes ao *ponto norteador B*, observamos que EDO 5-G2, EDO 6-G2 e EDO 4-G6 mantêm um grau de semelhança em relação ao conceito de *outro* e de sujeito de Bakhtin. Esses enunciados concebem o sujeito inserido em um contexto social, dotado de subjetividade e que participa na linguagem através de um processo de alteridade com o outro.

No *dialogismo*, como escrevemos no capítulo 2, o sujeito é uma consciência que se constitui e se expressa na relação com o outro, num contexto social determinado e através de um material semiótico comum. O sujeito é constituído na intersubjetividade do *diálogo*, como consciência organizada a partir do signo



lingüístico. O olhar do ponto de vista dialógico sobre o sujeito é um princípio que permeia a teoria do *dialogismo*. É um sujeito que se constitui frente ao outro, numa relação de intersubjetividade lingüística, através do *diálogo*.

#### 4.2.3. Ponto norteador C

Iniciando a análise da concepção de *palavra* nos enunciados apresentados, destacamos EDO 11-G1. Nesse enunciado é proposto um trabalho ao nível da palavra, sendo esse trabalho voltado para os sons que constituem a palavra, e como esses sons causam diferenças entre as mesmas.

Em EDO 10-G1 a palavra é trabalhada como complemento de sentença. Na mesma direção está o exercício proposto em EDO 11-G4. Nesse exercício a palavra é utilizada para a construção de orações.

Na leitura dos enunciados acima, constatamos que nos mesmos a abordagem terapêutica parte de uma segmentação da linguagem. O enfoque dado nessas terapêuticas é o de aprendizado e localização dos sons e dos fonemas nas palavras, para que num estágio posterior, esses fonemas e palavras, sejam utilizados na construção de orações.

Bakhtin (Voloschinov) em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1999) ressalta que o estudo do som concerne totalmente à competência dos físicos. Para ele, se isolarmos o som enquanto fenômeno puramente acústico, perderemos a linguagem como objeto específico.

Quanto à segmentação da linguagem em unidades, Bakhtin argumenta que falamos por enunciados e não por orações isoladas, ou por palavras como unidades significantes da língua. Em *Os gêneros do discurso* (1992) o autor diz que: *quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário, do sistema da língua, da neutralidade lexicográfica. Costumamos tirá-la de outros enunciados.* (Bakhtin, 1992, p.311)

É pertinente, nesse momento, mostrar a diferenciação feita por Bakhtin entre enunciado e oração. No *dialogismo*, o enunciado é um elo na cadeia de comunicação verbal, com fronteiras delimitadas pela alternância dos sujeitos falantes. É através do enunciado que apreendemos o sentido da palavra e não somente sua significação, pois ele é uma unidade de caráter dialógico, onde o autor, o destinatário e a situação estão implicados na construção do sentido. Os enunciados mantêm um permanente contato dialógico entre si, porém não se trata de um contato mecânico entre os elementos abstratos de um sistema. Por trás do contato dos enunciados há o contato de pessoas e não de coisas. A natureza do enunciado é dialógica, e por essa razão está vinculado a outros enunciados por uma relação específica de sentido: *a relação dialógica.*

Em contrapartida, a oração é de natureza gramatical, é uma unidade da língua. O seu contexto é o do discurso de um único e mesmo falante, pois representa um pensamento relativamente acabado, relacionado com outros pensamentos do mesmo locutor. Portanto, a oração não tem fronteiras marcadas pela alternância dos sujeitos falantes, conseqüentemente, não está em relação imediata com os enunciados do outro.

Prosseguindo a análise, EDO 14-G3 traz implícito a idéia de palavra enquanto signo coletivo, cujo significado é construído socialmente. O mesmo autor,

em EDO 15-G3 diz que a palavra é um símbolo. Para o autor, as palavras servem para representar ações, pessoas e objetos, sendo essa representação através da construção da capacidade simbólica que constitui a linguagem.

Ao exame comparativo, temos que a *palavra* para Bakhtin é fenômeno social, produto da interação do locutor e do ouvinte, sendo concebida como signo por possuir uma multiplicidade de significações, determinadas pelo contexto em que é empregada. Sendo assim, a *palavra* em Bakhtin não é somente representativa, relacionando-se a um sistema de símbolos que representam ações, pessoas e objetos.

A palavra no *dialogismo* é interindividual e signo da posição semântica do outro, pois nela se ouve a voz do outro. A palavra está atrelada a enunciação, na medida em que *não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.* (Bakhtin/Voloschinov, 1999, p.95)

Vale mencionar o que Bakhtin escreve em *Problemas da poética de Dostoievski* (1997) sobre a palavra e sua relação com o *outro*. Para ele, a palavra não pode ser vista como “palavra impessoal da língua”, mas como signo da posição semântica do *outro*. Ela representa o enunciado de um *outro*, pois nela se ouve a voz do *outro*. Um indivíduo nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua. O indivíduo recebe a palavra da voz do *outro*, com suas aspirações e avaliações. No seu contexto, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. Ela está em contexto de outros e em lábios outros:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, sempre mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. (Bakhtin, 1997, p. 203)

Destacamos agora EDO 9- G4, em que a palavra é representada por um conjunto de sons sem significação e sentido, referido pela autora de “palavras inventadas”. EDO 10-G4 mostra um exercício em que é dada determinada palavra para que o paciente diga o seu “sentido”. Na verdade, a proposta que transparece no exercício é o trabalho com a significação única da palavra, e não o sentido.

Ao confrontarmos os enunciados acima com as reflexões de Bakhtin sobre a palavra como signo, a significação e o sentido, constatamos uma oposição de conceitos. Para Bakhtin a significação da palavra é totalmente determinada pelo seu contexto. Com efeito, a multiplicidade de significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra. Esse fato concede à palavra o seu estatuto de signo, caso contrário, se tivesse uma única significação inerte e imutável esta seria apenas um sinal, e um sinal não se adapta às condições mutáveis de uma situação. O que importa realmente é que a palavra apareça como um signo variável e flexível, adequado às condições de uma situação concreta, e não como sinal estável e sempre idêntico.

Mas, além da significação, Bakhtin considera o sentido como um segundo nível semântico. O sentido é marcado pela transitoriedade, estando vinculado ao momento de fala, à enunciação. Por essa razão ele é concreto, sendo determinado pelas formas lingüísticas (palavras, formas sintáticas, os sons, as entoações) e pelos elementos não verbais da situação. Bakhtin salienta que não existe fronteira absoluta entre o sentido e a significação, sendo a significação necessária para o estabelecimento do sentido.

Com as considerações de Bakhtin sobre significação e sentido, podemos dizer que tanto EDO 9-G4, como EDO 10-G4, não tratam a palavra na perspectiva bakhtiniana: EDO 9-G4 por desconsiderar totalmente a significação e o sentido da

palavra na proposta terapêutica; EDO 10-G4 por, além de refletir um conceito de *sentido* diferente do proposto por Bakhtin, considerar a palavra como contendo uma única significação, ou seja, como um sinal.

## 5. DIALOGISMO E FONOAUDIOLOGIA: um diálogo e “outras” reflexões

Ao longo do trabalho apresentamos e discutimos temas referentes à fonoaudiologia e à teoria do *dialogismo* desenvolvida por Mikhail Bakhtin. Quanto à fonoaudiologia, partimos de versões históricas da profissão no Brasil, do perfil do fonoaudiólogo e seu campo de atuação, o que desencadeou o debate de outros tópicos, como as conseqüências da história na clínica e a questão do objeto da fonoaudiologia. Sobre o *dialogismo* mostramos a sua caracterização como uma teoria enunciativa, traçamos o panorama do percurso teórico de Bakhtin, e complementamos com a eleição de determinados pontos teóricos e conceitos desenvolvidos pelo autor, os quais estruturamos de forma a contribuir para os objetivos da nossa pesquisa.

Após os itens desenvolvidos acerca da fonoaudiologia e da obra de Bakhtin, realizamos uma análise comparativa do referencial teórico utilizado nos cursos de graduação de fonoaudiologia do Rio Grande do Sul, na terapia de linguagem/fala, com a teoria do *dialogismo*.

Essa breve retomada serve para prestarmos alguns esclarecimentos quanto às questões que nos conduziram à elaboração deste capítulo. Pretendemos desfazer uma possível impressão de que o trabalho foi dividido em assuntos aparentemente distintos, o que pode parecer uma construção teórica segmentada. Sustentamos que existe um “fio condutor” que permeia o conjunto dessa pesquisa. Esse “fio condutor” é a *linguagem*. Na fonoaudiologia, embora tenhamos discutido outros temas, o nosso interesse principal, que inclusive nos mobilizou para a realização da pesquisa, foi a clínica da linguagem. Na obra de Bakhtin, o nosso interesse se voltou para sua abordagem filosófico-lingüística da linguagem, ancorada na teoria do

*dialogismo*. Então, com relação à elaboração deste capítulo, a idéia é a de que sirva como articulador do material produzido até esse momento. Uma das formas dessa articulação já foi apresentada na parte 4 do trabalho, mais especificamente no item denominado *considerações parciais* (4.2).

Dito isso, queremos indicar uma interlocução entre a fonoaudiologia e Bakhtin. A partir dessa interlocução derivamos “outras”<sup>119</sup> reflexões, como o trabalho clínico com a linguagem, a função terapêutica e as relações entre o “teórico” e o “clínico”.

Ao analisarmos os enunciados retirados da bibliografia selecionada, que corresponde às disciplinas que tratam da terapia de linguagem, encontramos diferentes perspectivas em relação aos *pontos norteadores*<sup>120</sup> que utilizamos na metodologia da pesquisa.

Entre as concepções de linguagem que observamos no corpus, está a que admite a linguagem associada a componentes orgânicos, sendo a sua manifestação o resultado de processos originados no cérebro, que têm a capacidade de transformar o pensamento em código lingüístico. A linguagem nessa visão tem a função de traduzir o pensamento em código lingüístico. Outra perspectiva estabelece uma relação entre linguagem e cognição, onde o processo de aquisição de linguagem da criança é submetido à organização cognitiva de um sistema de sons e das regras que organizam esses sons. Nessa perspectiva a terapia de linguagem está centrada no ensino de fonemas e regras gramaticais, que, para os fonoaudiólogos que acreditam nessa corrente teórica, são responsáveis pelo estabelecimento da linguagem. A relação entre a linguagem e cognição também é vista juntamente com a construção

---

<sup>119</sup> As aspas são para referência ao título do capítulo.

<sup>120</sup> Os *pontos norteadores da análise* foram definidos no item 3.2.

do conhecimento, estando a aquisição da linguagem na dependência do desenvolvimento cognitivo.

Gostaríamos nesse momento de nos posicionarmos quanto aos conceitos de linguagem encontrados na análise do corpus. Nossa posição é de que a linguagem não pode ser reduzida a componentes fisiológicos e de origem cerebral, nem tampouco à aprendizagem de um código lingüístico. Entretanto, isso não exclui pensarmos o fato de que a construção da linguagem necessita de um substrato orgânico, e que a linguagem apresenta uma certa relação com aspectos cognitivos. O que realmente nos preocupa é quando se opera uma redução no enfoque acerca da linguagem. Para nós, falar de linguagem significa articular conceitos, assumir determinadas posições e rejeitar outras, sempre tendo o cuidado de não assumir uma posição fechada, que resuma a linguagem a uma única palavra ou ponto de vista. Sobre o estudo da linguagem, tal como pensamos, citamos Giuliani:

Desde este lugar, es necesario dejar-se atravesar por la idea de que si hablamos del lenguaje es imposible asirlo totalmente, siempre algo quedará sin poder articular, pues la pregunta ronda interrogando discursos diferentes, que por poseer lógicas distintas nos alertam sobre el périgo de una articulación precisa y cerrada. (Giuliani, 1996, p.27)

Nesse sentido, entendemos que os estudos enunciativos da linguagem, em particular o *dialogismo* de Bakhtin, podem contribuir na reflexão da clínica da linguagem na fonoaudiologia. As teorias que se dedicam à enunciação não estão preocupadas somente com os fenômenos relativos ao uso da língua como sistema combinatório, mas também com a linguagem assumida por um sujeito. Assim, o *dialogismo*, sendo uma teoria enunciativa, está voltado para o estudo da



enunciação<sup>121</sup>, que instaura um olhar para o instante em que o enunciado é produzido, estabelecendo relações entre linguagem, língua e sujeito, e situando o fenômeno lingüístico num tempo e espaço. A enunciação no *dialogismo* é considerada como o centro de referência do sentido nos fenômenos lingüísticos, estando os sujeitos, o espaço e o tempo articulados na cena enunciativa. Ao se estudar a enunciação, está se estudando o processo de fala enquanto atividade de linguagem. Aqui fazemos questão de frisar um dos pontos fundamentais que justificam, para nós, a interlocução entre a fonoaudiologia e a teoria do *dialogismo*: o fato de o *dialogismo* abranger e relacionar aspectos referentes à **linguagem**, à **comunicação**, à **língua**, ao **sujeito**, à **fala** e ao **sentido**. Cremos que esses são aspectos essenciais na clínica de linguagem.

Bakhtin valoriza o caráter social da linguagem, tratando-a a partir de seu funcionamento. Através das relações dos aspectos que mencionamos acima, o autor defende que a linguagem e a língua devem ser compreendidas em sua integridade concreta e viva, enquanto *discurso-fala*, pois é na fala que a língua se materializa. É através da fala que ocorre o processo considerado o núcleo de sustentação do *dialogismo*: a existência de um sujeito que se constitui numa relação de intersubjetividade lingüística, ou seja, o falante torna-se sujeito através do processo de alteridade. Assim, o campo de emergência do fenômeno lingüístico é delineado pela alteridade dialógica estabelecida entre os sujeitos. É a linguagem posta em ação, através do discurso, que se desenvolve num aqui e agora, num presente fugaz. Perfilados encontramos o lingüístico e a enunciação.

---

<sup>121</sup> Vale lembrar que a enunciação para Bakhtin é dialógica. Como referimos no item 2.4, Bakhtin (Voloschinov) critica a corrente filosófica-lingüística designada *subjetivismo idealista*, a qual apoia-se na *enunciação monológica* como ponto de partida para a reflexão sobre a língua. No *subjetivismo idealista* a *enunciação monológica* se apresenta como um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual.

Ao concordarmos com Bakhtin, pensamos que o trabalho clínico com a linguagem deve se direcionar à intersubjetividade da fala, à singularidade que se manifesta nos enunciados, o que se contrapõe à prática de redução da fala do paciente à produção de segmentos audíveis e ordenados. Essa prática, observada nas análises do capítulo anterior, resume a fala ao processo de articulação de sons que serão codificados como informação.

Com relação à terapia de linguagem nas análises realizadas, vimos que a linguagem aparece também como sinônimo de língua, com a língua representando um conjunto de sons, que agrupados formam sílabas e palavras, ou se constituindo como um sistema de normas rígidas e imutáveis que corresponde a um fato objetivo e externo ao sujeito. Essa proposta terapêutica visa “corrigir” as alterações da fala através do ensino de componentes da estrutura normativa da língua.

Podemos perceber que a abordagem terapêutica, referida acima, tem a roupagem de uma das principais linhas do pensamento filosófico e lingüístico criticada por Bakhtin (Voloschinov), o *objetivismo abstrato*<sup>122</sup>. Para essa corrente os traços fonéticos, gramaticais e lexicais são normativos para todas as enunciações, o que garante a unicidade e a compreensão de uma língua para os locutores da mesma comunidade. Nesse ponto de vista, a língua se apresenta como um sistema acabado para o indivíduo, restando para este somente estar “certo” ou “errado” na assimilação do sistema. No *objetivismo abstrato* a língua tem existência na sua própria abstração, sendo os atos individuais de fala variações fortuitas, ou mesmo deformações das formas normativas.

Através desse tipo de proposta terapêutica fica clara a presença dos *imperativos pedagógicos* que incidem na fonoaudiologia, tal como mencionamos no

capítulo primeiro deste trabalho. Ao adotar um modelo pedagógico de intervenção, o fonoaudiólogo procura transmitir um objeto-língua tão homogêneo quanto possível, utilizando-se de procedimentos de análise lingüística (fonéticos, morfológicos e sintáticos) para ensinar um fonema, uma palavra ou uma frase. Esse fato caracteriza o fazer terapêutico fonoaudiológico como um processo de ensino-aprendizagem da língua.

Concordamos com Bakhtin, para quem a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala. Bakhtin (Voloschinov) sustenta que dominamos a língua materna antes de estudar a sua gramática, através dos enunciados concretos que ouvimos e falamos no processo de comunicação verbal. O sujeito não aprende a língua, como quem busca o léxico e a estrutura gramatical em dicionários e gramáticas. Como diz o autor:

Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item no dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática lingüística (Bakhtin/Voloschinov, 1999, p. 95).

Enfatizando o processo de ensinamento da língua, como observado nos enunciados analisados, o autor diz que, através desse processo, o tratamento dado corresponde a uma *língua morta-escrita-estrangeira*. A *língua morta* primeiramente é decifrada, para depois, através da criação de um instrumental, ser ensinada. Nesse caso, estamos diante da enunciação *isolada-fechada-monológica*, desvinculada de seu contexto lingüístico e real, e onde o que está presente é uma compreensão passiva por parte do sujeito em terapia. Ao ter esse enfoque sobre a língua, o fonoaudiólogo trata o paciente como um estrangeiro. Um **estrangeiro da língua**. Ele esquece que o sujeito é nativo da sua língua, e que é por estar imerso na língua,

---

<sup>122</sup> Assim como o *subjetivismo idealista*, discorremos sobre o *objetivismo abstrato* mais

falando e ouvindo enunciados concretos que as palavras são compreendidas. Como ressalta Bakhtin (Voloschinov): *A palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira.* (1999, p.100).

Na verdade, o sujeito utiliza a língua para suas necessidades enunciativas concretas. Para ele, a construção da língua esta orientada no sentido da enunciação da fala como um processo intersubjetivo. Para o locutor, estar de acordo com as formas normativas não é o essencial da língua, mas, sim, o deslocamento de significações que a forma adquire em determinado contexto.

Para ilustrar, do ponto de vista clínico, nossa concordância com Bakhtin, nos permitiremos citar rapidamente dois casos de atendimento fonoaudiológico de nossa experiência profissional. O primeiro caso clínico é o de um menino de dez anos que chega para atendimento com a queixa, revelada pelos pais, de que falava tudo “errado”. No processo terapêutico constatamos que esse menino tinha a linguagem estruturada de uma forma particular, embora não evidenciasse nenhum comprometimento orgânico e cognitivo que pudesse justificar a maneira como se expressava oralmente. Seu discurso<sup>123</sup> apresentava processos fonológicos<sup>124</sup> de estrutura silábica e de substituição, o que caracteriza um desvio fonológico<sup>125</sup>. Centralizaremos nossa atenção nesse aspecto do discurso, pois é o que está relacionado com o que desejamos mostrar. Um exemplo que trazemos do aspecto fonológico da fala do menino é a sua impossibilidade de produzir oralmente o fonema /t/, ou mesmo a sílaba “ta” isoladamente. Todavia, conseguia dizer o apelido de seu irmão que era “tatáta”. Como explicar que o menino falava “tatáta”, mas não

---

detalhadamente no item 2.4.

<sup>123</sup> O discurso aqui é entendido enquanto língua em uso, que se manifesta através da fala.

<sup>124</sup> Não nos deteremos na classificação dos processos fonológicos apresentados pelo paciente, por acharmos desnecessário ao propósito da citação do caso.

produzia o fonema /t/? Será que a conduta terapêutica, nesse caso, deve focalizar o ensino, ou o treinamento do fonema /t/ ?

O que queremos mostrar com esse exemplo é que a fala não pode ser separada do sujeito, ou seja, quando falamos há sempre um conteúdo subjetivo que deve ser considerado. Assim é concebida a fala no *dialogismo*, estando relacionada à linguagem e ao falante imerso no contexto enunciativo, o que extrapola o campo do verbal. Então, faremos outra pergunta: qual o contexto do fonema /t/ ? Certamente o fonema /t/, isoladamente, não pertence a nenhum contexto, não significa nada. Entretanto, o apelido “tatáta” significa, e pode ser contextualizado em cada ato de fala do menino a quem nos referimos.

O segundo caso é o de um adolescente que, não apresentando nenhum comprometimento neurológico e psíquico, manifestava um discurso singular. Esse adolescente interagiu dialogicamente muito bem, sendo compreendido pelos seus interlocutores e se expressando através da palavra. Seu discurso não apresentava problemas de ordem semântica, estando contextualizado na cena enunciativa. Porém, seu discurso era caracterizado por ausência e uso “inadequado” de alguns elementos de ligação, o que o tornava diferente sintagmaticamente do padrão lingüístico usual. Entre os elementos de ligação que não eram utilizados, citamos o exemplo das preposições “de” e “para” e o advérbio “lá”. E entre os elementos usados “inadequadamente”, destacamos como exemplo o pronome possessivo “meu”. A partir dos exemplos acima, os enunciados produzidos pelo sujeito em atendimento eram do tipo: *eu vim casa* = eu vim (de) casa; *ela foi praia* = ela foi (para ) praia; *a mãe tá fora* = a mãe tá (lá) fora; *eu trouxe meu sacola* = eu trouxe a minha sacola.

---

<sup>125</sup> De acordo com Yavas, Hernandorena & Lamprecht (1991).

Para uma breve discussão do caso clínico acima, achamos importante nos reportarmos ao lingüista Emile Benveniste que, em *A natureza dos pronomes* (1995), defende que os pronomes não devem constituir uma classe unitária da língua, mas devem ser tratados sob a ótica da linguagem. O que nos interessa particularmente nesse estudo de Benveniste são as suas considerações sobre os *indicadores da dêixis*<sup>126</sup>. O autor refere que esses indicadores são, juntamente com os pronomes pessoais *eu* e *tu*, as marcas lingüísticas que, por excelência, expressam a subjetividade existente na língua. Para Benveniste, esses são signos “vazios”, que tornam-se plenos assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso, ou seja, quando são remetidos à enunciação. *A importância de sua função se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva.* (Benveniste, 1995, p.280).

Retomando o caso, podemos questionar, como no primeiro, o que significa uma preposição ou um advérbio se tomados isoladamente como elementos abstratos da língua? Como deve ser a intervenção terapêutica nesse caso? Será que se trata de ensinar as preposições, os advérbios e os pronomes para que o sujeito em tratamento possa formular uma frase, ou oração?

Para contribuir na resposta desses questionamentos, é interessante mencionarmos uma atitude terapêutica, referente à linguagem, adotada na fonoaudiologia. Nessa abordagem destaca-se uma “técnica” na qual para o ensinamento de determinado fonema são utilizadas figuras, onde as palavras que

---

<sup>126</sup> Os *indicadores da dêixis* são os pronomes demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do sujeito tomado como ponto de referência. Esses indicadores têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência dos pronomes *eu/tu*, que, segundo Benveniste, são o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade na linguagem. Para maior aprofundamento sobre o tema *dêixis*, indicamos, além das obras de Benveniste, a leitura de Lahud, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo, Ática, 1979

designam essas figuras contêm o respectivo fonema no segmento inicial. Assim, ao ser trabalhado o fonema /f/, por exemplo, são apresentadas as figuras: *faca*, *figo*, *fogo*. O objetivo é que o paciente associe o fonema às figuras, e que pronuncie a palavra correspondente à figura. Dessa forma, o terapeuta faz com que o paciente “fale” o fonema-alvo a ser aprendido<sup>127</sup>. Voltemos ao parágrafo anterior. Na situação clínica descrita, como o terapeuta, utilizando a técnica de associação fonema-figura, dará conta do ensinamento dos pronomes, advérbios e preposições, e suas utilizações “corretas” no discurso? De que forma poderá representar através de figuras o advérbio de lugar “lá”, ou o pronome “de”?

O que exemplificamos acima foram somente dois casos clínicos<sup>128</sup>, pois achamos oportuno referir clinicamente a pertinência do que Bakhtin argumenta sobre as relações entre língua e fala. A língua para ele é um fato social, abrangendo a fala e a enunciação como sendo de natureza social. A fala é atividade de linguagem, constitutiva do sujeito e da língua. Vista sob esse ângulo, a língua não pode ser considerada como um sistema homogêneo de signos a serem ensinados. Se o fonoaudiólogo assumir a atitude terapêutica de “ensinar a língua” estará operando com a gramática, o que exclui o sujeito e a intersubjetividade que permeia a língua e a linguagem. A língua não está separada da linguagem, elas estão fundidas. Podemos ver claramente, sob a ótica artística, essa fusão na poesia. *A língua do poeta é sua própria linguagem, ele está nela e é dela inseparável*. (Bakhtin, 1988, p.94).

Outra abordagem terapêutica que encontramos nas análises do trabalho é aquela que aceita a linguagem como instrumento da comunicação, ou seja, a

---

<sup>127</sup> Essa é apenas uma das etapas da referida “técnica”, pois a outras como: percepção auditiva do fonema, articulação, produção no início da palavra, produção no meio da palavra, etc.

linguagem é concebida como sistema responsável pela transmissão e recebimento de mensagens. Quanto a essa concepção de linguagem, concordamos com Groisman & Jerusalinsky (1989) que dizem: *vemos na linguagem a faculdade que define por excelência o ser humano. Assim, a linguagem não é considerada um mero instrumento da comunicação, mas o que estrutura o indivíduo da espécie em sua condição de sujeito.* (p.142). Também Benveniste discorda do fato de a linguagem ser um instrumento da comunicação, para ele: *bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver* (1989, p.222). Sobre a impossibilidade de a linguagem ser um instrumento, citamos novamente Benveniste (1995):

Falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou (...) Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a (...) É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (p. 285)

Jerusalinsky (1987) lembra que o que diferencia o homem dos outros animais é a linguagem. Para corroborar suas idéias discute a questão do signo. O autor refere que o animal, do ponto de vista biológico, nasce em um mundo que está organizado em função de uma série de signos que ele percebe. Os signos, no caso dos animais, são fixos e determinados, são representados pelas sensações e percepções que dizem respeito ao seu instinto. Já o homem não é mais do que linguagem, e fora dela não é nada. O sujeito humano *depende da linguagem porque ele, à diferença dos outros animais, é um deficiente instintivo.* (Jerusalinsky, 1987, p.15)

---

<sup>128</sup> Reforçamos que abordamos os referidos casos sinteticamente, enfocando somente os aspectos que interessam ao ponto que estamos discutindo. Fazemos questão dessa justificativa para que não passemos a impressão de estarmos simplificando a terapia de linguagem.



Segundo Benveniste (1995), a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar. *Entendemos por aí, muito amplamente, a faculdade de representar o real por um “signo” e de compreender o “signo” como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de “significação” entre algo e algo diferente.* (p.27)

Para o homem, a palavra é o signo por excelência. Bakhtin (Voloschinov) acrescenta que a *realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social* (1999, p.36). Para Bakhtin, a palavra tem primazia entre os outros signos, pois possui uma intensidade semiótica. Assim complementam Clark & Holquist (1984): *um martelo e uma foice, ou uma cruz, podem ser signos, mas são também outras coisas, tendo outros propósitos afora a pura semiose. Por contraste, uma palavra é somente, e no todo, um signo.* (p. 246).

Se concordamos que a palavra é um signo, que ela é a representação do objeto que não está, podemos então considerar a linguagem *como um sistema de signos numa ordem simbólica.* (Groisman & Jerusalinsky, 1989, p.141). Portanto, acrescenta-se que linguagem, além do seu caráter social, de se estabelecer no diálogo, de estar associada ao processo de intersubjetividade da fala, relacionando língua e sujeito num tempo/espço, tem o seu funcionamento simbólico através da palavra.

Contrariamente ao que vimos a partir das análises realizadas no capítulo anterior, para Bakhtin (Voloschinov) a palavra não é simplesmente um elemento da sentença, uma unidade significativa da língua, nem um conjunto de sons, tampouco serve somente para representar ações, pessoas e objetos. Em sua concepção, a

palavra é o produto da interação do locutor e do ouvinte, sendo concebida como signo por possuir uma multiplicidade de significações, determinadas pelo contexto em que é empregada. Como afirma o autor: *a ficção da palavra como decalque da realidade ajuda ainda mais a congelar sua significação*. (Bakhtin/Voloschinov, 1999, p.107).

Clark & Holquist (1984) em resenha de *Marxismo e filosofia da linguagem*, fazem uma metáfora sobre o uso das palavras e sua possibilidade de significarem. A metáfora é produzida através da comparação do ecossistema existente nos oceanos. Os oceanos apresentam uma aparência de unidade aquosa, pois, na realidade, são constituídos por inúmeras camadas de água, cada qual com sua temperatura e teor salino próprio. Os peixes, mesmo sendo participantes desse ecossistema, não têm a liberdade de vagar por toda parte do mar, pois estão confinados aos estratos em que a temperatura, a disponibilidade de luz e de salinidade correspondentes a sua constituição biológica. Assim como o mar é todo água, a *logosfera* é constituída das palavras. Porém, assim como a água do mar, as palavras não são todas iguais, mesmo que tenham aparência semelhante. Feito a metáfora, os autores concluem: *aqueles que não sabem explorar a capacidade das palavras de significar coisas diferentes em diferentes camadas epistemológicas de seu sistema de cultura acham-se condenados a viver sem liberdade, no âmbito de um número muito pequeno de tais camadas. A linguagem não é uma prisão; é um ecossistema*. (Clark & Holquist, 1984, p.247)

A capacidade que tem a palavra de significar coisas diferentes, conforme o contexto em que é empregada, leva à construção de um segundo nível semântico na língua, considerado o mais importante para Bakhtin: o sentido. O sentido é individual e não reiterável, como a enunciação, estando relacionado ao contexto, ao caráter transitório do momento de fala. O autor fala da necessidade de observarmos

que *por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto sempre está submetido a notáveis transformações de significado.* (Bakhtin, 1988, p.141).

Nos detemos nas considerações acerca da palavra porque: falar em palavra é falar em fonoaudiologia. Como diz Fonseca (1995): *a clínica fonoaudiológica é aquela em que a palavra está em cena.*(p.137).

A partir das considerações de Bakhtin sobre a palavra e o sentido, podemos apreender que se trata de uma concepção de linguagem cujo processo de significação não é considerado a partir da literalidade do que é dito, e sim pela opacidade do que não se dá a conhecer diretamente pelo código. Se o fonoaudiólogo assumir esta atitude frente à clínica, a terapia de linguagem passa a não ser mais o lugar onde se dará o “concerto de algo que está errado” na língua, mas o momento privilegiado da constituição do sujeito falante e da circulação dos sentidos, que podem estar imobilizados pelos sintomas que emergem no lingüístico.

Se operarmos com a língua, enquanto sistema acabado em si mesmo, estaremos somente no campo da fala, no sentido mais elementar, e não no campo da linguagem. Pensando na clínica fonoaudiológica, acreditamos que qualquer ato clínico que nos proponhamos a fazer tem efeitos no campo da linguagem e no da subjetividade, no sujeito. Para nós, que estamos comprometidos com o enfoque terapêutico que prioriza o sujeito e a linguagem, a clínica não tem certezas. Pelo contrário, é através dela que o inesperado se manifesta, pois nos deparamos com o “diferente” da linguagem e com a singularidade do sujeito. Em nossa opinião, todo ato clínico tem conseqüências, todas as nossas atitudes estão compromissadas com a função terapêutica. Entendemos que a função terapêutica nos permite refletir

constantemente sobre ela mesma, o que resulta em um trabalho, também constante, de construção e reconstrução teórica. Sobre isso citamos Tassinari:

Para o estabelecimento da função terapêutica é necessário haver escuta para o que não foi previsto pela teoria (o que permite suas reformulações constantes), bem como para aspectos singulares do paciente que não devem ser sobrepostos aos do terapeuta. Nessa perspectiva a clínica se torna um campo de investigação e descoberta e não um espaço para constatações. (Tassinari, 1998, p.123)

A referida citação nos permite ressaltar outro ponto fundamental que justifica, para nós, a interlocução entre a fonoaudiologia e o *dialogismo*: o fato de a clínica da linguagem se efetivar plenamente quando ocorre o entrecruzamento do teórico e do terapêutico. Esse entrecruzamento acontece na **enunciação**. O lugar onde a linguagem habita, segundo Bakhtin, não é algures, nem outro lugar no espaço ou em tempo passado. Ela se encontra aqui e agora, vivendo na enunciação concreta.

Não poderíamos deixar de fora de nossas reflexões a importância do *outro* e do sujeito no *dialogismo*. Até porque o *outro* de que Bakhtin fala está presente na *palavra*, sobre a qual tecemos considerações. Segundo Bakhtin, a vida da *palavra* está na *passagem de boca em boca, de um contexto para outro*. A *palavra* é o signo da posição semântica do *outro*, contendo suas aspirações e avaliações. Para ele, a *palavra* não é neutra, pois nela se ouve a voz do *outro*. No *dialogismo* o *outro* participa na construção do discurso, pois está presente desde a *palavra*, que dele recebemos. Essa participação ocorre através de uma *atitude responsiva ativa* que o ouvinte adota frente ao enunciado do locutor. Como já destacamos no item 2.4, a compreensão da linguagem é uma tomada de *posição ativa* sobre o que é dito. Isso porque o processo de compreensão contém o germe de uma resposta.

Mas é importante dizer que o *outro* não um segmento definido no processo de comunicação verbal. Ele não é apenas o ouvinte, mas o interlocutor, que assume tanto a posição de locutor, como de ouvinte. O *outro* é a condição do discurso, pois a ele que o discurso é dirigido. O *outro* é o *terceiro*, instância superior que se localiza no espaço metafísico.

Quanto às considerações sobre o sujeito, que também pode assumir a posição de locutor ou de ouvinte, Bakhtin diz que o mesmo é constituído numa relação de intersubjetividade lingüística, através do *diálogo*<sup>129</sup>. Se considerarmos, como Bakhtin, que o sujeito exerce uma posição ativa no processo de comunicação, veremos que, além de ser constituído pela linguagem, ele também a constitui. E isso só é possível pela fala, considerada como processo intersubjetivo de linguagem, e pelo outro no processo de alteridade<sup>130</sup>, que se estabelece num determinado contexto.

Como salientamos anteriormente, estamos comprometidos com a visão clínica que prioriza o sujeito e sua relação com a linguagem. Nesse sentido, entendemos que o fonoaudiólogo, além de considerar o “sujeito em tratamento”

---

<sup>129</sup> O *diálogo* do ponto de vista bakhtiniano.

<sup>130</sup> Chamamos a atenção para o *processo de alteridade* que se estabelece na comunicação, pois, a partir dele é possível pensarmos a aquisição da linguagem. Para Bakhtin, a comunicação é vista como uma relação de alteridade, constituidora do *eu* pelo reconhecimento do *tu*, ou seja, o ato de consciência de si próprio implica a existência do olhar do outro sobre nós. Quanto à importância do *processo de alteridade* no estabelecimento da linguagem, gostaríamos de descrever uma passagem do texto *A paixão de uma língua outro* (1983) de Contardo Calligaris. Em seu texto, Calligaris narra a experiência realizada por Frederico II da Alemanha (século XIII): Frederico II *quis saber pela experiência que língua e que palavra viriam de crianças crescendo sem falar com ninguém. Com este objetivo, prescreveu às amas que dessem leite às crianças, que fosse permitido a estas sugarem-lhes os seios, que as banhassem e limpassem, mas que não as afagassem ou lhes falassem de forma alguma. Ele queria, com efeito, saber se elas falariam a língua hebraica, que tinha sido a primeira, ou o grego, ou o latim, ou o árabe, ou então se falariam a língua dos pais que as trouxeram ao mundo. Mas em vão dava-se este trabalho, pois cedo ou tarde as crianças morriam todas. Não podiam, com efeito, viver sem a aprovação, o gesto, o sorriso e os acalantos de suas amas.* (Calligaris, 1983, p.102)

como *ativo*<sup>131</sup> no processo terapêutico, deve considerar o aspecto subjetivo que está em jogo na clínica.

Se considerarmos que é pela fala que ocorre a conversão individual da língua em discurso, podemos aceitar que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua, ou seja, na língua em funcionamento. Com efeito, a linguagem é a possibilidade da subjetividade, e o discurso provoca sua emergência. Quando na clínica nos deparamos com um sujeito no qual a linguagem se estruturou diferentemente, caracterizando o diagnóstico de “alteração de linguagem”, vemos a marca da posição desse sujeito na língua. O traço singular do sujeito, com sua linguagem diferente, traz à tona a dificuldade de suportar o que é da ordem do imprevisível. Nesses casos, não é raro o fonoaudiólogo se sentir “desprotegido” teoricamente, pois o seu saber<sup>132</sup> não é suficientemente abrangente para dar conta das infinitas possibilidades de manifestação da linguagem. No entanto, são as barreiras encontradas em cada caso clínico, onde há sujeitos particulares que estão na linguagem de forma também particular, que movimentam o fonoaudiólogo para a reflexão e o questionamento de seus pressupostos teóricos e terapêuticos. Sobre a clínica fonoaudiológica e a singularidade dos casos diz Vorcaro:

Quando esse traço de sujeito que descarrila o saber orientador da condução clínica mobiliza o fonoaudiólogo, esse se deixa interrogar pelo que torna sua técnica opaca<sup>133</sup>. A riqueza desse “*saber não*

---

<sup>131</sup> Por essa razão é que, no primeiro capítulo da dissertação, discordamos da designação “paciente”.

<sup>132</sup> Nos referimos aqui a um saber que não é pleno, embora possa ser assim considerado pelo sujeito em tratamento, ou pelo próprio fonoaudiólogo. Fazemos uma analogia entre a posição ocupada pelo fonoaudiólogo na cena terapêutica e o lugar do “sujeito suposto saber” em que o psicanalista é colocado transferencialmente. Aprofundar essa temática seria um desvio impróprio nesse momento. Por esse motivo, sugerimos a leitura de Lacan, que em seu seminário *O avesso da psicanálise* - livro 17 (1992) diz que o “avesso” da psicanálise é o discurso do mestre. Para Lacan, o discurso do psicanalista relativiza a idéia de uma verdade e de um saber plenos, propondo que estes são sempre parciais.

<sup>133</sup> O grifo é nosso, pois não sabemos, ao certo, o que a autora quis dizer com “técnica”. Seja qual for o sentido dado para a palavra “técnica” entendemos que, nesses casos, a terapêutica, no sentido amplo, torna-se opaca.

*sabido*” é permitir ao clínico submeter-se à singularidade de cada caso, preservando a tensão que garante à clínica seu estatuto privilegiado de interrogar seus pressupostos, fazendo-a, assim, progredir. (Vorcaro, 1999, p.122).

Do nosso ponto de vista, é através de interrogações sobre a clínica e do debate que o fonoaudiólogo pode contribuir para o avanço de questões, ao nosso entender, centrais na fonoaudiologia. O espaço clínico pode se constituir em lugar de formulação de pesquisa, onde as ocorrências perturbadoras funcionam como obstáculo às presumíveis certezas teóricas. Ratificamos essa atitude rejeitando a dominância de leituras excludentes, pois admitimos que um campo teórico é espaço de questões, que articula noções e conceitos, e não o lugar de incorporar fragmentos de outros campos, sem medir as conseqüências desse ato para a própria área. Como diz Oliveira (2002): *o fonoaudiólogo necessita diferenciar-se de uma série de outras funções que se agregam ao seu fazer, a saber, o médico, o paramédico, o pedagogo, o professor.* (p.162). Uma área como a da fonoaudiologia pode e, em nossa opinião, deve suportar a convivência com campos disciplinares distintos, sustentando e problematizando questões que, muitas das vezes, lhes são correlatas.

Finalizamos essa seção dizendo que, conforme a hipótese que formulamos no início do trabalho, os pressupostos do *dialogismo* são relevantes para a fonoaudiologia. Através do diálogo com a obra de Bakhtin, ressaltamos as contribuições que alguns pontos da teoria dialógica podem trazer para a clínica fonoaudiológica. Entre eles, citamos a importância do sujeito na linguagem, a concepção de linguagem, de língua, o *aspecto responsivo* do *outro* no processo de comunicação verbal, o contexto verbal e extraverbal e a relevância do sentido nos estudos da linguagem. Porém, é necessário fazermos uma observação fundamental quanto ao propósito do diálogo que sugerimos. O objetivo deste trabalho não é transformar o *dialogismo* numa ferramenta para ser utilizada na clínica, para que a partir de agora a fonoaudiologia tenha mais uma teoria fazendo parte do seu campo

de investigação e intervenção. Se essa fosse nossa intenção poderíamos até criar uma designação para a união entre fonoaudiologia e *dialogismo*: FONOAUDIALOGIA. No entanto, não visamos essa simplificação teórica.

O que propomos é uma reflexão sobre algumas questões que incidem na fonoaudiologia, com um direcionamento especial para a clínica de linguagem. Para essa reflexão sugerimos o diálogo com Bakhtin que, na nossa opinião, pode acrescentar elementos na discussão de aspectos que estão envolvidos na clínica e na fonoaudiologia enquanto área do conhecimento. Sabemos que o *dialogismo* não tem todas as respostas de que necessitamos, assim como não é a teoria perfeita, completa, e isenta de qualquer crítica. Como referimos no início do trabalho, a fonoaudiologia foi construída sob “empréstimos” de outras disciplinas. Apropriações que, ao surgirem da necessidade de fundar uma área, acabam se refletindo na clínica e “imobilizando” a fonoaudiologia na discussão de temas pertencentes ao seu campo, como a questão do objeto, os campos de atuação e a relação com outras disciplinas. Por esse motivo, evitamos fazer do diálogo entre a fonoaudiologia e o *dialogismo* mais um empréstimo.

Argumentamos que o enfoque dialógico pode permear dois segmentos, se é que podemos dividir assim, da fonoaudiologia. Na clínica o *dialogismo* pode nos ajudar a pensar aspectos envolvidos na terapia de linguagem e a relação intersubjetiva que se estabelece entre o terapeuta e o “sujeito em tratamento”. Um outro segmento que achamos interessante pensar através da teoria bakhtiniana é a epistemologia. Como vimos em capítulos anteriores, a fonoaudiologia tem uma origem interdisciplinar, o que a torna uma área caracteristicamente heterogênea, mantendo relações com outras disciplinas. Já tivemos a oportunidade de dizer que esse fato não é necessariamente prejudicial, na medida em que aceitamos que a diferença é constitutiva de um todo, ou seja, a heterogeneidade está presente na



unidade, como postula Bakhtin. Assim, cremos que a interação com outros campos do conhecimento é produtiva, desde que não haja uma apropriação teórica reducionista. Outro ponto de vista que defendemos é o princípio do diálogo interno, pois acreditamos que é por essa via que a singularidade da fonoaudiologia, enquanto disciplina, deva ser discutida.

Por esse motivo, para nós a fonoaudiologia ainda se encontra em construção, pois necessita refletir e definir questões da sua especificidade. Na clínica, vemos que uma reflexão importante é a definição e distinção dos conceitos de linguagem, língua, fala, comunicação e sujeito<sup>134</sup>. Isso não significa que deva existir um conceito unificador para cada um desses tópicos, pois, como já dissemos nesse capítulo, sobre a linguagem, sempre podemos articular algo que interroge uma posição teórica inicialmente definida.

Nesse sentido, após o debate de questões que interessam à fonoaudiologia, através do diálogo com a teoria bakhtiniana, deixamos algumas perguntas para a clínica de linguagem na fonoaudiologia: Que *palavra* interessa ao fonoaudiólogo? Que lugar deve ocupar o outro/sujeito na terapia fonoaudiológica? Qual a importância da concepção de linguagem na clínica?

Retomando o que falamos no capítulo *Fonoaudiologia: reflexões sobre as origens da construção de um campo*, a prática da fonoaudiologia é anterior ao marco oficial de criação da área. É uma prática sem teorização. No mesmo capítulo, quando falamos da importância da criação de um texto próprio na fonoaudiologia, dissemos que uma das formas disso acontecer é com a realização de pesquisas. Um texto que marque a especificidade da fonoaudiologia deve contemplar, para nós, o teórico e o prático sobrepostos, num texto que reflita a clínica. No entanto, não pode

deixar de abordar assuntos que subjazem a área a que se refere a pesquisa. Assim, se a área de pesquisa é a clínica de linguagem, é essencial que haja referência à linguagem. Pesquisadores têm se empenhado nessa tarefa, mas o número de trabalhos ainda é pequeno se comparado proporcionalmente ao desenvolvimento da fonoaudiologia no Brasil.

Cabe ao fonoaudiólogo continuar investindo na discussão de questões pertinentes ao seu trabalho. Cabe-lhe a tarefa de pesquisar e procurar meios de divulgar suas formulações teóricas. Devemos buscar, além do diálogo com outras áreas do conhecimento, um diálogo com a própria fonoaudiologia. De nossa parte, é dessa maneira que esperamos dar continuidade ao trabalho de construção profissional que iniciou com os precursores da fonoaudiologia no Brasil.

---

<sup>134</sup> Sobre essa questão indicamos o trabalho de Barbosa, L. *Os efeitos de sentidos da lingüística no discurso fonoaudiológico: apropriações, distorções e deslizamentos*. (2002).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abrimos esta sessão dizendo que as considerações que nela apresentaremos não trazem nenhum conteúdo verdadeiramente novo ao conjunto do trabalho. Isso porque a discussão e a articulação dos diferentes pontos enfocados no trabalho estão presentes no capítulo anterior. Sendo assim, as formulações que aqui faremos respeitam mais a uma necessidade formal, do que propriamente a apresentação de algum teor inédito em relação ao que já desenvolvemos no corpo do trabalho. Entretanto, não desconsideramos a importância da síntese e da forma de encadeamento dos assuntos que empregamos.

Ao concluirmos esse estudo acreditamos ter alcançado os objetivos que traçamos para o seu desenvolvimento. Debates aspectos relacionados ao campo fonoaudiológico, discutimos tópicos relacionados à clínica da linguagem e analisamos a possibilidade de diálogo entre a fonoaudiologia e a teoria do *dialogismo* desenvolvida por Mikhail Bakhtin. Da mesma forma, defendemos a interlocução com Bakhtin, pois, em nossa opinião, o enfoque dialógico pode contribuir tanto na reflexão de questões de ordem epistêmica, como na de questões relacionadas à clínica fonoaudiológica.

Destacamos também dois pontos fundamentais que justificam o diálogo entre a fonoaudiologia e a teoria bakhtiniana: o fato de o *dialogismo* abranger e relacionar elementos referentes à linguagem, à língua, à comunicação, à fala, ao sujeito e ao sentido; o fato de a clínica da linguagem se efetivar plenamente na enunciação, lugar em que a linguagem vive, no aqui e agora, onde ocorre o entrecruzamento do teórico e do terapêutico.

Por considerar a linguagem sob uma perspectiva intersubjetiva, Bakhtin faz com que sua teoria possa ser compreendida entre os estudos enunciativos. Uma teoria enunciativa busca as relações entre a linguagem e a língua. Nesse enfoque, a língua não é estudada apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. A língua é vista através de seu funcionamento, em uso concreto pelo sujeito, estando relacionada à singularidade da ocorrência contextual. Por abordar a língua sob essa perspectiva e se preocupar com elementos como: o locutor, o interlocutor, a situação e o sentido é que acreditamos que as *teorias da enunciação* formam um amplo campo de pesquisa para o fonoaudiólogo.

Finalizamos essa dissertação enfatizando que escrever é, para nós, antes de tudo um ato de responsabilidade. Nesse sentido, procuramos ser cuidadosos ao trazermos Bakhtin para dialogar conosco. Principalmente porque a obra de Bakhtin é caracterizada pela pluralidade de estudos e por conter particularidades no processo de criação e de autoria. Todavia, mesmo tendo a preocupação teórica de não reduzir o autor aos conceitos que elaborou, corremos o risco de não representar suas idéias como ele próprio o faria. O que buscamos foi uma estruturação particular de sua obra, direcionada aos propósitos do nosso trabalho, mas sem ignorar a sua dimensão e a sua complexidade. Desse modo, pretendemos que o presente trabalho se insira junto aos estudos que refletem sobre o teórico e o prático, sobrepostos, na fonoaudiologia.

Conforme o que dissemos em páginas introdutórias, esperamos que você, leitor, tenha tido um proveitoso exercício, percorrendo o caminho que construímos com palavras. Se tivermos acrescentado idéias para outras pesquisas, instigado um pensamento, ou mesmo uma crítica, já nos damos por satisfeitos, pois assim comprovaremos o valor de nosso trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

ARANTES, L. O Fonoaudiólogo, Este Aprendiz de Feiticeiro. In: LIER-DE VITTO M. F. (org.), *Fonoaudiologia: no Sentido da Linguagem*, São Paulo, Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. *Diagnóstico e clínica de linguagem*. São Paulo, PUC, 2001. (Tese de doutorado)

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade Mostrada e Heterogeneidade Constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*. Tradução do texto original: “Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche des l’ autres dans le discours” In: DRLAV, no.26, 1982.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade(s) enunciativa(s) In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas (19) jul/dez 1990.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1990

BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. ( Voloschinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. (1952) Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. (1959) O problema do texto. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. (1970) Os estudos literários hoje. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. (1970) Apontamentos 1970-1971. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. (1974) Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Questões de Estética e Literatura: a teoria do romance*. São Paulo, Hucitec, 1988.

BARBOSA, L. *Os efeitos de sentidos da lingüística no discurso fonoaudiológico: apropriações, distorções e deslizamentos*. Porto Alegre, Instituto de Letras, PPG-Letras, UFRGS, 2002. (Dissertação de Mestrado)

BARROS, D. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: Barros, D. & Fiorin, J. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo, Editora da universidade de São Paulo, 1999.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, Pontes, 1989.

BOUKHARAEVA, L. M. *Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovitch Bakhtin*. Ijuí, UNIJUÍ, 1997.

- BOUQUET, S. *Introduction à la lecture de Saussure*. Payot, Paris, 1997.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: Barros, D. & Fiorin, J. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo, Editora da universidade de São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo*. (s/d) mimeog.
- BUENO, S. *Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa*. São Paulo, Saraiva, 1964.
- CALLIGARIS, C. A paixão de uma língua outro. In: *Le discours psychanalytique* nº 7, Paris, 1983. Traduzido por Carlos Eduardo Reis. Trabalho apresentado na 1ª Semana de atividades psicanalíticas, Porto Alegre, 1985.
- CAPPELLETTI, I. *A Fonoaudiologia no Brasil*. São Paulo, Cortez, 1985.
- CARDOSO, J. *Um vôo para a linguagem: do paradigmático ao sintagmático*. Porto Alegre, IPA/IMEC, 1996. (Trabalho de conclusão de curso)
- \_\_\_\_\_. *A intersubjetividade na clínica fonoaudiológica*. Trabalho apresentado no IIIº Colóquio do LEPSI – Psicanálise, infância e educação, USP, 2001.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo, Editora Ática, 1989.
- CHOMSKY, N. *Aspectos de la teoría de la sintaxis*. Madrid, Aguilar, 1971.
- CLARK, K. & HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge, Harvard University Press, 1984.

- CUNHA, M.C. *Fonoaudiologia e Psicanálise: a fronteira como território*. São Paulo, Plexus, 1997.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, Pontes, 1987.
- FILIDORO, N. & BARALO, F. Cómo aprenden los niños con problemas de lenguaje? In: *Escritos de la infancia*, nº 7, p. 35-45, Buenos Aires, Ediciones FEPI, 1996
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação - as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Editora Ática, 1996.
- FLORES, V. *Linguística e psicanálise*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte)*. Porto Alegre, Revista Letras de Hoje, V.36, nº 4, p.7-67, dezembro, 2001.
- FONSECA, S. C. *Afasia: a fala em sofrimento*. São Paulo, PUC, 1995. (Dissertação de Mestrado)
- FREIRE, R. M. (org.) *Fonoaudiologia – Seminários de debates*. Volume 3 (série interfaces). São Paulo, Roca, 2000.
- GIULIANI, N. La terapéutica del lenguaje: lugar de entrecruzamiento de discursos. In: *Escritos de la infancia*, nº 7, p. 27-34, Buenos Aires, Ediciones FEPI, 1996.



- GROISMAN, M. & JERUSALINSKY, A. Terapêutica da Linguagem: entre a voz e o significante. In: JERUSALINSKY, A. *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, São Paulo, Pontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. Bakhtin e os estudos da enunciação no Brasil. In: Oliveira, S., Parlato, E. & Rabello, S. (orgs.) *O falar da linguagem*. Série linguagem, São Paulo, Lovise, 1996.
- \_\_\_\_\_. Texto e enunciação. In: *Organon*. Vol. 9, nº 23, 1995 (p.63-67).
- HOLQUIST, M. *Dialogism: Bakhtin and his world*. London & New York:Routledge,1990.
- JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- \_\_\_\_\_. Dois tipos de linguagem e dois tipos de afasia. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- \_\_\_\_\_. El signo y el sistema de la lengua: uma reafirmación de la doctrina de Saussure. In: *Arte verbal, signo verbal, tiempo verbal*. México, Fondo de Cultura Econômica, 1992.
- \_\_\_\_\_. Les embrayeurs et le verbe russe”. In: *Essais de linguistique générale*. Paris. Minuit, 1963.

- \_\_\_\_\_. Linguística e poética. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- JERUSALINSKY, A. Falar uma criança. In: *Escritos da criança*, n.1, p.9-16, Porto Alegre, CLC/POA, 1987.
- LACAN, J. *O avesso da psicanálise*. O seminário – livro 17. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992. (original publicado em 1969 – 1970).
- LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo, Ática, 1979.
- LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- LEMOS, C. T. A função e o destino da palavra alheia – três momentos da reflexão de Bakhtin. In: Barros, D. & Fiorin, J. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo, Editora da universidade de São Paulo, 1999.
- LIER-DE VITTO, M. F. (org.) *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo, Cortez, 1997.
- MACHADO, I. *O Romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- MARTINS, E. *Enunciação e diálogo*. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1990.

- NETO, F. L. *O início da prática fonoaudiológica na cidade de São Paulo – seus determinantes históricos e sociais*. Programa de Distúrbios da Comunicação, PUC – SP, 1988. (Dissertação de Mestrado)
- NORMAND, C. Le GLG: une théorie de la signification? In: *La quadrature du sens*. Paris, PUF, 1990.
- OLIVEIRA, F. *Por uma terapêutica fonoaudiológica: os efeitos do discurso médico e do discurso pedagógico na constituição do discurso fonoaudiológico*. Porto Alegre, Instituto de Letras, PPG-Letras, UFRGS, 2002. (Dissertação de Mestrado)
- PALLADINO, R. Encontros e desencontros da fonoaudiologia. In: PASSOS, M. C. (org.) *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo, Plexus, 1996.
- RUBINO, R. Entre o ver e o ler: o olhar do fonoaudiólogo em questão. In: LIER-DE VITTO, M. F. (org.). *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo, Cortez, 1997.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1997
- SCHNAIDERMAN, B. Bakhtin no Brasil: dos estudos de texto ao grande simpósio universal. In: Oliveira, S., Parlato, E. & Rabello, S. (orgs.) *O falar da linguagem*. Série linguagem, São Paulo, Lovise, 1996.
- SEVERINO, A. J. A fonoaudiologia como ciência: perspectivas epistemológicas. In: PASSOS, M. C. (org.) *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo, Plexus, 1996.

- SILVA, M. I. *A gênese do Incidente em Antares*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.
- SOUZA, S. J. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, Papyrus, 1994.
- STAM, R. *Bakhtin – Da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo, Ática, 1992.
- SURREAUX, L. M. *Discurso fonoaudiológico: uma reflexão sobre sujeito, sentido e silêncio*. Porto Alegre, Instituto de Letras, PPG-Letras, UFRGS, 2000. (Dissertação de Mestrado)
- TASSINARI, M. I. Um ensaio sobre a relação terapêutica na clínica fonoaudiológica. In: *Aspectos atuais em terapia fonoaudiológica*. São Paulo, Pancast, 1998.
- TEIXEIRA, M. & FLORES, V. *Da Subjetividade na linguagem: lingüística e psicanálise*. Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1995.
- VOGT, C. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo, HUCITEC, 1980.
- VORCARO, A. *Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1999.
- YAVAS, M., HERNADORENA, C. & LAMPRECHT, R. *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

## ANEXO 1

### CURSO A – DISCIPLINAS E EMENTAS

#### DISCIPLINA: FONOTERAPIA DA FALA I

**EMENTA:**

Princípios básicos da fonoterapia da fala, sua evolução histórica e as correntes terapêuticas. Classificação das fonoterapias da fala segundo a etiologia, idade, grau de severidade, enfoque metodológico e prognóstico. Abordagens de Intervenção Precoce. Divergências teóricas e metodológicas quanto aos fenômenos patológicos de alterações do Sistema Estomatognático, Desvios Fonológicos, Paralisia Cerebral e Deficiência Mental. Resultados terapêuticos, sessão-tipo. Relação terapeuta-paciente. Critérios para alta.

#### DISCIPLINA: FONOTERAPIA DA FALA II

**EMENTA:**

Princípios básicos da fonoterapia da fala, sua evolução histórica e as correntes terapêuticas. Classificação das fonoterapias da fala segundo a etiologia, idade, grau de severidade, enfoque metodológico e prognóstico. Abordagens de Intervenção Precoce. Divergências teóricas e metodológicas quanto aos fenômenos patológicos das: disfluências, não fluência, gagueira e cluttering, disglossias (fissura labiopalatinas) e disartrofonias. Resultados terapêuticos, sessão-tipo, relação terapeuta-paciente e critérios para alta. Técnicas de reabilitação para distúrbios do processamento auditivo central.

#### DISCIPLINA: FONOTERAPIA DA LINGUAGEM ORAL INFANTIL I

**EMENTA:**

Princípios básicos da fonoterapia da linguagem oral. Linhas metodológicas.

Fonoterapia das patologias de linguagem baseadas no cognitivismo, examinando as teorias sóciointeracionistas e inatistas. Análise comparativa dos conceitos de Piaget, Vygotsky, Bruner e Chomsky, com as terapias organicistas e as implicações práticas para as Terapias fonoaudiológicas, classificando-as de acordo com os dados clínicos do paciente.

#### DISCIPLINA: FONOTERAPIA DA LINGUAGEM ORAL INFANTIL II

##### EMENTA:

Abordagens teóricas diferenciadas, com base na elaboração de planejamentos terapêuticos, procedimentos diversificados baseados nas teorias sócioconstrutivistas, interacionistas e nos modelos comportamentalista, organicista e inatista, discutindo as implicações na prática clínica, no atendimento de diferentes patologias.

#### DISCIPLINA: FONOTERAPIA DA LINGUAGEM DE ADULTOS NEUROLÓGICOS I

##### EMENTA:

Princípios básicos da fonoterapia da linguagem oral e escrita. Linhas metodológicas. Fonoterapia das patologias de linguagem de origem adquirida em adultos. Técnicas de reorganização e reestruturação da linguagem oral e escrita de adultos. Tipos de sessões. Recursos didáticos para a terapia. Critérios de alta.

#### DISCIPLINA: FONOTERAPIA DA LINGUAGEM DE ADULTOS NEUROLÓGICOS II

##### EMENTA:

Fonoterapia das patologias de linguagem de origem neurológica em adultos. Técnicas de reabilitação das disartrias, disfagias e disartrofonias decorrentes de patologias neurológicas. Fonoterapia nos quadros de demências. Planejamento de sessões. Recursos didáticos para a terapia. Critérios de alta.

## DISCIPLINA: PRÁTICAS FONOTERAPÊUTICAS I

### EMENTA:

Aplicação dos princípios básicos de fonoterapia, em voz, linguagem oral e escrita infantil e linguagem de adultos neurológicos. Elaboração de planejamento terapêuticos, organização e elaboração de planos de sessão, utilização de procedimentos, técnicas e recursos, aplicando-os as diversas patologias de crianças e adultos. Estabelecimento de critérios de alta.

## DISCIPLINA: PRÁTICAS FONOTERAPÊUTICAS II

### EMENTA:

Aplicação dos princípios básicos de fonoterapia, em voz, linguagem oral e escrita infantil e linguagem de adultos neurológicos. Elaboração de planejamentos terapêuticos, organização e elaboração de planos de sessão, utilização de procedimentos, técnicas e recursos, aplicando-os as diversas patologias de crianças e adultos. Estabelecimento de critérios de alta.

## CURSO B – DISCIPLINAS E EMENTAS

### DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM ORAL

#### EMENTA:

Construção de conceitos básicos de processamento de linguagem oral, noção do perfil de aquisição da linguagem oral na faixa etária de 0 a 6 anos, correlacionando este perfil com o desenvolvimento do ponto de vista cognitivo, afetivo e psicomotor. Análise dos procedimentos de avaliação e terapia para os retardos simples e as disfasias, situando tais desvios de linguagem oral em meio a grandes quadros de patologias do desenvolvimento infantil (deficiência mental, encefalopatias motoras, autismo, psicose, neurose, entre outros).

### DISCIPLINA: LINGUAGEM ORAL II

#### EMENTA:

Trata da etiologia, da avaliação, da terapia fonoaudiológica e da prevenção dos distúrbios da fluência e suas relações com os processos de desenvolvimento da linguagem oral.

### DISCIPLINA: LINGUAGEM ORAL III

#### EMENTA:

Técnicas de avaliação e terapia em linguagem oral, considerando a surdez e os desvios fonológicos evolutivos.

### DISCIPLINA: LINGUAGEM NO ADULTO

#### EMENTA:

Estudo dos distúrbios adquiridos de linguagem, com ênfase em afasia, organização de técnicas de avaliação e terapia de afásicos, por meio de atividades práticas de campo, estudo e análise de casos.



DISCIPLINA: EDUCAÇÃO ESPECIAL NA SURDEZ

EMENTA:

Aspectos fonoaudiológicos relacionados à educação, reabilitação e inclusão de pessoas surdas, incluindo-se atividades teórico-práticas.

## CURSO C – DISCIPLINAS E EMENTAS

### DISCIPLINA: LINGUAGEM I

**EMENTA:**

Principais teorias de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Etiologia, diagnóstico, avaliação e tratamento dos distúrbios de linguagem decorrentes de retardo de linguagem, deficiência mental, paralisia cerebral, apraxia. Patologias degenerativas na infância.

### DISCIPLINA: LINGUAGEM II

**EMENTA:**

Etiologia, identificação, avaliação e tratamento de desvio fonológico e transtornos de fluência.

### DISCIPLINA: LINGUAGEM III

**EMENTA:**

Etiologia, identificação, avaliação e tratamento dos transtornos de linguagem decorrentes de deficiência auditiva, distúrbios do processamento auditivo central, autismo e distúrbios de linguagem de causa psicogênica.

### DISCIPLINA: LINGUAGEM IV - PATOLOGIAS DO ADULTO

**EMENTA:**

Etiologia, identificação, avaliação e tratamento dos transtornos no adulto decorrente de neuropatia e/ou encefalopatia.

## CURSO D – DISCIPLINAS E EMENTAS

### DISCIPLINA: FONOLOGIA APLICADA

#### EMENTA:

Conhecer as teorias de aquisição fonológica, aquisição fonológica normal, desvios fonológicos, fundamentos para avaliação fonológica, descrição fonética, análise de traços distintivos, análise contrastiva, análise de processos fonológicos e princípios gerais do tratamento de desvios fonológicos.

### DISCIPLINA: AVALIAÇÃO E TERAPIA DAS ALTERAÇÕES DA FALA

#### EMENTA:

Conhecer os critérios e métodos de avaliação para o diagnóstico dos distúrbios da fala. Habilitar e reabilitar adultos e crianças com distúrbios da fala.

### DISCIPLINA: AVALIAÇÃO E TERAPIA DAS ALTERAÇÕES DA VOZ E DA FLUÊNCIA

#### EMENTA:

Conhecer os critérios e métodos de avaliação para o diagnóstico das alterações da voz e da fluência. Habilitar e reabilitar adultos e crianças com alterações da voz e da fluência.

### DISCIPLINA: AVALIAÇÃO E TERAPIA DAS ALTERAÇÕES DA LINGUAGEM

#### EMENTA:

Conhecer os critérios e métodos de avaliação para o diagnóstico dos distúrbios de linguagem. Habilitar e reabilitar adultos e crianças com distúrbios de linguagem.

## ANEXO 2

### BIBLIOGRAFIA CURSO A

BARBOSA, L.M.G. & CHIARI, M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. São Paulo, Pró-fono, 1998.

FINNIE, N. *Manuseio em casa da criança com paralisia cerebral*. São Paulo, Manole, 1997.

FRANÇOIS, F. *Teorias e práticas: práticas do oral*. Carapicuíba, Pró-fono, 1996.

FREIRE, M.R. *A linguagem como processo terapêutico*. São Paulo, Plexus, 1996.

JAKUBOVICZ, R. *A gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças*. Rio de Janeiro, Revinter, 5ª ed. 1997.

JAKUBOVICZ, R. & MEINBERG, R. *Introdução à afasia – Elementos para Diagnóstico e terapia*. Rio de Janeiro, Revinter, 1992.

KAGAN, A. & BALING, M.M. *Introdução a afasiologia de Luria – Teoria e Aplicação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

LIMONGI, S.C.O. *Paralisia cerebral: processo Terapêutico em linguagem e cognição (pontos de vista e abrangência)*. Carapicuíba, Editora Pró-fono, 2000.

LÖWE, R.J. *Fonologia – Avaliação e intervenção: aplicações na patologia da Fala*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

MOTA, H.B. *Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos*. Rio de Janeiro, Revinter, 2001.

TISSOT, A. *Reeducação do adulto afásico*. São Paulo, Roca, 2ª ed. 1998.

VAN RIPER, C. & EMERICK, L. *Correção da linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 8ª ed. 1997.

YAVAS, M. *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.

ZORZI, J. *Aquisição da linguagem infantil: desenvolvimento, alterações e Terapia*. São Paulo, Pancast, 1996.

## BIBLIOGRAFIA CURSO B

ANDRADE, C.R.F. *Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras Infantis*. Pró-fono, São Paulo, 1999.

BARBOSA, L.M.G. & CHIARI, M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. São Paulo: Pró-fono, 1998.

BEVILACQUA, M.C. & FORMIGONI, G. *Audiologia educacional: uma opção Terapêutica para a criança deficiente auditiva*. Carapicuíba, Pró-fono, 1997.

FREIRE, M.R. *A linguagem como processo terapêutico*. São Paulo, Plexus, 1996.

JAKUBOVICZ, R. & MEINBERG, R. *Introdução à afasia – Elementos para Diagnóstico e terapia*. Rio de Janeiro, Revinter, 1992.

LÖWE, R.J. *Fonologia – Avaliação e intervenção: aplicações na patologia da Fala*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

SIMONEK, M.C. & LEMES, V.P. *Surdez na infância: diagnóstico e tratamento*. Rio de Janeiro, soluções gráficas design studio, 1996.

TISSOT, A. *Reeducação do adulto afásico*. São Paulo, Roca, 2ª ed. 1998.

VAN RIPER, C. & EMERICK, L. *Correção da linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 8ª ed. 1997.

YAVAS, M. *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.

## BIBLIOGRAFIA CURSO C

ANDRADE, C.R.F. *Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras Infantis*. Pró-fono, São Paulo, 1999.

BARBOSA, L.M.G. & CHIARI, M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. São Paulo: Pró-fono, 1998.

MOTA, H.B. *Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos*. Rio de Janeiro, Revinter, 2001.

VAN RIPER, C. & EMERICK, L. *Correção da linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 8ª ed. 1997.

YAVAS, M. *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.

YAVAS, M., HERNADORENA, C. & LAMPRECHT, R. *Avaliação fonológica da Criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

ZORZI, J. *A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem infantil*. Rio de Janeiro, Revinter, 1999.

## BIBLIOGRAFIA CURSO D

ANDRADE, C.R.F. *Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras Infantis*. Pró-fono, São Paulo, 1999.

FRIEDMAN, S. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira. In: Passos, M.C. *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo, Plexus, 1996.

FRIEDMAN, S. *Gagueira: origem e tratamento*. São Paulo, Summus, 1986.

GARGANTINI, M.B.M. *Reflexões sobre a gagueira: definição, avaliação e terapia*. Revista Fono atual, ano 4, nº 15, 2001.

HERNANDORENA, C. L. M. & LAMPRECHT, R.R. *Implicações da teoria da Fonologia natural e da teoria dos traços distintivos na fonologia clínica*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 23, nº 4, p. 57-79, dez. 1988.

JAKUBOVICZ, R. *A gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças*. Rio de Janeiro, Revinter, 5ª ed. 1997.

KESKE, M. *Aplicação de um modelo de terapia fonológica para crianças com Desvios fonológicos evolutivos: a hierarquia implicacional dos traços distintivos*. Dissertação de Mestrado – PUC-RS, Porto Alegre, 1996.

KESKE, M. *Um modelo de terapia com base fonológica para crianças com desvios Fonológicos evolutivos*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.33, nº 2, p. 107-114, jun. 1998.

LÖWE, R.J. *Fonologia – Avaliação e intervenção: aplicações na patologia da fala*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

MOTA, H. B. *Uma abordagem terapêutica baseada nos processos fonológicos no Tratamento de crianças com desvios fonológicos*. Dissertação de Mestrado – PUC-RS, Porto Alegre, 1990.

MOTA, H.B. *Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos*. Rio de Janeiro, Revinter, 2001.

PEREIRA, L. F. *Tratamento fonológico baseado nos contrastes de oposições Máximas*. Dissertação de Mestrado – UFSM, Santa Maria, 1999.

PEREIRA, M.M.B., SOARES, E.Q.W, & FERREIRA, R..C. *Disfluência infantil: Tratamento direto x tratamento indireto*. Revista Fono atual, ano 4, nº 15, 2001.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de Exercícios*. São Paulo, Contexto, 1999.

VAN RIPER, C. & EMERICK, L. *Correção da linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 8ª ed. 1997.

WILLES, B.C. *Livro de exercícios de terapia da palavra para a criança que gagueja*.

YAVAS, M. *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.

YAVAS, M., HERNADORENA, C. & LAMPRECHT, R. *Avaliação fonológica da Criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

ZORZI, J. *A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem infantil*. Rio de Janeiro, Revinter, 1999.